

UNIVERSIDADE DE LISBOA
INSTITUTO DE EDUCAÇÃO



**SUPERVISÃO E ORIENTAÇÃO DA PRÁTICA PROFISSIONAL: UM
CONTRIBUTO PARA O DESENVOLVIMENTO PROFISSIONAL E PESSOAL DO
PROFESSOR E A MELHORIA DA PRÁTICA DOCENTE**

Sene Djau

MESTRADO EM EDUCAÇÃO
Supervisão e Orientação da Prática Profissional

Dissertação Orientada pelo Professor Doutor Luís Alexandre da Fonseca Tinoca

2020

UNIVERSIDADE DE LISBOA
INSTITUTO DE EDUCAÇÃO



**SUPERVISÃO E ORIENTAÇÃO DA PRÁTICA PROFISSIONAL: UM
CONTRIBUTO PARA O DESENVOLVIMENTO PROFISSIONAL E PESSOAL DO
PROFESSOR E A MELHORIA DA PRÁTICA DOCENTE**

Sene Djau

MESTRADO EM EDUCAÇÃO
Supervisão e Orientação da Prática Profissional

Dissertação Orientada pelo Professor Doutor Luís Alexandre da Fonseca Tinoca

2020

Dissertação apresentada como requisito parcial para a obtenção de grau de Mestre em
Educação na área de Supervisão e Orientação da Prática Profissional.

Este trabalho, integrado no Mestrado em Educação, Especialização em Supervisão e Orientação da Prática Profissional, do Instituto da Educação da Universidade de Lisboa, desenvolveu-se nas instalações da Universidade Católica da Guiné-Bissau (UCGB), nos anos letivos de 2018/2019 e 2019/2020. Faz parte do Projeto “Cultura i nô balur - uma estratégia de Educação para a Cultura na Guiné-Bissau” que decorre entre junho de 2016 a agosto de 2020, na Guiné-Bissau. Foi promovido pela ONG FEC – Fundação Fé e Cooperação e subsidiado pela União Europeia, Misericórdia e Instituto Camões.

Agradecemos a todos os que criaram as condições para que este mestrado se realizasse nas melhores condições possíveis e em particular à Reitora da UCGB, Professora Zaida Pereira e ao técnico da FEC Professor Everton Dalmann.

Site do projeto: <http://www.fecong.d.org/project/cultura-i-no-balur/>

AGRADECIMENTOS

Ao meu orientador Prof. Doutor Luís Alexandre da Fonseca Tinoca, pelo apoio, pela forma sábia que em cada fase soube compreender as minhas limitações e me fez crescer.

A todos os professores intervenientes neste Mestrado em Educação: Supervisão e Orientação da Prática Profissional, pelos conhecimentos valiosos que me transmitiram.

Estendo os meus agradecimentos à União Europeia, à Misereor à FEC, ao Instituto Camões, à Universidade Católica e à Universidade de Lisboa – Instituto da Educação, por promoverem este curso e este grau de formação no nosso país.

À minha avó Fatumata Si, minha mãe Ussainato Bá e ao meu tio Alassana Bá, *in memoriam*, pela educação e esta forma linda de viver que me deram, devo a eles o perfil de homem que sou.

Aos meus filhos, Saliu, Mariama Célia, Nhima, Fatumata e Salimato Djau por compreenderem as minhas ausências nos momentos em que necessitavam.

À minha esposa Cadidjato Djau e à esposa do meu gêmeo Cadidjato Djaló, pelo apoio e encorajamento e pela compreensão das minhas ausências em vários momentos na educação das crianças.

Ao meu gêmeo e amigo de vida, Sana Djau, com quem partilho as ideias diariamente e que sempre esteve presente nesta e em várias outras caminhadas.

Ao meu tio/pai Alfa Bá, pela educação que sempre me proporcionou.

A toda minha família pela motivação e incentivo.

A todos os colegas de Mestrado e amigos, pela amizade e espírito de solidariedade desenvolvido.

A Deus, por me dar força nos momentos mais difíceis desta caminhada.

Digo a todos, do fundo do meu coração que não vejo palavras suficientes para vos atribuir em jeito de agradecimentos, por isso, simplesmente vos digo, de mil a uma vez, obrigado!

Para a minha esposa, Cadidjato Djau, pela paciência, carinho e apoio.

Para os meus filhos: Saliu Djau,

Mariama Célia Djau, Nhima S. Djau,

Fatumata Djau e Salimato S. Djau

que me declararam

um grande amor.

RESUMO

A investigação intitulada “Supervisão e Orientação da Prática Profissional: Um Contributo para o Desenvolvimento Profissional e Pessoal do Professor e a Melhoria da Prática Docente”, pretende compreender de que modo a supervisão e orientação da prática pedagógica contribui para a aprendizagem da docência e o desenvolvimento pessoal e profissional. A presente investigação é de carácter exploratório e de natureza descritiva optando-se por uma abordagem qualitativa. Optámos pela técnica de entrevista semiestruturada, realizamos também 3 observações supervisivas a três professores e recolhemos dados através de fichas de levantamento de informações. A investigação foi desenvolvida em uma escola pública de regime autogestão, situada no setor autónomo de Bissau. Definiu-se para esta investigação os seguintes objetivos específicos: a) identificar de que forma os processos de supervisão apoiam os professores na planificação; b) caracterizar a visão que os professores da escola têm da supervisão; c) descrever o tipo de relação que os professores estabelecem com o supervisor; d) compreender de que forma a supervisão apoia os professores; e) compreender como é que a supervisão contribui para o estabelecimento de um clima facilitador de aprendizagem. Os resultados revelam que os inspetores/supervisores da IGE – Inspeção Geral de Educação não conseguem dar o apoio necessário e suficiente aos professores. Consta-se ainda uma grande ausência dos inspetores/supervisores da IGE e um fraco apoio dos supervisores internos na planificação das atividades letivas dos professores. Contudo há um reconhecimento dos professores sobre a importância do trabalho do supervisor. A ação supervisiva é vista como um contributo indispensável para uma prática pedagógica reflexiva dos professores e em consequência para o seu desenvolvimento profissional. Ficou claro que a ação pedagógica dos professores precisa ser impulsionada cada vez mais para que se possa estabelecer um clima facilitador de aprendizagem dentro da sala de aula entre o professor e o aluno.

Palavras-Chave: *Supervisão Pedagógica; Desenvolvimento Profissional; Prática Pedagógica; Guiné-Bissau.*

ABSTRACT

The research entitled "Supervision and Guidance of Professional Practice: A Contribution to the Professional and Personal Development of Teachers and the Improvement of Teaching Practice", aims to understand how the supervision and guidance of pedagogical practice contributes to teacher learning and their personal and professional development. The present investigation is exploratory and descriptive in nature, opting for a qualitative approach. We opted for the semi-structured interview technique, and also made 3 supervisory observations to three teachers and collected data through information gathering forms. The research was carried out in a self-managed public school, located in the autonomous sector of Bissau. The following specific objectives were defined for this investigation: a) to identify how the supervision processes support teachers planning; b) characterize the view that school teachers have of supervision; c) describe the type of relationship that teachers establish with the supervisor; d) understand how supervision supports teachers; e) understand how supervision contributes to the establishment of a facilitating learning environment. The results reveal that the inspectors / supervisors of the IGE (Inspeção Geral de Educação – Education General Inspectorate) are unable to provide the necessary and sufficient support to teachers. There is also a large absence of IGE inspectors / supervisors and weak support from internal supervisors in planning teachers' teaching activities. However, teachers recognize the importance of the supervisor's work. Supervisory action is seen as an indispensable contribution to a reflective pedagogical practice of teachers and as a consequence for their professional development. It became clear that the pedagogical action of teachers needs to be boosted more and more so that a climate that facilitates learning within the classroom between the teacher and the student can be established.

Key words: *Pedagogical Supervision; Professional development; Pedagogical Practice; Guinea Bissau.*

ÍNDICE GERAL

AGRADECIMENTOS	VI
RESUMO	VIII
ABSTRACT	IX
ÍNDICE GERAL	X
ÍNDICE DE QUADROS.....	XII
LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS.....	XIII
INTRODUÇÃO.....	1
PARTE I - ENQUADRAMENTO TEÓRICO	6
Introdução	6
CAPÍTULO 1 - SUPERVISÃO	6
1.1. Supervisão: Conceitos.....	6
CAPÍTULO 2 - DESENVOLVIMENTO PROFISSIONAL DOCENTE	11
CAPÍTULO 3 - A AVALIAÇÃO DO DESEMPENHO DOCENTE: CONTRIBUTOS PARA A MELHORIA DA PRÁTICA DOCENTE E A QUALIDADE DE SISTEMA DE ENSINO	14
CAPÍTULO 4 - A PRÁTICA REFLEXIVA DOS PROFESSORES.....	16
CAPÍTULO 5 - A SUPERVISÃO ENQUANTO AÇÃO REFLEXIVA DOS PROFESSORES .	18
CAPÍTULO 6 - A SUPERVISÃO PEDAGÓGICA NO CONTEXTO EDUCATIVO GUINEENSE	21
PARTE II - PROCESSO DE INVESTIGAÇÃO EMPÍRICA.....	26
CAPÍTULO 1 - METODOLOGIA.....	26
1.1. Estudo de Caso	27
1.2. Participantes no estudo.....	28
1.3. Técnicas de Recolha de Dados	29
1.3.1. Fichas de caracterização da instituição, do espaço educativo e dos participantes	30
1.3.2. Grelha de observação focada nas estratégias de ensino.	31
1.3.3. Entrevista	32
1.4. Técnicas de Análise de Dados	34
1.4.1. Análise de Conteúdo	34
1.4.2. A codificação	36
1.4.3. A categorização.....	37
1.5. Calendário de desenvolvimento da investigação	38
PARTE III – APRESENTAÇÃO, ANÁLISE E DISCUSSÃO DE RESULTADOS.....	39
Caracterização do Contexto da Investigação	39
A Escola.....	39
Os Participantes	40
CAPÍTULO 1 - RESULTADOS DAS ENTREVISTAS: AS OPINIÕES DOS ENTREVISTADOS	42

1.1. Síntese interpretativa.....	42
1.1.1. Escola.....	42
1.1.2. Supervisão pedagógica.....	43
1.1.3. 3.ª Categoria - A Avaliação.....	50
1.1.4. 4.ª Categoria - Métodos e estratégias de ensino e aprendizagem.....	52
1.1.5. 5.ª Categoria – Planeamento das atividades letivas	53
1.2. Interpretação da grelha de observação focada: estratégias de ensino	54
CAPÍTULO 2 – CONCLUSÕES	56
Considerações finais.....	61
Limitações do estudo.....	63
Linhas para investigações futuras	64
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	66
ANEXOS.....	71
Anexo I – Pedido de encontro de trabalho para informar sobre o projeto a desenvolver na escola..	72
Anexo II – Carta-Acordo.....	73
Anexo III – Ficha da instituição.....	74
Anexo IV – Ficha do espaço educativo.....	78
Anexo V – Ficha do professor	81
Anexo VI – Grelha de observação focada: estratégias de ensino.....	83
Anexo VII – Guião de entrevista aplicado ao diretor da escola.....	85
Anexo VIII – Guião de entrevistas aplicado ao Presidente do Conselho Técnico Pedagógico.....	91
Anexo IX – Guião de entrevista aplicada aos professores.....	97
Anexo X – Transcrição da entrevista realizada com o diretor da escola (E1).....	102
Anexo XI – Transcrição da entrevista realizada com o PCTP (E2)	116
Anexo XII – Transcrição da entrevista realizada com o professor (E3)	131
Anexo XIII - Transcrição da entrevista realizada com o professor (E4)	144
Anexo XIV – Quadro resumo das categorias, subcategorias e unidades de registo das entrevistas	156
Anexo XV – Autorização para o uso do nome oficial da escola no trabalho.	165

ÍNDICE DE QUADROS

Quadro n.º 1 – Resumo da codificação dos entrevistados

Quadro n.º 2 – Calendário e desenvolvimento da investigação

Quadro n.º 3 – Caracterização dos entrevistados

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AQUALEICA – Associação de Quadros Leigos Católicos

COME – Comissões de Estudo

E – Entrevistado

GB – Guiné-Bissau

IGE – Inspeção Geral da Educação

LP – Língua Portuguesa

MEN – Ministério da Educação Nacional

PCTP – Presidente do Conselho Técnico Pedagógico

Pesq. – Pesquisador

SP – Supervisão Pedagógica

INTRODUÇÃO

A presente investigação intitulada “Supervisão e Orientação da Prática Profissional: Um Contributo para o Desenvolvimento Profissional e Pessoal do Professor e a Melhoria da Prática Docente”, concebida no âmbito de Mestrado em Educação, área de Supervisão e Orientação da Prática Profissional, pretende compreender de que modo a supervisão e orientação da prática pedagógica contribui para a aprendizagem da docência e o desenvolvimento pessoal e profissional.

Do problema descrito, destacaram-se para este trabalho os seguintes objetivos específicos: a) identificar de que forma os processos de supervisão apoiam os professores na planificação das suas práticas; b) caracterizar a visão que os professores da escola têm da supervisão; c) descrever o tipo de relação que os professores estabelecem com o supervisor; d) compreender de que forma a supervisão apoia os professores na melhoria das suas práticas de ensino; e) compreender como é que a supervisão contribui para o estabelecimento de um clima facilitador de aprendizagem dentro da sala de aula.

Um dos motivos da escolha deste tema prende-se tanto com a experiência profissional do investigador em contexto educativo e o fato de pertencer à classe dos inspetores, e de ter percebido que o tema em estudo carece de investigação no contexto educativo guineense.

Sabe-se que os problemas educacionais têm sido uma preocupação constante dos investigadores, mas sobretudo os da área das ciências sociais que sempre tiveram uma preocupação em compreender diferentes problemas que afetam os processos de ensino e aprendizagem. Neste sentido, compreender como o processo de ensino e aprendizagem se concretiza condiciona para uma busca de respostas sobre como os professores enquanto profissionais e elemento principal da ação educativa atuam dentro e fora das salas de aula face às exigências dos alunos. Daí, vê-se que a ação pedagógica dos professores deve merecer

uma atenção especial dado que é um condicionante para que se possa chegar a uma verdadeira aprendizagem aos alunos.

Partindo do exposto, surge então a necessidade de melhorar a atuação dos professores dentro e fora das salas de aula através de um processo de acompanhamento e apoio. Neste caso, parece-nos que seria imperativo começarmos a falar da supervisão pedagógica enquanto mecanismo da aprendizagem da docência.

De acordo com Silva, et al. (2010, p. 65, citando Alarcão, 2002), a supervisão pedagógica “deve ser vista não simplesmente no contexto da sala de aula, mas no contexto mais abrangente da escola, como lugar e tempo de aprendizagem para todos (crianças e jovens, educadores e professores, auxiliares e funcionários) e como lugar e tempo de aprendizagem para si própria como organização qualificante que, também ela, aprende e se desenvolve”. Ora, a supervisão pedagógica é vista aqui não só como uma ferramenta de apoio ao professor na sala de aula, mas como uma mais-valia e um contributo indispensável para o desenvolvimento profissional e pessoal do professor, ainda vista como uma ferramenta pedagógica para toda a sua carreira profissional.

No contexto educativo guineense, o termo supervisão pedagógica é associado a inspeção pedagógica, ainda que, o sistema educativo não tenha ainda conseguido formar um corpo supervisoivo para fazer face às exigências dos seus professores no que diz respeito à superação das suas dificuldades e em consequência à melhoria das suas práticas pedagógicas dentro e fora da sala de aula. Os inspetores são delegados de poderes para apoiarem a ação pedagógica dos professores, ajudando-os a melhorarem as suas práticas. No entanto, isso só acontece no domínio teórico, não consegue concretizar-se na prática devido a fatores de várias ordens. A ação dos inspetores concentra-se mais no domínio da fiscalização e controlo do que no apoio.

É preciso ver e compreender a ação dos inspetores atuantes enquanto supervisores num sentido mais amplo, como o da melhoria para o desenvolvimento profissional do professor. Contudo dissemos que o professor é, e deve ser sempre um profissional reflexivo nas suas atuações, porém, torna-se difícil ele por si só ultrapassar todos os obstáculos que o condicionam negativamente no exercício das suas ações pedagógicas. Compreende-se que a prática reflexiva dos professores é a base da profissionalização da ação educativa, mas, esta reflexibilidade deve ser sempre sustentada continuamente por vários atores coletivos. Nesta ótica parecem interessantes as palavras de Silva (2009. p. 63, citando Zeichner, 1993), em que este “defende que os supervisores devem ajudar os professores a desenvolver capacidades de reflexão sobre a sua prática com o intuito de a melhorarem”.

Esta melhoria da prática significa o desenvolvimento enquanto profissional. Desta forma, congratulamos com Vasconcelos, et al. (2010, p. 97 citando Santana, 1993) que afirma que “o desenvolvimento pessoal do professor dignifica-se e ganha força quando ele participa na construção do seu próprio conhecimento através de trocas refletidas sobre a sua prática, de debates críticos sobre a função da profissão docente e da implementação de uma dinâmica de formação na escola”.

Para a realização deste trabalho, optamos pela pesquisa exploratória - descritiva, com uma abordagem de índole qualitativa, sendo considerado adequado para responder aos objetivos deste estudo. Para os sujeitos selecionados, construímos e aplicamos diferentes instrumentos para a recolha de dados, assim sendo, fizemos 4 entrevistas que contaram com a participação do diretor da escola, do presidente do conselho técnico pedagógico e de dois professores, realizamos também 3 observações supervisivas a três professores: dois professores de língua portuguesa e um professor de química, finalmente aplicamos fichas de recolha de informações a sete professores selecionados da escola.

Em termos estruturais o presente trabalho organiza-se em três grandes partes, para além desta introdução.

Na primeira parte, procuramos fazer o enquadramento teórico no qual descrevemos os resultados da revisão da literatura que norteiam este trabalho, querendo com isto dizer que outros estudos mereceram a nossa atenção. Importa dizer que, dada a necessidade de aprofundar o tema em estudo e procurar o seu melhor enquadramento construímos seis capítulos nos quais procuramos fazer várias abordagens, dentre elas, e tendo em conta a necessidade de esboçar sobre a nossa realidade abrimos um capítulo específico ao qual recorreremos a escritos de diferentes autores numa abordagem do contexto educativo guineense.

Na segunda parte, desenhámos o caminho percorrido para a consecução deste trabalho, ou seja, descrevemos a metodologia usada, o que nos permite fazer a apresentação dos procedimentos e dos instrumentos de recolha e análise de dados. Definimos a abordagem empírica utilizando como instrumento de recolha de dados a entrevista semiestruturada. Neste enquadramento, optamos por entrevistar 4 participantes da escola, neste caso: o diretor da escola, o presidente do conselho técnico pedagógico e dois professores, realizamos também 3 observações supervisivas a três professores: dois professores de língua portuguesa e um professor de química, aplicamos fichas de recolha de informações a sete professores selecionados, aplicamos uma ficha da instituição ao diretor da escola, ainda aplicamos a grelha de observação de aulas a três professores e finalmente aplicamos uma ficha de levantamento de informações como instrumento para descrever todo o espaço educativo da escola em estudo. Tudo isso com o intuito de obtermos dados e informações preciosas para o alcance dos objetivos do estudo.

Finalmente, na terceira e última parte, apresentamos os resultados do nosso trabalho e por fim, apresentamos as conclusões onde se discutem os resultados e se tecem as

considerações finais, baseadas nos resultados obtidos. Por último, apresentam-se as limitações do estudo e linhas para as investigações futuras.

Nos anexos encontram-se os instrumentos construídos para a elaboração desta investigação, designadamente os protocolos, os guiões das entrevistas, as fichas de levantamento de dados, grelha de observação focada, a transcrição das entrevistas dos participantes no estudo, o quadro resumo das categorias das entrevistas e a autorização para o uso do nome oficial da escola no trabalho.

PARTE I - ENQUADRAMENTO TEÓRICO

Introdução

A revisão da literatura, segundo Gomes (2012, p. 20) referenciando Cardoso, Alarcão e Celorico (2010), realiza duas finalidades, a primeira tem como objetivo fornecer informação sobre determinada área temática, funcionando como ponto de partida para as investigações, a segunda tem como objetivo funcionar como um corpo de reflexão com individualidade própria, que constitui um ponto de chegada da compreensão de uma temática depois de analisados e comparados os estudos existentes. Neste sentido o investigador trabalha a informação proveniente das chamadas fontes que são a matéria-prima sobre a qual se debruça e processa a análise, originando desta forma novos conhecimentos, que constitui uma nova informação para novos estudos, ainda que o conhecimento constrói-se sequencialmente.

CAPÍTULO 1 - SUPERVISÃO

1.1. Supervisão: Conceitos

O termo supervisão, com origem no séc. XVII, cuja utilização se aplica a uma diversidade de áreas, não sendo, por isso, pacífica a sua definição, apesar de largamente debatida e estudada por muitos investigadores, tem conduzido a uma significativa indefinição conceptual, (Medina, 2002 citado por Laranjeira, 2016, p. 7).

Vieira (2009, p. 199), referindo alguns autores, afirma que no domínio educacional, a noção de supervisão tem uma herança histórica associada às funções de inspeção e controlo (Duffy, 1998; McIntyre & Byrd, 1998), apesar da viragem radical operada com o movimento da supervisão clínica, iniciado nos Estados Unidos a partir da

década de 1960 e introduzido em Portugal por Alarcão na década de 1980 (Alarcão, 1982).

Alarcão e Tavares, (2007, pp. 5-6) referem o seguinte:

a supervisão (...) influenciada pela consciência da necessidade de formação contínua e pela conceptualização (...) desenvolvida no que respeita aos processos de desenvolvimento profissional ganhou uma dimensão auto-reflexiva e auto-formativa (...) aceita hoje os desafios que lhe coloca (...) a escola, a sua autonomização e progressiva responsabilização, a necessidade de se auto-questionar e auto-avaliar para ter uma melhor qualidade e uma maior influência social (...) a supervisão é uma atividade que visa o desenvolvimento e a aprendizagem dos profissionais. No caso dos professores (...) gerem (...) a aprendizagem dos seus alunos. (Citado por Prates, 2010, p. 21).

No trabalho apresentado por Alarcão e Tavares (2003 citado por Gomes, 2012, pp. 22-23), estes autores definiram a supervisão como o processo em que um professor, em princípio mais experiente e informado, orienta um outro professor ou candidato a professor no seu desenvolvimento profissional e humano. Não obstante, apresentaram nove cenários de supervisão possíveis:

- a) **O cenário da imitação artesanal;** que consta em colocar os professores a praticar com o mestre que detém todo o conhecimento, poder e autoridade, limitando-se o aprendiz a imitar.
- b) **O cenário da aprendizagem pela descoberta guiada;** que consta na substituição da imitação do mestre pelo conhecimento analítico dos modelos de ensino.

- c) **O cenário behaviorista;** que consta em incluir-se na comunidade educativa, mantendo um clima envolvente sobre os conteúdos a ensinar, a gestão do programa e do espaço sala de aula.
- d) **O cenário clínico;** que consta num ciclo de observação em que o professor fosse o elemento dinâmico e o supervisor precipitasse a função de o ajudar a analisar e repensar o seu próprio ensino.
- e) **O cenário psicopedagógico** proposto por Stones (1984, citado por Alarcão & Tavares, 2003); que consta em ensinar os professores a ensinar, apoiando-se num corpo de conhecimento e derivados da psicologia do desenvolvimento e da aprendizagem (Piaget, Bruner e Vygotsky) comum a dois mundos que se relacionam: a relação ensino-aprendizagem entre supervisor e professor; a relação ensino-aprendizagem entre o professor e os alunos. Este cenário é diferente do cenário da supervisão clínica. Este concentra-se no estágio pedagógico. Aquele aborda ainda a prática pedagógica mas concentra-se na sua relação com a componente psicopedagógica de índole teórica. A formação inicial passa pelo conhecimento, observação e aplicação. O ciclo de supervisão da prática pedagógica consta em três etapas: (i) preparação da aula, com o formando; (ii) discussão da aula; (iii) avaliação do ciclo de supervisão.
- f) **O cenário pessoalista;** que consta em salientar a importância do desenvolvimento pessoal, destacando-se o autoconhecimento, o autodesenvolvimento e as necessidades e preocupações sentidas pelo professor. Logo, a formação de professores deve ter em conta o nível de desenvolvimento dos professores em formação, as suas perceções, sentimentos e objetivos, promovendo experiências que os ajudem a refletir e a extrair consequências.

- g) **O cenário reflexivo;** que consta em sugerir uma epistemologia da prática (reflexão na e sobre a ação como construção situada do conhecimento profissional) que tenha como referencial as competências que se encontram subjacentes à prática dos bons profissionais, comportando uma forte componente de reflexão a partir de situações práticas reais.
- h) **O cenário ecológico;** que constam em consideração as dinâmicas sociais e, nomeadamente, as dinâmicas do processo que se estabelece entre a pessoa em desenvolvimento e o meio que a envolve, também ele em transformação. Nesta abordagem assume-se que proporcionar e gerir experiências diversificadas, em contextos variados, e facilitar transições ecológicas que possibilitem ao professor em formação o desempenho de novas atividades, a assunção de novos papéis e o desenvolvimento de novas interações constituem etapas do seu desenvolvimento formativo e profissional.
- i) **O cenário diálogo;** que consta em abordagem, além dos aspetos relevantes dos cenários pessoalista e desenvolvimentista, a novidade reside no papel importante que é atribuído à linguagem e ao diálogo crítico na construção da cultura e do conhecimento próprio dos professores e na tomada de consciência dos fatores contextuais, escolares e sociais, que condicionam o exercício da sua profissão.

Acrescentam ainda Alarcão e Tavares (2003) que a supervisão visa “não só o desenvolvimento do conhecimento embora também o desabrochar de capacidades reflexivas e o repensar de atitudes, contribuindo para uma prática de ensino mais eficaz, mais comprometida, mais pessoal e mais autêntica”. A cultura do trabalho reflexivo e colaborativo, promovida pela supervisão colaborativa, estimula o desenvolvimento da autonomia dos docentes e da organização escolar para a construção de um ensino e de uma escola de qualidade, (Alarcão e Tavares, 2003 citado por Gomes, 2012, pp. 14-21).

Gomes (2012, p. 22), referindo o trabalho de Gilickman e Bey (1990), afirma que a supervisão nas escolas conduz a melhoria do nível de reflexão e pensamento dos professores; à melhoria da colegialidade, autonomia, atitude de abertura, capacidade de comunicação, autoeficácia e eficiência pessoal; à redução dos níveis de mal-estar profissional, ansiedade e sentimento de solidão; e por último, mas particularmente fundamental e significativo, aos benéficos nas atitudes dos educandos.

Neste sentido a supervisão pode ser entendida como uma visão aprofundada, reflexiva e com sentido autocrítico do contexto circundante mas também voltada para o interior com vista a compreender o significado da realidade; uma visão com capacidade de previsão; uma retrovisão; e uma segunda visão para promover o que se pretende que seja instituído, para evitar o que não se deseja e para reconhecer o que aconteceu e não deveria ter acontecido. (Stones, 1984 citado por Borges, et al., 2012, p. 30).

Como refere Marchão (2011), a supervisão é “um instrumento de formação, inovação e mudança” ela é, como consideram Alarcão e Tavares, (2003) “uma atividade que visa o desenvolvimento e a aprendizagem dos profissionais” enquanto que no entender de Glickman (1985) atribui ao processo de supervisão, enquanto fator de desenvolvimento profissional, a responsabilidade de aumentar a qualidade do ensino, o que resultará num maior sucesso das organizações escolares, (Laranjeira, 2016, p. 42).

CAPÍTULO 2 - DESENVOLVIMENTO PROFISSIONAL DOCENTE

O desenvolvimento profissional na perspectiva de Oliveira, (1997, citado por Gomes, 2012 p. 24) refere-se:

[...] ao domínio de conhecimentos sobre o ensino, às relações interpessoais, às competências envolvidas no processo pedagógico e ao processo reflexivo sobre as práticas do professor. Neste sentido envolve três dimensões fundamentais que se articulam entre si e desempenham um papel determinante para a melhoria do ensino: a vertente do saber, a vertente do saber fazer e a vertente do saber ser e saber tornar-se. Salienta, que a reflexão aparece como fundamental para o desenvolvimento das competências do professor e como um processo autoconfiança das suas capacidades para fazer e ensinar.

Gomes (2012, p. 28, citando García, 1999), considera os seguintes modelos de desenvolvimento profissional baseando no trabalho de Sparks e Loucks-Horsley (1990): profissional autónomo; baseado na reflexão, apoio profissional mútuo e na supervisão; através do desenvolvimento e inovação curricular, formação no centro, desenvolvimento de projetos de inovação curricular e desenvolvimento dos professores centrados nas escolas; através de cursos de formação e através da investigação.

Na mesma senda que defende Alarcão e Canha (2013) citados por Laranjeira (2016, p. 40) estes identificam o desenvolvimento profissional como um processo que “acompanha a vida e é potenciado através de experiências colaborativas de aprendizagem e de formação”.

Sendo compreendido desta forma, nos diz Laranjeira (2016, p. 41) “parece ser dever da escola preocupar-se com o desenvolvimento profissional dos professores, promovendo um ambiente organizacional de colegialidade, propício ao envolvimento de

todos os professores em práticas colaborativas e na partilha de ideias e experiências pessoais. Ainda que por seu lado, os professores devem assumir uma postura de aprendizagem contínua, de curiosidade e abertura”. Neste sentido, acrescentando esta ideia a de Marcelo (2009, citado por Laranjeira 2016, p. 41) “as escolas devem avaliar as suas próprias necessidades, crenças e práticas culturais para decidirem qual o modelo de desenvolvimento profissional que lhes parece mais benéfico”.

Marcelo (2009, p. 10) no seu trabalho intitulado “Desenvolvimento Profissional Docente: passado e futuro”, nos apresenta uma definição de conceito de desenvolvimento profissional de professores apresentadas por diversos autores, iniciando desta forma por citar Heideman (1990), que afirma que “o desenvolvimento profissional dos professores vai para além de uma etapa meramente informativa; implica adaptação à mudança com o fim de modificar as atividades de ensino -aprendizagem, alterar as atitudes dos professores e melhorar os resultados escolares dos alunos. O desenvolvimento profissional de professores preocupa-se com as necessidades individuais, profissionais e organizativas,” já para Day (1999, p. 4),

o desenvolvimento profissional docente inclui todas as experiências de aprendizagem natural e aquelas que, planificadas e conscientes, tentam, direta ou indiretamente, beneficiar os indivíduos, grupos ou escolas e que contribuem para a melhoria da qualidade da educação nas salas de aula. É o processo mediante o qual os professores, sós ou acompanhados, revêem, renovam e desenvolvem o seu compromisso como agentes de mudança, com os propósitos morais do ensino e adquirem e desenvolvem conhecimentos, competências e inteligência emocional, essenciais ao pensamento profissional, à planificação e à prática com as crianças, com os jovens e com os seus colegas, ao longo de cada uma das etapas das suas vidas enquanto docentes.

Pita (2012, p. 20), afirma que “o desenvolvimento profissional permite construir novas práticas pedagógicas e para além de ser um processo individual também é um processo colaborativo, centrado na escola e em constante construção. É a partir da experiência e da consciência profissional que se vai construindo aprendizagem, ultrapassando assim um desenvolvimento profissional fragmentado e descontextualizado”.

CAPÍTULO 3 - A AVALIAÇÃO DO DESEMPENHO DOCENTE: CONTRIBUTOS PARA A MELHORIA DA PRÁTICA DOCENTE E A QUALIDADE DE SISTEMA DE ENSINO

Todo o sistema de ensino procura melhorar a qualidade de atuação dos seus professores. Importa dizer que não há inovação sem inovadores, nem qualidade sem profissionalismo e em consequência, não ocorrerá mudança alguma sem empenho e dedicação dos profissionais comprometidos com os seus trabalhos.

Para Flores (2010, pp. 7-27), a necessidade de elevar os padrões de ensino e de melhorar a qualidade das aprendizagens dos alunos tem levado os governos a introduzir reformas nas escolas e nos trabalhos dos professores no sentido de uma maior prestação de contas, entre os quais se destacam a avaliação dos professores. Acrescenta a autora que sem professores de qualidade e competentes nas nossas salas de aula, nenhuma tentativa de reforma educativa conseguirá bem sucedida. É, de igual forma, sem sistema de avaliação de grande qualidade, jamais conseguiremos saber se temos professores de qualidade. Deste modo, um sistema de avaliação de professores, bem elaborado e implementado, é essencial para o desenvolvimento de programas educativos eficazes, como para a melhoria da escola.

Por mais que um determinado sistema de avaliação seja muito bem elaborado, este só será eficaz se as pessoas que o implementam e que o apoiam também forem eficazes (Stronge, 1993, p. 20).

Na mesma linha de raciocínio Laranjeira, (2016, p. 21) afirma que a avaliação do desempenho tem sido praticamente a única via que confere visibilidade social à classe docente e através da qual os professores têm comunicado com o exterior.

No trabalho de Coelho (2013, p. 10) intitulado “Avaliação de Desempenho Docente: Efeitos no Desenvolvimento Profissional” citando Stronge (2010), este considera que o objetivo da avaliação docente se prende com o desenvolvimento pessoal do professor,

levando-o a refletir sobre a mesma, numa atitude de melhoria da sua própria prática. Esta faceta será considerada como uma vertente formativa. A prestação de contas surgirá como uma vertente sumativa num comprometimento profissional. Porém, o sistema de avaliação de desempenho docente deverá promover de forma vidente a melhoria do desempenho individual e institucional, porque tudo o resto acaba por surgir, “Melhoria do ensino = Melhoria da escola”. O autor considera ainda que para se construir um sistema de avaliação de desempenho docente válido e de qualidade devemos organizá-lo tendo em conta com três elementos fundamentais: Comunicação, Comprometimento organizacional e Colaboração. (Coelho, 2013, p. 10).

Concluimos esta abordagem com a ideia de Laranjeira (2016, p. 51) esclarecendo que a relação entre supervisão, avaliação e desenvolvimento, conduz-nos ao pensamento de Alarcão e Tavares (2003) que defendem que o professor é uma pessoa em desenvolvimento, que aprende a ensinar, e através dessa constante aprendizagem influencia a aprendizagem e o desenvolvimento dos alunos e contribui para o desenvolvimento da organização escolar. O supervisor é um profissional geralmente com mais experiência que ajuda o professor a aprender e a desenvolver-se e também ele aprende ao ensinar.

Tanto a avaliação docente na sua vertente formativa, como a supervisão por ela incorporada e perspectivada de forma contínua, numa lógica crítico-reflexiva, feita por pares, têm a mesma finalidade. Ambas visam o desenvolvimento de competências no professor bem como “promover neste uma atitude de confiança e de responsabilidade pela qualidade do seu desempenho” (Marchão, 2011, p. 1).

CAPÍTULO 4 - A PRÁTICA REFLEXIVA DOS PROFESSORES

No que refere a prática reflexiva dos professores no entendimento de Alarcão (1996, p. 45) afirma que nenhum ser humano pode eximir à atividade de pensar. Acrescenta que pensar é algo que acontece naturalmente e de pouco vale tentar ensinar a outro como fazê-lo exatamente. Apenas nos é facultada a possibilidade de descrever, nos seus aspetos gerais, as várias maneiras pelas quais pensamos e avaliar a eficiência que resulta da adoção de uma ou outra forma de pensamento. A decisão é um ato de vontade individual. Isto é, cada um, na posse consciente da diversidade e validade dos processos mentais a que chamamos de pensamento. Segue deliberadamente a via que supõe conduzir aos melhores resultados.

Parafraseando Roldão (2007, p. 7) a “prática reflexiva” requer pois: “(1) o recurso a conhecimento teórico e prático prévio, (2) a teorização problematizadora da situação prática em apreço e (3) a produção de conhecimento suscetível de ser comunicado a outros, e mobilizado noutras situações”. Acrescenta que só a reflexividade assim entendida pode garantir a ruptura com a circularidade improdutiva das inúmeras discussões e trocas de opiniões realizadas no quotidiano dos professores e *desesperantemente* (Roldão, 2007) incapazes de produzir saltos qualitativos nas suas práticas, não obstante o investimento, o interesse, o empenhamento e genuíno esforço. Mas se a produção de conhecimento sustentado estiver ausente, as tentativas de melhoria serão tendencialmente casuais, incertas e provavelmente improdutivas e geradoras de frustração.

Precisamente neste âmbito parece interessante revelar as palavras de Roldão (2007 citada por Pita 2012, p. 20), que afirma que o professor desenvolve a sua ação contextualizada, e por isso deve assumir-se como “prático reflexivo” acrescentando que é preciso clarificar que a reflexão não se confunde com desabafos, conversas informais ou troca

de opiniões, ela tem de ocorrer a um nível profundo de “questionamento que implica produção de conhecimento sustentado”, que por sua vez conduz à mudança”.

A prática reflexiva requer que o professor exponha e examine a suas teorias práticas discutindo-as no grupo de professores de forma a aprenderem uns com os outros, não se limitando ao que acontece apenas na sala de aula, mas contemplando também as condições sociais do ensino, a missão educativa, a sua prática e as condições sociais do seu exercício” (Zeichner, 1993). Deste modo, “o desenvolvimento profissional implica participação ativa do professor e mudança quer ao nível das aprendizagens e relações sociais na aula, quer ao nível do desenvolvimento curricular, quer ao nível das condições da escola e ainda ao nível do contexto extra-escolar (Sacristán, 1995 citado por Pita 2012, p. 22).

Laranjeira (2016, p. 12), no seu trabalho intitulado “O Papel da Supervisão na Componente Interna da Avaliação Docente e o seu Contributo para o Desenvolvimento Profissional”, citando o trabalho de Schön (1991) afirma que este propõe que os professores devem desenvolver a suas capacidades reflexivas para resolver os problemas através da reflexão das suas próprias experiências.

CAPÍTULO 5 - A SUPERVISÃO ENQUANTO AÇÃO REFLEXIVA DOS PROFESSORES

[...] se os homens são seres do quefazer é exatamente porque seu fazer é ação e reflexão. É práxis. É transformação do mundo. E, na razão mesma em que o quefazer é práxis, todo fazer do quefazer tem de ter uma teoria que necessariamente o ilumine. O quefazer é teoria e prática. É reflexão e ação. [...]

Freire, (1981, p. 145)

O professor enquanto executor prático da ação educativa necessita não só de uma formação científica-pedagógica como condições necessária para execução desta ação mas, também precisa ser mais reflexivo sobre esta mesma ação.

Para isso, nos afirma Rosa (2008, p. 27) que há atualmente a consciência de que é preciso ter em conta que não basta a formação inicial para desenvolver um pensamento reflexivo. Este exige a criação de “habitus (...) enquanto o conjunto de esquemas que um indivíduo dispõe em um determinado momento da sua vida” (Perrenoud, 2002, p. 147). A par das matérias que se aprendem no sistema educativo também é preciso estar preparado para lidar com a profusão de informação superveniente: saber analisar, saber analisar-se (Nóvoa, 2002), decodificar, relacionar, criar e concluir. Com o conhecimento e aprendizagem adquirida é preciso também, numa atitude analítica e crítico reflexiva, saber inovar por si próprio e saber criar, sob pena de fracassar.

Precisamente nesta linha de pensamento, nos parece muito relevante trazer a citação de Mosqueira (2017, p. 47) em que defende que a prática refletida precisa de ser acompanhada por um supervisor que, experientemente, detenha as competências de orientar, estimular, exigir, apoiar, avaliar, isto é, seja simultaneamente treinador, companheiro e conselheiro.

Para Ribeiro (2000), supervisionar comporta a ideia de interajuda de monitorização, de encorajamento para que cada qual dê o seu melhor nas situações problemáticas com que se

depara. Compreende-se então que a tarefa do supervisor deverá assentar num contínuo processo de interação consigo próprio e com os outros, devendo incluir estratégias de observação, reflexão e ação de e com o futuro educador ou professor. Isto é, o supervisor deverá refletir sobre os dados que recolhe, autoavaliando-se sistematicamente de modo a corrigir e a melhorar as suas competências pedagógicas e reflexivas, procurando assim, e como consequência, o sucesso dos seus alunos, dos candidatos a professores, bem como o seu próprio sucesso profissional. [...] Os supervisores são facilitadores ou líderes de comunidades aprendentes, pois a sua função principal consiste em fomentar ou apoiar contextos de reflexão formativa e transformadora. Têm de provocar a discussão, o confronto e a negociação de ideias, fomentar e rentabilizar a reflexão e a aprendizagem colaborativa (pp. 47-49).

Sobre isso, Schön influencia a construção da abordagem reflexiva ao compreender a atividade do professor como “um saber-fazer sólido, teórico e prático, inteligente e criativo que permite ao profissional agir em contextos instáveis” (Alarcão, 1996), que “na sua formação possa praticar sob a orientação de um profissional, um formador, que, simultaneamente treinador, companheiro e conselheiro (*coach*), lhe faz a iniciação e o ajuda a compreender a realidade” (Alarcão, *ibid.*). Para que este feito aconteça, implicará, nesta visão, que haja reflexão antes, durante e sobre a ação pedagógica, pelo seu teor de imprevisibilidade, o professor tem de se tornar criativo, no termo do autor “*artistry*”. Com o intuito de resolver problemas reais do ensino, “o supervisor deverá encorajar a reflexão na ação, a reflexão sobre a ação e a reflexão sobre a reflexão na ação”. (Sousa, 2012, p. 18, citando Alarcão & Tavares, 2010).

Em jeito da conclusão, elegemos para este debate a observação feita por Freire (1972, p. 27) no seu livro intitulado “*Pedagogia do Oprimido*” em que afirma que o objetivo da reflexão crítica é o de levar as pessoas a “profundamente darem-se conta da realidade

sociocultural que molda as suas vidas, bem como da capacidade de transformar essa mesma realidade agindo nela".

CAPÍTULO 6 - A SUPERVISÃO PEDAGÓGICA NO CONTEXTO EDUCATIVO GUINEENSE

A Guiné-Bissau tem vivido constantemente períodos de grandes instabilidades políticas-econômicas durante vários anos. Estas instabilidades influenciaram e estão influenciando cada vez mais e de forma negativa o normal funcionamento do serviço educacional. Apesar das recentes reformas que se tem verificado no setor educativo e do apoio prestado pelos diferentes parceiros os sucessivos governos têm defrontado com inúmeras dificuldades de pôr na prática estes diplomas, o que na maioria de vezes acaba por provocar constantes paralisações das aulas nas escolas públicas por parte dos sindicatos dos professores que têm reclamado frequentemente o cumprimento de vários diplomas. Situação que acaba por dificultar grandemente o avanço do sistema educativo.

A Guiné-Bissau precisa de reformas profundas no setor educativo para poder responder efetivamente às exigências da sua população educativa e em consequência desenvolver ações concertadas que promovam o desenvolvimento nacional. Isso passa necessariamente pela criação de condições propícias para que o sistema educativo possa respirar e produzir-se. Importa referir aqui que, o avanço do próprio sistema educativo só se faz com um corpo docente competente e responsável, comprometido com o seu próprio trabalho.

Em consequência, isso passa necessariamente pelo apoio, controle e avaliação das atividades pedagógicas do professor através de uma estrutura com condições para o fazer.

Precisamente, para responder estas e outras necessidades do sistema educativo foi criado segundo Correio (2011, p. 20), em 1986 a Inspeção Geral da Educação na Guiné-Bissau, sendo definida como um serviço destinado a “apoiar, controlar e avaliar as atividades pedagógica, administrativa, financeira e patrimonial ao nível dos estabelecimentos escolares e

instituições ligadas ao Ministério, com o objetivo de melhorar o ensino-aprendizagem e a prevenção das irregularidades ou fraudes” (IGE; art.1º).

No trabalho apresentado por Baldé (2011, p. 22) intitulado “*Relatório de Estágio: Inspeção-geral de Educação*” refere que a Inspeção-geral da Educação da Guiné-Bissau, é um serviço destinado a apoiar, controlar e avaliar a atividade pedagógica, administrativa, financeira e patrimonial ao nível dos estabelecimentos escolares e instituições ligadas ao MEN, com o objetivo de melhorar o ensino/aprendizagem e prevenir eventuais irregularidades.

Acrescenta ainda o autor que a IGE-GB tem como seguintes finalidades:

- a) Contribuir para a melhoria da qualidade da educação em todos os níveis do sistema, através do apoio permanente aos estabelecimentos escolares, dando especial atenção ao processo de ensino/aprendizagem, da administração e gestão do sistema educativo e à relação entre a escola/professores, alunos e comunidade local.
- b) Manter uma comunicação estreita e permanente entre as diferentes estruturas e níveis do sistema e a comunidade educativa, com vista a favorecer a coordenação, análise das informações, avaliação dos resultados de ensino/aprendizagem.
- c) Assegurar a unidade e a coerência do sistema educativo em conformidade com a política do governo e as orientações vigentes do Ministério da Educação, Nacional, contribuindo para a sua difusão, implementação e consecução das metas traçadas em todos os níveis do sistema (p. 22).

A IGE na Guiné-Bissau atua a nível nacional, regional, setorial e local. As suas competências, em cada um dos níveis referidos, estão definidas no regulamento de funcionamento deste serviço (p. 22).

Quanto à missão da IGE na Guiné-Bissau, Correio (2011, pp. 28-30) no seu trabalho intitulado “*Sistema de Inspeção da Educação: Os modelos teóricos e a sua aplicação no Senegal, Mali, Benim e Guiné-Conacri por comparação com a Guiné-Bissau*” aponta e descreve duas análises:

Uma análise da documentação da IGE, nomeadamente dos seus estatutos, aponta para uma prática inspetiva direcionada predominantemente para o apoio, o que se enquadra numa perspectiva *laissez-faire*. Efetivamente, mais de 70% das competências que enquadram a atividade da IGE dizem respeito ao apoio direto ao professor e ao diretor de escola, com vista à superação das suas dificuldades e limitações.

No entanto, uma análise da prática da IGE revela que na verdade há uma predominância do modelo tradicional, ou seja, o inspetor exerce um papel de vigilância, centrado no reporte da performance do professor e do diretor e da condição da escola. Esta inflexão relativa à vocação pretendida é reveladora das fragilidades da inspeção. Efetivamente um modelo mais orientado para o apoio exige uma regularidade de acompanhamento que a inspeção atualmente não consegue realizar. Assim, a inspeção realiza na maioria dos casos visitas pontuais e por isso, só pode limitar-se a reportar o que vê. Esta situação é particularmente crítica num contexto de fraca formação e de profunda dificuldade por parte dos professores e dos diretores e que exigiria, por isso mesmo, um apoio continuado.

Ainda, a autora ressaltou que o diagnóstico realizado junto da IGE da Guiné-Bissau revelou também as suas principais **potencialidades e limitações**.

Quanto às potencialidades identificadas, destacam-se:

- a existência de equipas de inspetores motivados e com profundo conhecimento da realidade das escolas, tanto ao nível central como ao nível das regiões;
- a disponibilidade de documentos e práticas orientadoras da atividade inspetiva;
- os esforços significativos por parte da Inspeção em dar resposta às necessidades sentidas pelas escolas e pelas populações e em desenvolver soluções inovadoras – como é o caso das Comissões de Estudo – apesar dos significativos constrangimentos financeiros, materiais e humanos.

As limitações são de várias ordens, nomeadamente:

- os serviços da Inspeção não se encontravam devidamente organizados segundo a missão e atividades que desenvolve;
- uma parte significativa do mandato da IGE – particularmente a componente relativa ao apoio às escolas - não é cumprida devido a vários tipos de problemas, dos quais a falta de meios humanos e materiais é uma pequena parte;
- na verdade, apenas 14% dos constrangimentos da IGE resultam da falta de recursos humanos e financeiros; enquanto 18% resultam da falta de competências técnicas dos recursos humanos afetos ao serviço e 21% da falta de um sistema de recolha e gestão de informação. Mais de 47% das dificuldades observadas resultam de dificuldades de organização interna, particularmente da ausência de planificação e orientação continuada do

serviço, bem como de comunicação e articulação com os outros órgãos da tutela (p. 30).

Por último, e globalmente, as limitações da IGE inscrevem-se num quadro mais alargado de dificuldades de funcionamento, financiamento e organização do Estado guineense, que afetam de forma significativa a capacidade operacional deste serviço.

PARTE II - PROCESSO DE INVESTIGAÇÃO EMPÍRICA

CAPÍTULO 1 - METODOLOGIA

Nesta segunda parte iremos descrever os caminhos percorridos para a realização deste estudo, daí, importa assegurar que os caminhos a serem percorridos no processo da investigação são geralmente definidos a partir das próprias características apresentadas pelo objeto a ser investigado. Querendo com isso dizer que todas as informações que nos conduzem a uma melhor compreensão e alcance do objeto de estudo foram coletadas através de procedimentos e técnicas diversificadas, conforme requereu-se em cada etapa no decorrer desta investigação.

O presente estudo centra-se na área Supervisão e Orientação da Prática Profissional, procurando neste caso compreender o seu contributo para o desenvolvimento profissional e pessoal do professor e a melhoria da prática docente. Neste caso, somos levados obrigatoriamente a realização da pesquisa exploratória - descritiva, tendo em consideração os objetivos da investigação, com uma abordagem de índole qualitativa.

Ludke e André (1986, pp. 11-12), mencionaram o fato dos pesquisadores da área de educação se interessarem pelo uso das pesquisas qualitativas. Para estas, os fenômenos ocorrem naturalmente e são influenciados pelo seu contexto. Esta pesquisa se enquadra precisamente neste paradigma, uma vez que permitiu um contato direto entre o pesquisador e a situação que estava sendo investigada, envolvendo, assim, a obtenção de dados descritivos, destacando o conhecimento e a perspectiva dos participantes.

Na pesquisa qualitativa as pessoas, as palavras e os gestos devem ser referenciados nos contextos onde aparecem e citações são sempre utilizadas para expressar um ponto de vista. O pesquisador deve se atentar frequentemente a todas as situações

estudadas, pois qualquer aspecto trivial pode ser de extrema importância para um entendimento sobre o problema que está sendo investigado. (Ludke & André, 1986, pp. 11-12).

1.1. Estudo de Caso

O estudo de caso não é uma técnica específica, mas uma análise holística, a mais completa possível, que considera a unidade social estudada como um *todo*, seja um indivíduo, uma família, uma instituição ou uma comunidade, com o objetivo de compreendê-los em seus próprios termos. O estudo de caso reúne o maior número de informações detalhadas, por meio de diferentes técnicas de pesquisa, com o objetivo de apreender a totalidade de uma situação e descrever a complexidade de um caso concreto. Através de um mergulho profundo e exaustivo em um objeto delimitado, o estudo de caso possibilita a penetração na realidade social, não conseguida pela análise estatística (Goldenberg, 2004, pp. 33-34).

Conforme Silva (2015, p. 83 citando Medeiros, 1997), a pesquisa bibliográfica compreende a escolha do assunto, a elaboração do plano de pesquisa, a localização, a compilação, análise e interpretação e a redação. O pesquisador, ao escolher o assunto, deve considerar o tempo para realizar a pesquisa e a existência de bibliografia pertinente ao assunto escolhido.

Após a pesquisa bibliográfica, fomos obrigados a recorrer a coleta de dados, que foi constantemente relacionada aos objetivos previamente estabelecidos para este trabalho. Para a coleta de dados foram utilizadas as técnicas de entrevista de investigação e observação naturalista a par da análise de documentos existentes.

Na perspectiva de Selltitz et al. (1967, citado por Gil, 2008, p. 109), enquanto técnica de coleta de dados, a entrevista é bastante adequada para a obtenção de informações acerca do

que as pessoas sabem, creem, esperam, sentem ou desejam, pretendem fazer, fazem ou fizeram, bem como acerca das suas explicações ou razões a respeito das coisas precedentes.

Da mesma razão que é importante para este trabalho o uso da técnica de observação que, no olhar de Gil (2008, pp. 100-101) constitui elemento fundamental para a pesquisa. Desde a formulação do problema, passando pela construção de hipóteses, coleta, análise e interpretação dos dados, a observação desempenha papel imprescindível no processo de pesquisa. É, todavia, na fase de coleta de dados que o seu papel se torna mais evidente. A observação é sempre utilizada nessa etapa, conjugada a outras técnicas ou utilizada de forma exclusiva. Por ser utilizada, exclusivamente, para a obtenção de dados em muitas pesquisas, e por estar presente também em outros momentos da pesquisa, a observação chega mesmo a ser considerada como método de investigação. A observação nada mais é que o uso dos sentidos com vistas a adquirir os conhecimentos necessários para o quotidiano. No dizer de Ferreira et al. (2012, p. 4 citando Bechker, 1972), a observação seria uma solução para o estudo de fenômenos complexos e institucionalizados, quando se pretende realizar análises descritivas e exploratórias ou quando se tem o objetivo de inferir sobre um fenômeno que remeta à certas regularidades, passíveis de generalizações.

1.2. Participantes no estudo

Para a realização deste estudo e, de acordo com os resultados pretendidos fizemos participar 9 sujeitos do Complexo Escolar São Francisco de Assis/Antula, os quais entendemos que podem contribuir significativamente para a obtenção de dados que permitem responder aos objetivos deste estudo.

Para os sujeitos selecionados, construímos e aplicamos diferentes instrumentos para a recolha de dados, assim sendo, fizemos 4 entrevistas que contaram com a participação do diretor da escola, do presidente do conselho técnico pedagógico e dois professores,

realizamos também 3 observações supervisivas a três professores, finalmente aplicamos fichas de recolha de informações a sete professores da escola. Realçamos que os 4 sujeitos entrevistados foram submetidas as fichas de participantes, como também 2 foram acompanhados nas suas práticas letivas.

A razão da escolha do diretor da escola deve-se ao fato de ser o gestor principal das políticas educativas na escola onde o estudo se desenvolveu, pelo que pode fornecer informações concretas sobre como estas políticas são implementadas para que o ambiente educativo/escolar possa ser propício para todos que nele se encontram possam sentir motivados e atingir os objetivos educacionais.

Participou também neste estudo o presidente do conselho técnico pedagógico enquanto responsável da área pedagógica, isto é, pessoa encarregue de observar e apoiar a ação pedagógica dos professores e proporcionar no seio destes e dos alunos um clima de estabilidade que garante uma verdadeira aprendizagem.

Participaram ainda neste estudo os professores enquanto elementos principais da ação educativa. Neste caso, selecionamos e entrevistamos dois professores desta escola com o objetivo de compreender como o processo de ensino-aprendizagem se concretiza dentro e fora das salas de aula. Importa dizer que a ação de ensinar e educar deve ultrapassar as quatro paredes da sala de aula.

1.3. Técnicas de Recolha de Dados

Para Tuckman (2005, p. 18), “a recolha de dados é que permite identificar a investigação como processo empírico”, mas, quando a investigação assenta num paradigma qualitativo, onde “os dados são simultaneamente as provas e as pistas” (Bogdan & Biklen, 1994: 149), este processo adquire uma importância vital.

No primeiro momento, recolhemos dados através das diferentes fichas de levantamento de informações (Anexos III e V), junto da direção da escola e dos professores, ainda aplicamos a grelha de observação de aulas (Anexo VI) aos professores e finalmente aplicamos uma ficha de levantamento de informações (Anexo IV) como instrumento para descrever todo o espaço educativo da escola em estudo.

No segundo momento efetuámos quatro entrevistas semiestruturadas com o diretor da escola, o presidente do conselho técnico pedagógico e dois professores deste estabelecimento de ensino, como elementos ativos na vida da escola capazes de nos fornecer informações preciosas para nos levar a compreender as dinâmicas da escola e dos professores, da mesma forma que nos permitiu através destes compreender qual o contributo da supervisão para o desenvolvimento profissional e pessoal do professor e a melhoria da sua prática. De igual modo, este processo permite-nos descrever o ambiente educativo estudado para facilitar a aprendizagem dos alunos. As entrevistas tiveram uma duração entre 30 e 60 minutos. Importa referir que as entrevistas foram possíveis no edifício da própria escola conforme o combinado entre o entrevistador e os entrevistados e de acordo com a disponibilidade de ambas as partes dos entrevistados para o efeito, foi necessário a elaboração de 3 diferentes guiões de entrevista (Anexos VII, VIII e IX).

1.3.1. Fichas de caracterização da instituição, do espaço educativo e dos participantes

Foram construídas três fichas para este trabalho, sendo uma ficha para a caracterização da instituição, uma para caracterização de espaço educativo e uma para os professores (Anexos III, IV e V). A ficha de caracterização do contexto escolar onde se realizou o estudo, que foi preenchida pelo diretor da escola permitiu-nos recolher informações importantes da escola e do seu funcionamento, da mesma forma que a ficha de

espaço educativo nos forneceu informações importantes sobre o edifício escolar, os materiais existentes, entre várias outras informações importantes da escola. Finalmente, as fichas aplicadas aos professores participantes no estudo nos permitiram compreender os seus percursos profissionais, atividades desempenhadas, compreender as suas necessidades de formação e percepções relativamente ao trabalho colaborativo realizado entre docentes.

1.3.2. Grelha de observação focada nas estratégias de ensino.

Para apoiar o processo de observação de aulas foi construída uma grelha de observação focada nas estratégias de ensino de cada professor. Esta grelha nos permitiu manter um contato direto com o professores observando que estratégias e de que forma são adotadas pelos diferentes professores para conduzir as suas aulas e facilitar a aprendizagem dos alunos.

A observação de aulas no entender de Reis (2010, pp. 19-20),

[...] constitui um ótimo processo dos mentores recolherem evidências que lhes permitam tirar conclusões e proporcionar feedback aos professores em período probatório e estabelecer, com estes últimos, metas de desenvolvimento.

Simultaneamente, a observação das aulas do mentor deverá facilitar o contato com uma diversidade de abordagens, metodologias, atividades e comportamentos específicos. Muitas coisas aprendem-se através da observação e o ensino não constitui uma exceção. A observação regular de aulas e uma discussão de qualidade sobre o desempenho constituem uma componente extremamente importante do processo de desenvolvimento pessoal e profissional de qualquer professor, independentemente do seu nível de conhecimento e experiência.

Parafraseando Valério, (2018, p. 92) “a observação de aulas trata-se não só de uma estratégia para alcançar conhecimento sobre o ambiente de ensino e de aprendizagem, mas também de uma estratégia de autoconhecimento, de consciencialização do próprio comportamento e das suas consequências. Além disso, considera que a observação de aulas potencia a descoberta de práticas instrucionais alternativas e de novas soluções para os problemas. Constitui-se igualmente como uma estratégia importante para estabelecer os pontos fortes do estilo de ensino de cada professor ou daquilo que designa por *personal teaching strengths*. Os objetivos e potencialidades apontadas pelo autor podem referir-se, tanto ao supervisor como ao formando, cada qual num determinado momento da sua trajetória de desenvolvimento pessoal e profissional (Borich, 2011).

Precisamente, por esta razão aplicamos a grelha de observação focada nas estratégias de ensino (Anexo VI), na medida em que nos permite compreender a ação do professor dentro da sala de aula. Iniciando da forma como aborda os conteúdos, facilita e orienta o processo de aprendizagem dos alunos, a organização do ambiente educativo, a compreensão das suas competências pessoais e profissionais, a forma como gere os comportamentos e atitudes dos alunos dentro da sala de aula, a planificação prévia das suas atividades.

1.3.3. Entrevista

Como instrumento privilegiado para a coleta dos dados, empregamos a entrevista semiestruturada, que foi aplicada ao diretor da escola, ao presidente do conselho técnico pedagógico e a dois professores (Anexos VII, VIII e IX), no intuito de compreender de que modo a supervisão e orientação da prática pedagógica pode contribuir para a aprendizagem da docência e o desenvolvimento pessoal e profissional, da mesma forma que esta entrevista nos fornece uma compreensão melhor sobre o tema valorizam a presença do investigador,

também dão espaço para que o sujeito investigado tenha liberdade de participar e enriquecer a investigação.

Como refere Flick (2004), a entrevista semiestruturada é elaborada como um roteiro sem respostas prefixadas, assim o informante pode expressar livremente sua opinião sobre o assunto referido pelo pesquisador. O roteiro de entrevista é um instrumento orientador e não um questionário que pressupõe hipóteses, mas sim um facilitador da comunicação. Fazendo neste caso emergir informações de forma mais livre e as respostas não estão condicionadas a uma padronização de alternativas.

Os blocos temáticos incluídos no Guião de Entrevista foram os seguintes:

Bloco 1 - Legitimação da entrevista e motivação do entrevistado

Bloco 2 - Perfil do entrevistado (percursos académico e profissional

Bloco 3 - Identificação das Condições da Escola

Bloco 4 - Currículo/Experiências de Aprendizagem

Bloco 5 - Estratégias de Ensino e Aprendizagem

Bloco 6 - Planeamento, Avaliação e Registo

Bloco 7 - Apoio Prestado pelos Supervisores/Inspetores

Bloco 8 - Professores /Pessoal, Relações e Interações

Bloco 9 - Espaço e Materiais

Bloco 10 - Igualdade de Oportunidades

Bloco 11 - Participação dos Pais e da Comunidade

Bloco 12 - Monitorização e Avaliação

Bloco 13 - Agradecimento

Para cada bloco, formulamos os objetivos específicos e algumas questões tipo a fazer a cada entrevistado.

1.4. Técnicas de Análise de Dados

Bogdan e Bicklen (1994), referem que análise de dados é um processo de busca e de sistemáticas transcrições de entrevistas, de notas de campo e de outros materiais, tendo em vista aumentar a compreensão sobre esses mesmos materiais e de forma a poder apresentá-los aos outros, quando se refere em análise de dados, significa interpretar e dar sentido a todo o material de que se dispõe a partir da recolha de dados. Atendendo ao paradigma da investigação naturalista, a análise de dados constitui numa análise de conteúdo que correspondeu a leitura flutuante repetida de cada um dos conjuntos de dados, de modo a descobrir padrões ou particularidades inesperadas, classificando-os nas categorias previamente definidas consoante o que se esperava encontrar.

Sobre o mesmo assunto Sousa e Baptista (2011, p. 107) afirmam que após a recolha de informações, o investigador terá necessidade de proceder à sua seleção. Não sendo possível analisar toda a informação recolhida, o investigador terá que selecionar aquela que tem maior importância e que seja mais relevante para dar resposta às questões da investigação. Todo o material compilado no trabalho de campo, como notas de trabalho, gravações em vídeo, transcrições das entrevistas, dados provenientes de inquérito, etc., é considerado uma fonte de dados a partir da qual será construída a análise.

1.4.1. Análise de Conteúdo

A análise de conteúdo, segundo as proposições de (Bardin, 2011, p. 47) é "um conjunto de técnicas de análise das comunicações visando obter, por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos

ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/receção (variáveis inferidas) destas mensagens”.

Segundo Amado (2013, p. 305, citando Lassarre, 1978), que considera que “para alguns, a análise de conteúdo não é senão um instrumento, uma série de operações destinadas a construir uma ‘grelha de análise’, cuja finalidade é a ‘observação do conteúdo’; para outros investigadores é um método geral de investigação, um estado de espírito, do mesmo modo que a experimentação e a observação participante; neste último caso, a análise cobre processos tão diversos como a elaboração de conceitos e a interpretação de resultados”.

Nas afirmações de Chizzotti (2006, p. 98), “o objetivo da análise de conteúdo é compreender criticamente o sentido das comunicações, seu conteúdo manifesto ou latente, as significações explícitas ou ocultas”.

A análise de conteúdo segundo Bardin (1995, citado por Ferreira 2017, pp. 52-53) tem geralmente três fases:

A primeira é a fase da pré-análise, em que se faz uma leitura dos documentos a serem submetidos à análise, a formulação das hipóteses e dos objetivos e a elaboração de indicadores que fundamentem a interpretação final. A segunda é a fase de exploração do material consiste essencialmente de operações de codificação e enumeração. A organização desta codificação, compreende a definição de unidades de recorte. Geralmente utiliza-se como unidade de recorte o segmento mínimo com significado completo e como unidade de contexto a parte do documento necessária para compreender o sentido global do discurso e precisar o significado da unidade de registo. A enumeração relaciona-se com a escolha das regras de contagem das unidades de registo. A terceira requer o estabelecimento de inferências e a interpretação.

Ainda para Amado (2013, pp. 304-305),

O aspeto mais importante da análise de conteúdo é o facto de ela permitir, além de uma rigorosa e objetiva representação dos conteúdos ou elementos das mensagens (discurso, entrevista, texto, artigo, etc.) através da sua codificação e classificação por categorias e subcategorias, o avanço (fecundo, sistemático, verificável e até certo ponto replicável) no sentido da captação do seu sentido pleno (à custa de inferências interpretativas derivadas ou inspiradas nos quadros de referência teóricos do investigador), por zonas menos evidentes constituídas pelo referido ‘contexto’ ou ‘condições’ de produção.

A luz do que foi dito, para este trabalho, a análise de conteúdo é dividida em três fases: pré-análise, exploração do material e tratamento dos resultados. Na pré-análise será organizado o esquema de trabalho a ser seguido. Será estabelecido o procedimento, embora seja flexível, na fase seguinte, chamada de descrição analítica, o material recolhido nas entrevistas será examinado, a fim de possibilitar a elaboração de categorias e por fim na última fase, chamada de interpretação referencial, as respostas serão categorizadas para finalmente tornar os dados brutos em significativos.

1.4.2. A codificação

O processo da codificação segundo Bardin (2011, p. 133) considera que “a codificação corresponde a uma transformação - efetuada segundo regras precisas - dos dados brutos do texto, transformação esta que, por recorte, agregação e enumeração, permite atingir uma representação do conteúdo ou da sua expressão; suscetível de esclarecer o analista acerca das características do texto, que podem servir de índices, [...]”.

Assim sendo, fizemos a codificação dos entrevistados diferenciando-os. Os entrevistados foram identificados como E1, E2, E3 e E4, em que os números distinguem os

diferentes entrevistados, assim como para o pesquisador codificamos por *Pesq.*, como se pode constatar no Quadro n.º 1.

Quadro n.º 1 – Resumo da codificação dos entrevistados

Entrevistado 1	E1
Entrevistado 2	E2
Entrevistado 3	E3
Entrevistado 4	E4
Pesquisador	Pesq.

1.4.3. A categorização

A categorização é entendida por Greia (2013, p. 255) como “uma etapa em que as categorias e subcategorias são agrupadas em função das suas dimensões da análise presentes nos textos das entrevistas”. Acrescentando ainda que ela é “uma etapa muito importante, pois a qualidade de uma análise de conteúdo depende de suas categorias”.

Para Bardin (1979, p.117), “a categorização é uma operação de classificação de elementos constitutivos de um conjunto, por diferenciação e, seguidamente, por reagrupamento segundo gênero (analogia), com critérios previamente definidos. As categorias são rubricas ou classes, as quais reúnem um grupo de elementos (unidades de registro no caso da análise de conteúdo) sob um título genérico, agrupamento esse efetuado em razão dos caracteres comuns desses elementos. [...]”.

Baseando no exposto, neste estudo, para melhor análise das opiniões dos participantes entrevistados no estudo, criámos um quadro que contempla categorias, subcategorias e unidades de registo (Quadro n.º 4). Para isso, foram criadas 5 categorias e seus respetivos subcategorias como forma de responder aos objetivos da investigação.

PARTE III – APRESENTAÇÃO, ANÁLISE E DISCUSSÃO DE RESULTADOS

Nesta parte vamos apresentar os resultados e a sua interpretação. Primeiro descrevemos as características estruturais da escola, depois referimos os participantes neste estudo que foram entrevistados. Por fim apresentamos os resultados das entrevistas, quer dizer, as opiniões dos entrevistados face a um conjunto de questões que lhes foram colocadas.

Caracterização do Contexto da Investigação

A Escola

A escola, Complexo Escolar São Francisco de Assis/Antula é uma escola situada no setor autónomo de Bissau, concretamente no bairro de Antula, é uma escola pública de regime autogestão (gestão partilhada entre o MEN e a AQUALEICA), construída de raiz, vedada com murro e com mais de 10 anos de funcionamento. Neste momento dada as frequentes reparações, o edifício se encontra em boas condições físicas. O edifício escolar contém um total de 22 salas em três pavilhões principais, sendo 17 salas de aula para os níveis de 1.º a 12.º ano de escolaridade e uma sala para o nível de pré-escolar/jardim, possuindo dois outros edifícios pequenos (um onde funciona a sala de professores e papelaria e outro edifício contendo a cozinha, refeitório e casa de banho) e um espaço exterior amplo no meio dos pavilhões. A escola possui 4 gabinetes administrativos, três blocos de casas de banho divididos por professores, meninas e meninos (4 latrinas para professores, 5 latrinas para meninas e 3 para meninos). Possui no seu todo 54 professores formados em diferentes áreas científicas e pedagógica (10 professoras e 44 professores), 6 pessoal menor e 7 pessoal administrativo, totalizando assim 67 pessoal. Salienta-se que esta escola recebe os alunos a partir de 3 anos de idade, e neste letivo 2019/2020, recebeu um total de 1.374 alunos, sendo

657 raparigas e 717 rapazes. Importa referir que, à data da escola, a escola recebeu já 14.500 alunos. O horário de funcionamento é estabelecido a partir das 08 h 00min às 18 h 45min. (Anexos III e IV)

Os Participantes

Nesta parte do trabalho, iremos apresentar uma breve característica dos sujeitos entrevistados, recordamos que foram selecionados para estas entrevistas 4 participantes.

No Quadro n.º 1 podemos observar algumas das características:

Quadro n.º 3 – Caracterização dos entrevistados

Perfil pessoal e profissional				
	E1	E2	E3	E4
Idade	60	45	38	40
Género	M	M	M	M
Situação profissional	Diretor da escola	Presidente do conselho técnico pedagógico	Professor de química 13 anos de serviço	Professor da língua portuguesa 13 anos de serviço
Experiência profissional	40 Anos em função de diretor	12 anos em função de PCTP e professor de matemática no ensino secundário	13 anos em função de professor de ensino secundário	11 anos em função de professor de língua portuguesa

Formação	Curso médio	Bacharel em	Bacharel em	Licenciatura
profissional	Professor de	física/matemática	biologia/química;	em língua
	ensino básico		licenciatura em	portuguesa
			enfermagem superior	

Os 4 entrevistados todos são do gênero masculino, com a idade compreendida entre 38 anos a 60 anos, designadamente: (E1) com 60 anos, (E2) com 45 anos, (E3) com 38 anos e, finalmente (E4) com 40 anos de idade.

O entrevistado (E1) foi escolhido para este trabalho enquanto diretor da escola em estudo, com mais de 43 anos de serviço na função pública, e fez 40 anos desempenhando a função de diretor da escola, tendo realizado o curso médio (professor de ensino básico) na escola de formação de professores.

O entrevistado (E2) que também foi selecionado para este trabalho, desempenha as funções de presidente do conselho técnico pedagógico e já fez 16 anos de serviço em educação, sendo 12 anos exercendo as funções de PCTP e professor de matemática no ensino secundário, tem a formação pedagógica de nível bacharel nas áreas de física/matemática.

O entrevistado (E3) foi selecionado enquanto professor, fez 13 anos de serviço na educação, 13 anos desempenhando as funções de professor de ensino secundário da disciplina de química, tendo duas formações, uma em pedagogia nas áreas de biologia/química com nível de Bacharel, e a outra em enfermagem superior, com nível de licenciatura.

Finalmente, o último entrevistado (E4) que também é um professor da língua portuguesa e que também fez 13 anos de serviço, 11 anos em função de professor da disciplina da língua portuguesa e é Licenciado em língua portuguesa, como se pode constatar no quadro acima.

CAPÍTULO 1 - RESULTADOS DAS ENTREVISTAS: AS OPINIÕES DOS ENTREVISTADOS

1.1. Síntese interpretativa

Nesta parte do trabalho, iremos apresentar aquilo que foi a ideia ou respostas dos participantes sobre alguns aspetos que achamos serem relevantes neste estudo. Como se pode constatar no (Anexo XIV), construímos 5 categorias que emergiram dos guiões das entrevistas com 4 entrevistados deste estudo.

1.1.1. Escola

Nesta categoria, construímos duas subcategorias (Espaço interior e exterior e Materiais didáticos) cujo o objetivo é compreender em que medida os espaços interiores e exteriores são adequados às necessidades dos alunos, professores, como também identificar os recursos materiais disponibilizados para os professores e os alunos.

Os quatro professores entrevistados consideraram que o **espaço interior** da escola é reduzido para o número de alunos e de professores, dizendo um (E3) que a sala de professores é muito pequena e outro (E4) refere que as salas de aula são tão reduzidas que alguns alunos têm que ficar muito perto do quadro porque não há espaço para todos. Quanto aos **materiais didáticos** também são considerados por todos os entrevistados poucos, não havendo uma biblioteca e mesmo os livros só são fornecidos pelo ME a alguns alunos, embora o entrevistado (E4) considerasse que tem materiais didáticos embora não suficientes para realizar todas as atividades.

Das respostas, retemos uma manifestação de insatisfação dos professores sobre a dimensão dos espaços, mas sobretudo a dimensão das salas de aula que parecem não criar um verdadeiro conforto para o exercício das atividades pedagógicas, de acordo com o entendimento dos entrevistados. Esta situação, associada com a insuficiência de materiais

educativos quer por parte dos alunos como por parte dos professores, segundo o nosso entendimento pode condicionar negativamente a aprendizagem dos alunos.

1.1.2. Supervisão pedagógica

No que diz respeito à “supervisão pedagógica”, procuramos compreender vários aspetos que julgamos serem de extrema importância para responder os objetivos deste trabalho. Para o efeito, foi necessário a formulação de 7 subcategorias, com o objetivo de identificar a equipa de inspeção/supervisores na escola e em consequência identificar o apoio prestado aos professores e finalmente reconhecer os contributos da supervisão no desenvolvimento profissional e pessoal do professor.

Inicialmente tentamos compreender na primeira subcategoria, a forma **como a supervisão apoia os professores** nos seus trabalhos. De acordo com o entrevistado (E1), o processo de supervisão é realizada a partir do acompanhamento do plano de atividades mensal da escola elaborada nas comissões de estudo (COME). Ainda este faz saber dizendo: “Através do acompanhamento pedagógico que realizam com o professor eles conseguem perceber a coerência dos conteúdos científicos que os professores lecionam e, da mesma forma conseguem perceber o aspeto pedagógico do professor dentro da sala de aula”. Reforçando que estes passos permitem o supervisor orientar o professor quer no aspeto científico como pedagógico. Relativamente a mesma questão, o entrevistado (E2) fez indicar a administradora e o vice-coordenador da escola como supervisores das atividades pedagógicas dos professores dentro da sala de aula, acrescentando que muito embora isso não acontece diariamente, mas em todo o caso funciona. Diferentemente do entrevistado (E3), este considera não ter recebido apoio dos inspetores/supervisores durante vários anos, realçando de que no ano passado e neste ano recebeu alguns acompanhamentos pedagógicos. Uma resposta muito diferente do entrevistado (E4) que considera de não receber nunca o apoio dos supervisores ou inspetores.

Na subcategoria **suficiência/insuficiência dos supervisores no apoio aos professores**, ambos os entrevistados foram unânimes em afirmar que o apoio é insuficiente. O entrevistado E1, embora reconhece o apoio prestado, considera-o insuficiente, “não é nada suficiente. Não podemos ignorar o apoio, mas é insignificante para a melhoria do trabalho dos professores é preciso mais que isso...”. Fez saber que na atividade pedagógica é preciso uma orientação diária, o outro entrevistado (E2) refere que às vezes “leva um mês para virem cá. O que justifica que o apoio é insuficiente (...)”. Do mesmo modo que o entrevistado E3 afirma ter recebido poucas vezes a orientação de um supervisor por isso considera ser muito insuficiente. O entrevistado E4 finalmente apresenta uma ideia contrária, em dizer que não temos supervisões, mas sim os inspetores, “pelo que eu sei ainda nós não temos supervisores são simples inspetores que foram recrutados recentemente (parece há 2, 3 anos atrás) e a intervenção destes na escola não é visível regularmente. Embora estiveram aqui algumas vezes que eu me lembro mas, nunca acompanharam as minhas aulas”.

Destas respostas, podemos compreender que a maioria dos professores desta escola não são acompanhados e apoiados nas suas atividades pedagógicas pelos inspetores/supervisores externos. Contudo a escola tem criado a sua própria estrutura supervisiva, também, esta equipa não consegue acompanhar todos os seus professores. Vê-se aqui claramente que, apesar da insuficiência dos supervisores os professores ambicionam receber o apoio e a orientação dos supervisores pedagógicos nas suas atividades pedagógicas.

Quando questionados sobre o **Impacto da supervisão na aprendizagem do aluno**, os quatro entrevistados consideram de ser muito importante. Para o entrevistado E1 “a supervisão pedagógica é o que condiciona uma aprendizagem mais significativa aos alunos. Sem ela, o professor não vai poder fazer o seu trabalho e em consequência os alunos não poderão aprender com muita dificuldade”. De igual modo que o entrevistado E2, afirma que a supervisão é indispensável para a escola e para os professores mas, em particular para o

próprio aluno. Salientando ainda que todo o trabalho do professor tem como o objetivo único: “atender as preocupações dos alunos e que, se o professor tiver o apoio e orientação coesa para a melhoria do seu trabalho com os alunos dentro da sala de aula, o processo de ensino seria muito mais fácil e em consequência a aprendizagem dos alunos passa a ser muito mais significativo e consistente”. Na mesma senda de resposta, o entrevistado E3 percebe que “se considerarmos que é o supervisor quem mantém uma estreita ligação com o trabalho do professor, acompanhando, apoiando e orientando-o para uma atuação melhor dentro da sala de aula, podemos perceber que a sua atuação é determinante para a aprendizagem do aluno”. Concluindo que “se assim for, o professor vai melhorar a sua atuação e, em consequência os alunos estarão aprendendo com mais facilidade e de forma mais sólida”. Finalmente o entrevistado (E4) que embora considera não ter beneficiado nunca do apoio da supervisão, percebe a supervisão tem impactos positivos na aprendizagem dos alunos. Fez perceber que, a autoavaliação pode ser subjetiva, daí que é preciso que esteja alguém acompanhando e avaliando o seu trabalho, acrescentando que assim, facilmente se percebe que a supervisão pedagógica visa a melhoria do trabalho do professor e influenciar significativamente à aprendizagem do aluno.

O que é evidente nestas respostas é que todos os entrevistados reconheceram que a aprendizagem do aluno está estreitamente ligada à eficácia do trabalho do professor, mas que só se concretizam efetivamente se o trabalho do professor estiver sob um acompanhamento e orientação supervisiva. Neste sentido, a supervisão aparece como um mecanismo indispensável e que contribui diretamente para a aprendizagem significativa dos alunos.

Referente a quarta subcategoria, “**Contributos da supervisão para o desenvolvimento profissional e pessoal do professor**”, baseando nas respostas dos entrevistados, podemos perceber que os professores anseiam bastante melhorar as suas atividades profissionais. Ora, atente-se às seguintes respostas dos participantes:

“Em termos profissionais, a supervisão pedagógica é passo gigantesco para melhoramento do trabalho docente. O professor não pode evoluir sem ter um acompanhamento exterior no seu trabalho. Daí que a supervisão passa ser um mecanismo que permite o professor superar em termos profissionais e poder fazer e refazer da melhor maneira o seu trabalho” (E1).

“ (...) não tem nenhum profissional capaz de fazer melhor por si só, sem que esteja alguém ajudando. Sem o acompanhamento nas nossas ações, dificilmente conseguiremos fazer o melhor. É através dos acompanhamentos e feedback com os supervisores que vamos identificar, reconhecer e melhorar paulatinamente as nossas falhas e fazer o melhor. O que significa que é o que nos faz superar as nossas falhas no exercício da nossa profissão docente” (E2).

“Isso não só em termos profissionais mas em termos pessoais também ajuda a agilizar o trabalho com alunos dentro da sala de aula. Isso me ajudou bastante no meu trabalho com os alunos dentro da sala de aula. (...) porque da primeira vez que passaram aqui debatemos muito sobre a planificação e estratégias da aula, daí algumas lacunas que faltavam na minha planificação e algumas coisas estavam lá que não deveriam estar e que eu não tinha percebido na altura tornaram mais claro, eu gostei bastante” (E3).

“É importante compreender que só a partir do supervisionamento das nossas ações dentro das salas de aula enquanto professor é que vamos melhorar esta nossa forma de atuar de forma mais consciente, responsável e eficiente. O que significa que em termos profissionais estaríamos evoluindo gradualmente, melhorando a nossa atuação dentro da sala de aula e em última análise, proporcionando aos alunos ambientes mais agradáveis de aprendizagem” (E4).

Posto isto, facilmente podemos concluir que há uma unanimidade nas percepções dos professores sobre a importância da supervisão pedagógica no desenvolvimento profissional e pessoal dos professores. Não é de estranhar, o professor como qualquer outro profissional pretende evoluir gradativamente nas suas práticas. É aqui que entendemos que o Estado deve criar condições para responder estas exigências que de forma direta potencializa aos professores de ferramentas eficazes que possam contribuir para a evolução positiva nas suas práticas pedagógicas.

Para a quinta subcategoria relacionada com o **Contributo da supervisão para a melhoria do sistema de ensino**, as respostas dos entrevistados fazem-nos perceber que a melhoria do sistema de ensino não pode acontecer sem que os seus professores estejam orientados e apoiados por processos de supervisão. Os entrevistados concordam com a ideia de considerar que é um via fundamental para promover a competência nos alunos

“ (...) é a única via para sairmos desta situação de falta de competência dos nossos alunos. Sabe-se que a eficácia no trabalho dos professores implica a eficácia do sistema de ensino. Tudo o que podemos dizer sobre a eficácia do sistema passa necessariamente pela boa atuação dos professores dentro da sala de aula e em consequência uma boa aprendizagem dos alunos” (E1)

Salienta outro (E2) que

“nenhum sistema de ensino no mundo pode concretizar os seus objetivos educacionais e responder as exigências da sociedade sem que os seus profissionais estejam conscientes e preparados para o desempenhar das suas funções. Para que isso possa ser uma realidade é preciso que os professores sejam acompanhados no exercício das suas práticas profissionais com vista a compreender as suas verdadeiras atuações e

poder-se-à facilitá-los. Porém, tudo isso passa necessariamente pelo apoio efetivo dos supervisores pedagógicos”.

Na percepção de entrevistado E3

“uma supervisão pedagógica eficiente leva e disponibiliza mais ferramentas, confere mais estratégias quer à escola quer ao professor, para a criação de um ambiente de aprendizagem mais favorável e promove encontros de capacitação na matéria pedagógica. (...) Atravéz da supervisão é possível promover encontros de capacitação no domínio pedagógico aos professores, permitindo estes adequarem os objetivos dos conteúdos, tornando-os mais eficaz na assimilação e na sua transmissão aos alunos”.

Finalmente, o entrevistado (E4) fez saber que um bom trabalho dos supervisores é um caminho para a melhoria do sistema de ensino “se os supervisores fizeram os seus trabalhos devidamente, não tem como deixar de ajudar ou impulsionar o sistema educativo”.

Patenteia-se aqui mais uma vez que o nosso sistema de ensino só pode ser eficaz se conseguimos conduzir os professores a uma realização satisfatória das suas atividades pedagógicas dentro das salas de aula. Os professores compreendem que o melhoramento do seu trabalho nas salas de aula promove uma melhor aprendizagem dos alunos e em consequência uma melhoria do sistema de ensino. Mas, isso só é possível se as suas práticas pedagógicas forem acompanhadas e orientadas pela entidade responsável.

Indo ao encontro de respostas relacionadas à sexta subcategoria correspondente à **Avaliação do trabalho dos supervisores**, o entrevistado E1 considera apenas como razoável, fundamentando a sua posição na insuficiência desta equipa: “Dada a insuficiência destes, eu considero de razoável. É verdade que a supervisão pedagógica quer interna como externa se for feita de boa forma é importante”. Outro entrevistado (E2) diz que “a supervisão pedagógica sempre é a parte mais útil para o avanço do sistema de ensino. Dado que ela tem

as suas implicações no trabalho dos professores e na aprendizagem dos alunos”. Para o entrevistado E3 “... poucas vezes que estivemos juntos nas minhas aulas, considero ser muito bom e com impactos positivo imediatos no trabalho”. O entrevistado E4 foi um pouco mais longe na sua resposta, dizendo “Eu avalio o trabalho dos inspetores como o de árbitros, que ajudam e fazem cumprir as normas que balizam desporto. Como pode imaginar, no campo educativo, os inspetores são parceiros ou colaboradores que ajudam quando necessário, os aspetos técnicos, científico-pedagógico”.

A partir da análise de respostas dos entrevistados, constata-se que, apesar de avaliarem pela positiva o trabalho dos supervisores, continua a existir neles o sentimento de insatisfação com a insuficiência dos supervisores pedagógicos nas suas práticas pedagógicas. Conclui-se a partir destes olhares que há uma necessidade de criar um relacionamento permanente entre o corpo inspetivo quer ao nível das estruturas internas como externas com as práticas pedagógicas dos professores.

Finalmente na sétima subcategoria obtivemos respostas sobre **como a supervisão pode Dinamizar o trabalho dos professores**. Ficou registada mais uma vez a ansiedade dos professores em serem apoiados pelos supervisores. Uma das propostas deixada visa sobretudo o aumento do número de supervisores para dar o apoio aos professores. Para os entrevistados E2 e E4 é preciso que os supervisores mantenham uma presença frequente no trabalho do professor, realçando ainda o entrevistado E4 que “é preciso manter mais aproximação aos professores, acompanha-los nas suas atividades, porque só assim estarão em condições de compreender as suas dificuldades e potencialidades e em consequência propor alternativas mais acertadas para uma atuação mais eficaz”. Concluindo o E3 que os supervisores devem ser “proativos, intransigentes nas correções, flexíveis, educativos e inovadores”.

1.1.3. 3.^a Categoria - A Avaliação

Da análise desta categoria desdobraram-se três subcategorias: avaliação da Eficácia dos professores; avaliação do rendimento escolar dos alunos e a avaliação da Instituição, como se pode constatar no Quadro n.º 4. Desta categoria a nossa pretensão foi identificar os elementos de eficácia e descrever os processos de avaliação interna da instituição.

Nas respostas às questões que visam compreender a **Eficácia dos professores**, sobressaem dos entrevistados um olhar positivo naquilo que os professores fazem. Muito embora não esconderam as suas insatisfações sobre as dificuldades que enfrentam no dia-a-dia na realização das suas práticas profissionais. Como se pode apreciar nos entrevistados: (E2) “Eu acredito que os professores fazem um grande trabalho. (...) digo que dentro e fora das salas de aula os professores fazem um trabalho imenso, quer as atividades pedagógicas, científicas e culturais. Basta ver os resultados dos alunos. Embora não podemos ignorar as dificuldades enfrentadas pela escola e no dia-a-dia dos professores”, disse o entrevistado E4 “ (...), realmente conseguem fazer face aos desafios, eu não diria a 100% mas, segundo o que constatei e tenho acompanhado durante todo este tempo dá para dizer isso e afirmar que os professores fazem um bom trabalho”.

Também, quando questionados sobre o **Rendimento escolar dos alunos**, os participantes parecem comprovar aquilo que haviam dito sobre a eficácia dos seus trabalhos, dizendo que os seus alunos revelam uma boa aprendizagem. Com a exceção dos entrevistados E3 e E4 que apresentaram uma visão um pouco diferente acerca da aprendizagem dos seus alunos. O entrevistado E3 apresentou uma certa reserva sobre o rendimento escolar dos seus alunos em níveis, dizendo: “Em termos do curso complementar 10.º, 11.º e 12.º ano não são realmente bons para dizer a verdade, mas vamos ver nesse segundo trimestre se a escala vai melhorar, os alunos do 9.º ano tem duas turmas do bom nível mas, tem 3 turmas que

precisam de um auxílio constante, no nível no oitavo ano tem um equilíbrio isto porque tem alunos bons e tem alunos que precisam também de apoio”.

Nas palavras do entrevistado E4 vimos um realce do conceito de aprendizagem. Percebe-se que o processo de aprendizagem não aconteceu de imediato após a apresentação e desenvolvimento de um dado conteúdo científico, mas sim, é um processo que deve acontecer ao longo de toda a vida:

Os meus alunos estão se superando dia-pós-dia, evoluindo paulatinamente. (...) o ensino e aprendizagem é um processo que se vai construindo lentamente e em fases. Não podemos ensinar para uma criança uma determinada matéria e queremos que ela aprenda esta competência de imediato e que faça na prática da mesma forma. Também é preciso dizer que os alunos não são todos iguais e nem apresentam a mesma capacidade de assimilação da matéria, cada ser humano tem a capacidade de construir ele mesmo os seus significados. Daí que, é bom sempre levar em consideração que a verdadeira aprendizagem se amadurece e se constrói com o passar dos tempos. Por estas e outras razões, considero que o rendimento escolar dos meus alunos é bastante significativo dado aquilo que tenho visto e que tenho registrado durante o nosso trabalho.

Aqui ficou claro que é trabalhado por alguns professores a questão de desníveis entre os alunos dentro da sala de aula, reconhecendo que a capacidade de aprendizagem entre os alunos não é a mesma. Valores que ao nosso ver são de extrema importância para conduzir da melhor maneira o processo de ensino e aprendizagem.

Na última subcategoria referente à **avaliação da Instituição**, os entrevistados fizeram perceber que a escola está superando paulatinamente as suas dificuldades, apesar de não conseguir responder de momento todas as exigências a comunidade. Parecem acreditar que as

dificuldades enfrentadas não podem ser superadas num curto espaço de tempo. Como se pode constatar nas afirmações do E1 “A escola está a evoluir lentamente. (...) apesar de não satisfazer todas as necessidades da comunidade em termos de acesso e todas as necessidades dos seus funcionários, consideramos que está na fase de crescimento”. Para E2 “Apesar das dificuldades, estamos indo pouco bem. Isso porque não conseguimos satisfazer as necessidades dos professores como dos alunos em termos de acesso a materiais didáticos, melhorar condições de trabalho dos professores”.

1.1.4. 4.^a Categoria - Métodos e estratégias de ensino e aprendizagem

Nesta categoria, a nossa intenção foi identificar os métodos/estratégias que os professores adotam para ensinar os seus alunos, para isso, construímos três subcategorias: Atividades realizadas com alunos; Organização da turma e Métodos adotados.

No discurso dos participantes quando questionados sobre as **Atividades realizadas com alunos**, ficou apreendido nas respostas dos entrevistados (E1 e E2) que não só dão valor a atividades científicas, como também, a atividades culturais. Por isso, há uma intercalação das atividades curriculares e extracurriculares, entre as quais as atividades culturais, visitas de estudo, excursões académicas, palestras, seminários...

Diferentemente, apontam as respostas dos entrevistados E3 e E4, que ao nosso ver responderam esta questão baseando nas atividades de ensino e aprendizagem dentro da sala de aula. Disse o entrevistado E3: “Não tenho uma atividade específica para aplicar diariamente nas minhas aulas. Tudo depende da planificação da aula e dos objetivos da aprendizagem”. Acrescentando ainda que “cada aula tem o seu objetivo e que condiciona o uso de uma determinada estratégia, o que significa que é preciso definir o foco de cada nível, se os objetivos justificarem a implementação da estratégia interativa é aplicada”. Enquanto que para o entrevistado E4 as atividades podem ser exercícios para casa como também para

realizar dentro da sala de aula, e podem ser em pares ou de forma individual no quadro.

Reafirmando que isso permite identificar as dificuldades dos alunos e apoia-los.

Questionados sobre como são **Organizadas as turmas** para facilitar a aprendizagem dos alunos, porém, a resposta para esta subcategoria incidiu sobre dois entrevistados (E3 e E4). Ambos os participantes responderam unanimemente dizendo que a organização da turma depende dos objetivos e dos conteúdos da aula.

Finalmente, a terceira e a última subcategoria relacionada com os **Métodos de ensino** adotados pelos professores dentro da sala de aula. O que ficou registrado no discurso dos participantes, nos faz perceber que o método ativo é o que os professores usam com mais frequência. Não querendo com isso dizer que é o único e o mais adequado, mas sim, porque segundo os participantes é para fomentar mais a participação dos alunos na aula. Como se pode constatar na resposta do entrevistado E1: “Os professores usam diferentes métodos mas sobretudo os que proporcionam a maior aprendizagem aos alunos (...) os professores usam mais os métodos ativos”. Reafirmando que “é o que temos orientado sempre para os professores, no sentido de promoverem atividades que possam pôr o aluno numa execução prática”. Sendo este um elemento da direção da escola, parece-nos que a própria escola tem orientado aos seus professores o uso do método ativo. Embora o entrevistado E2 esclareça: “isso não quer dizer que é o único e mais útil. Sabe-se que a utilização do método depende grandemente do contexto da sala de aula e dos objetivos da aula, daí que é difícil ou senão impossível usar um método único para transmissão de todos os conteúdos à todos os alunos”. Finalmente para o entrevistado E4 o método ativo é associado com a exposição dialogada.

1.1.5. 5.^a Categoria – Planeamento das atividades letivas

Aqui, o nosso objetivo é a identificação de meios que a instituição usa para planejar as suas atividades. Assim, ficou patenteado nas palavras dos participantes que a planificação das

atividades letivas obedece à planificação anual feita a partir do ME. Compreende-se que basicamente é a partir desta planificação do ME que a escola estrai os seus conteúdos e objetivos para assim planear as suas atividades dentro das salas de aula. Importa acrescentar que, toda a planificação das atividades letivas da escola se realiza nas Comissões de Estudo (COME), que se realizam regularmente no início de cada mês. Como se pode apreciar nos entrevistados: (E1) “O planeamento das atividades de cada turma depende dos objetivos traçado pela escola e das estratégias adotadas por professor para a sua concretização. Importa dizer que o planeamento depende grandemente das atividades calendarizadas pelo ministério da educação”. Na mesma senda esclarece o entrevistado E3: “Os conteúdos selecionados são extraídos no plano curricular nacional. Toda a minha planificação é feita a partir dos encontros na comissão de estudo que regularmente realizamos em cada início do mês”.

Baseado nestas respostas, podemos concluir que há uma organização interna em termos da organização dos conteúdos e das atividades letivas. Considerando que todos os professores participam nas COMEs para a planificação das suas atividades, dificilmente haverá uma descoordenação em termos de conteúdos a serem lecionados. Um trabalho desta natureza contribui para a eficácia, dado que, todos estarão envolvidos na busca de soluções que possam conduzir a uma realização mais eficaz e consistente.

1.2. Interpretação da grelha de observação focada: estratégias de ensino

Foram 3 professores supervisionados nas suas práticas pedagógicas. Ambos com mais de 11 anos de experiência na docência. Importa referir que, dos 3 professores selecionados, 2 são professores da disciplina de língua portuguesa e um da disciplina de química.

Este instrumento proporciona conhecer de que forma o professor aborda os conteúdos, facilita e orienta o processo de aprendizagem dos alunos, a organização do ambiente educativo, a compreensão das suas competências pessoais e profissionais, a forma como gere os comportamentos e atitudes dos alunos dentro da sala de aula. e finalmente, a planificação

prévia das suas atividades. Para isso, foi necessário compreender 3 níveis de desempenho: **regular, bom e muito bom.**

Durante as observações, concluímos que os professores dada as suas experiências aparentaram um nível muito bom no desempenho das atividades pedagógicas. Constatamos que as estratégias adotadas pelos professores na abordagem dos conteúdos da aula foram suficientes para proporcionar ambientes de aprendizagem aos alunos. O ambiente educativo foi realmente de interação entre professor-aluno e entre aluno-aluno. Ainda foi constatada em todas as observações a flexibilidade e adequação das estratégias pelos professores. O ritmo da instrução foi ajustado com a eficácia, permitindo atender todos os alunos presentes na sala de aula, levando em consideração o nível de compreensão e de aprendizagem de cada aluno.

CAPÍTULO 2 – CONCLUSÕES

Em virtude dos resultados obtidos ao longo desta investigação através das respostas obtidas nas entrevistas realizadas, nas fichas de levantamento das informações, nas grelhas de observações aplicadas aos participantes deste estudo, estamos em condições de apresentar neste capítulo algumas conclusões a fim de dar resposta às questões levantadas no início desta investigação e assim apresentar as considerações finais.

Recordamos que o objetivo geral da presente investigação visa compreender de que modo a supervisão e orientação da prática pedagógica contribui para a aprendizagem da docência e o desenvolvimento pessoal e profissional. Assim, face aos objetivos específicos do estudo iremos apresentar os resultados individualizados de cada questão de investigação.

Objetivo n.º 1 “Identificar de que forma os processos de supervisão apoiam os professores na planificação das suas práticas”. A investigação revelou que o processo de supervisão pedagógica contribui significativamente para a aprendizagem da docência quer no aspeto científico como no aspeto pedagógico.

Face à realidade estudada, ficou patente que os inspetores/supervisores da IGE não conseguem dar o apoio necessário e suficiente aos professores da escola. Não obstante, a escola tem criado o seu corpo de supervisores para fazer face às exigências dos professores no que refere à planificação das suas atividades pedagógicas. Mesmo assim, esta dinâmica interna não consegue dar a cobertura a todos os professores da escola, deixando de lado um grande número de professores sem acompanhamento e apoio nas suas atividades letivas dentro da sala de aula. Constatase ainda uma grande ausência dos inspetores/supervisores da IGE e um fraco apoio dos supervisores pedagógicos internos na planificação das atividades letivas dos professores nas Comissões de Estudo realizadas periodicamente no início de cada

mês. Percebe-se que esta situação pode conduzir para a ineficácia nos trabalhos dos professores contribuindo para um fraco rendimento escolar dos alunos.

Quando os professores não conseguem beneficiar do acompanhamento e apoio necessário na planificação das suas atividades letivas em consequência dificilmente conseguem cumprir com eficácia e eficiência as suas obrigações para com os alunos. Por isso vale lembrar o que disseram Alarcão e Tavares, (2007, Citado por Prates, 2010, p. 21) “ (...) a supervisão é uma atividade que visa o desenvolvimento e a aprendizagem dos profissionais. No caso dos professores (...) gerem (...) a aprendizagem dos seus alunos”.

Daí que a planificação das atividades letivas dos professores bem como da sua aplicação dentro das salas de aula requer uma participação frequente e permanente do inspetor/supervisor. Desta forma, é preciso que o estado, através do ministério da educação, apoie cada vez mais a atuação dos inspetores/supervisores da IGE para fazer face às exigências dos profissionais da educação, neste caso concreto dos professores enquanto agentes da ação educativa e que precisam frequentemente de serem apoiados e acompanhados nas suas planificações pedagógicas.

Objetivo n.º 2 “Caracterizar a visão que os professores da escola têm da supervisão”. Em vista das respostas recolhidas nos participantes do estudo, vê-se um grande entusiasmo por parte dos professores face aos trabalhos dos inspetores/supervisores. A supervisão pedagógica é vista aqui como um instrumento capaz de contribuir para uma verdadeira aprendizagem dos alunos. Revelou-se que a supervisão pedagógica é uma mais-valia e um condicionante para uma realização eficaz da prática pedagógica.

Apesar de uma atuação insuficiente em termos da cobertura a todos os professores por parte dos supervisores pedagógicos, o estudo deixou claro que há um reconhecimento inquestionável dos professores sobre a importância do trabalho do supervisor. A importância atribuída a supervisão pode ser compreendida como um agente que busca proporcionar um

ambiente de reflexão da ação pedagógica. Tal como nos diz Vieira (2009, p. 200) que “na medida em que a supervisão permite a regulação da qualidade da pedagogia, ela apresenta uma condição da sua compreensão e renovação. Isto significa que a pedagogia sem supervisão é menos pedagógica (...), tal como o será a supervisão sem uma visão da pedagogia”.

Objetivo específico n.º 3 “Descrever o tipo de relação que os professores estabelecem com o supervisor”. Podemos constatar nos nossos participantes o reconhecimento por um relacionamento de cooperação mútua entre os diversos atores. Embora reconhecendo a grande ausência da equipa da inspeção/supervisão da IGE e o fraco acompanhamento da equipa de supervisão interna nas atividades pedagógicas dos professores dentro das salas de aula. Deixou ficar aqui que o relacionamento entre os professores e os inspetores/supervisores da IGE e os supervisores internos é saudável e contribui para uma prática pedagógica reflexiva dos professores nas suas ações.

Apesar de serem poucas vezes que estes estiveram sob o acompanhamento supervisoivo, ficou patente que os momentos de encontro foram muito significativos e inesquecíveis nas suas memórias. O que nos leva a dizer que esta cooperação entre as partes foram momentos de grande aprendizagem e que ofereceu uma nova visão e nova forma de atuação.

Parece-nos ficar cada vez mais claro que, como disse Gomes (2012, p. 21), referindo o trabalho de Gillickman e Bey (1990), afirmando que “a supervisão nas escolas conduz a melhoria do nível de reflexão e pensamento dos professores; à melhoria da colegialidade, autonomia, atitude de abertura, capacidade de comunicação, autoeficácia e eficiência pessoal; à redução dos níveis de mal-estar profissional, ansiedade e sentimento de solidão; e, por último, mas particularmente fundamental e significativo, aos benéficos nas atitudes dos educandos”.

Precisamente nesta linha de pensamento, parece muito relevante trazer a citação de Mosqueira (2017, p. 47) que defende que “a prática refletida precisa de ser acompanhada por um supervisor que, experientemente, detenha as competências de orientar, estimular, exigir, apoiar, avaliar, isto é, seja simultaneamente treinador, companheiro e conselheiro”.

Objetivo n.º 4 “Compreender de que forma a supervisão apoia os professores na melhoria das suas práticas de ensino”. As respostas dos participantes apontam para uma unanimidade em termos de reconhecimento e valorização do trabalho dos supervisores pedagógicos nas escolas junto dos professores.

A atuação do supervisor de acordo com os participantes do estudo, o processo de supervisão nas suas práticas letivas é realizada a partir do acompanhamento do plano de atividades mensal da escola elaborada nas comissões de estudo para compreender a coerência entre os conteúdos científicos que os professores lecionam e o aspeto pedagógico do professor dentro da sala de aula. Através desta atuação, permite uma compreensão clara do trabalho do professor e em consequência oferecer o apoio eficaz e assertivo para que o professor possa melhorar a sua prática.

A melhoria da prática pedagógica dos professores implica o seu desenvolvimento profissional enquanto atuante da ação pedagógica. Este entendimento parece confirmar mais uma vez o que nos disseram diversos autores na revisão da literatura, como nos diz Pita (2012, p. 20) “o desenvolvimento profissional permite construir novas práticas pedagógicas e para além de ser um processo individual também é um processo colaborativo, centrado na escola e em constante construção” e para Flores “Sem professores de qualidade e competentes nas nossas salas de aula, nenhuma tentativa de reforma educativa conseguirá bem sucedida” (2010, pp. 27).

Objetivo n.º 5 “Compreender como é que a supervisão contribui para o estabelecimento de um clima facilitador de aprendizagem dentro da sala de aula”. Em virtude do que foi mencionado, ficou evidente nas respostas dos participantes que a ação supervisiva é indispensável para os professores mas em particular para o aluno.

Não é menos verdade dizer que todo o trabalho do professor tem como o objetivo único atender às preocupações dos alunos, e se assim for, o apoio e orientação coesa ao professor condiciona automaticamente a melhoria do seu trabalho com os alunos dentro da sala de aula, tornando neste sentido o processo de ensino e aprendizagem muito mais fácil e em consequência a aprendizagem dos alunos passa a ser muito mais significativo e consistente.

Parece ficar claro nas respostas que a ação pedagógica dos professores precisa ser impulsionada cada vez mais para que se possa estabelecer um clima facilitador de aprendizagem dentro da sala de aula entre o professor enquanto executor direto do processo de ensino-aprendizagem e o aluno enquanto alvo principal desta ação.

O estudo deixou evidências mais uma vez que a aprendizagem do aluno está estreitamente ligada à eficácia do trabalho do professor, mas que só se concretiza efetivamente se este trabalho estiver sob um acompanhamento e orientação supervisiva. Neste sentido, o papel do supervisor pedagógico no estabelecimento deste clima é fundamental. A ação supervisiva deve criar condições para que o professor possa crescer cada vez mais, refletindo sobre a sua ação e desenvolvendo progressivamente.

Este entendimento parece corroborar com o de Alarcão e Tavares, (1987, citado por Pereira, 2013, p. 149) “ensinar os professores a ensinar deve ser o objetivo principal de toda a supervisão pedagógica”. Vale dizer que a supervisão visa “não só o desenvolvimento do

conhecimento embora também o desabrochar de capacidades reflexivas e o repensar de atitudes, contribuindo para uma prática de ensino mais eficaz, mais comprometida, mais pessoal e mais autêntica” (Alarcão e Tavares, 2003, citado por Gomes, 2012, p. 22).

Finalmente podemos perceber que é preciso que as estruturas da IGE comecem a pensar e repensar a sua atuação aos professores no que refere ao acompanhamento e apoio das suas práticas pedagógicas. Dado que só por esta via podemos melhorar o sistema de ensino e em consequência a melhoria de qualidade das aprendizagens dos nossos alunos.

Considerações finais

A supervisão da prática pedagógica na Guiné-Bissau é praticamente “inexistente”, dado que, durante várias décadas o sistema educativo não consegue criar um corpo de inspetores/supervisores capaz de atender às necessidades dos professores na realização das suas práticas pedagógicas dentro das salas de aula e em consequência proporcionar uma verdadeira aprendizagem da docência e o desenvolvimento profissional e pessoal.

Atualmente, constata-se que continua a vigorar no seio das atividades dos inspetores/supervisores da IGE para com os professores mais a componente controle e fiscalização. Embora plasmado no seu Estatuto Orgânico, artigo 6.º das atribuições, a componente de apoio e orientação pedagógica (Correiro, 2011, p. 23), tudo leva a crer que as atividades dos inspetores/supervisores da IGE estão mais centralizadas na vertente de controle e fiscalização de funcionamento administrativo e financeiro das escolas, preocupando-se mais com a recolha de informações da forma como as políticas educativas são implementadas e concretizadas, para assim propor correções com base nos seus procedimentos legais.

Sabe-se hoje que é preciso oferecer mais que isso, é fundamental acompanhar e apoiar os professores nas suas atuações dentro das salas de aula. A dimensão de controle no sentido burocrático só pode trazer o desconforto por parte dos professores, na medida em que a percepção que muitos professores têm dos inspetores/supervisores é causada pelo seu comportamento, particularmente o modo de atuação com o caráter muito autocrático e avaliativo por parte de inspetores que atuam diante dos professores, atuação essa que na maioria de casos não obedece na plenitude às orientações plasmadas nas diretrizes da atividade inspetiva.

Continuam a verificar-se grandes dificuldades enfrentadas pelos professores nas suas ações pedagógicas dentro das salas de aula, contribuindo assim para um fraco rendimento escolar dos alunos, originado pelo fraco cumprimento e a ineficiência de vários professores no exercício das suas ações pedagógicas. Podemos dizer que em parte, esta situação é devida sobretudo a esta forma de atuação da IGE de não se aproximar dos professores através dum verdadeiro acompanhamento e apoio científico-pedagógico.

À luz do exposto, percebe-se que é preciso compreender e reconfigurar a atuação dos inspetores/supervisores nas escolas e diante dos professores para que a educação possa sonhar e viver. É verdade que ainda não conseguimos ter uma educação a modelo das exigências contemporâneas que reflete a realidade social e do país no geral, adotando um sistema educativo institucionalmente forte, seguro e criteriosamente planificado.

Importa dizer que o país precisa de uma educação de qualidade, que produz homens capazes de transformar e de introduzir inovações profundas na sociedade e de enfrentar os difíceis desafios do mundo em que vivemos. Neste contexto, a mudança de atitude dos inspetores/supervisores face às escolas e aos seus agentes pode enquadrar-se precisamente como uma das caminhadas para a busca de soluções definitivas almejado por todos.

Daí que, a mudança de paradigma seja fundamental para o alcance de respostas que possam conduzir para uma eficácia e eficiência na atuação dos professores para um efetivo alcance das políticas educativas. Os professores devem sentir-se motivados e encorajados com a presença dos inspetores/supervisores no desempenhar das suas ações profissionais e pessoais, interessados em cooperar e modificar as suas ações com vista a proporcionar ambientes de aprendizagem mais saudáveis.

Torna-se neste caso muito importante, senão mesmo imperativo, que esta atuação dos inspetores/supervisores se enquadre com mais visibilidade na componente de apoio e orientação que de controle. Os professores precisam de se sentir confiantes e esperançados, que as suas dificuldades, limitações e problemas, por mais profundos que sejam, podem ser solucionados com a intervenção dos inspetores/supervisores. Ainda que, a tarefa do inspetor/supervisor não se limita unicamente em exigir dos professores o cumprimento das disposições regulamentares, mas ao mesmo tempo guiá-los no desempenho dos seus deveres, aconselhá-los sobre a prática do ensino, corrigir os seus erros, animar a sua dedicação no trabalho e aplaudir os seus bem-sucedidos esforços. Mas isso só se consegue concretizar quando a ação inspetiva/supervisiva conseguir oferecer um apoio sólido, constante e permanente a todos os professores. Percebemos que o apoio quando for bem-sucedido, se traduzirá em melhores resultados de forma significativa, dado que, todos os professores se sentiram confiantes, comprometidos e esperançados com e para a melhoria das suas atuações enquanto profissionais.

Limitações do estudo

O presente estudo realizado na cidade de Bissau, numa escola da zona – 1, nos período entre 2019 e 2020, apresenta várias limitações, entre elas podemos destacar: a falta de experiência do investigador para a elaboração de trabalho desta natureza. A outra grande

limitação do estudo deve-se ao fato do tema em estudo “supervisão pedagógica” é pouco esclarecido no seio da sociedade educativa guineense e pouco estudado na literatura guineense, fala-se mais da inspeção no domínio de controlo e fiscalização do que da supervisão da prática pedagógica. Referimos também a limitação de ser apenas um estudo de caso exploratório com 14 participantes e centrado na realidade de apenas uma escola.

Porém, apesar de estes aspetos serem limitador, tiveram a vantagem de constituir uma grande oportunidade de aprendizagem impar nesta área, e de potencializar um crescimento pessoal e profissional.

Linhas para investigações futuras

Como dissemos, o tema “Supervisão e Orientação da Prática Profissional” é um tema pouco estudado na literatura guineense, pelo que, este estudo deve constituir um ponto de partida para novas investigações no domínio da supervisão da prática pedagógica dos professores dentro e fora das salas de aula.

Dos resultados obtidos neste estudo percebe-se que apesar do fraco acompanhamento originado pela insuficiência dos inspetores/supervisores, há uma importância atribuída ao trabalho do supervisor pedagógico. A ação supervisiva é vista como um contributo indispensável para uma prática pedagógica reflexiva dos professores e em consequência o seu desenvolvimento profissional. Neste sentido seria importante estudar de um lado como o processo de supervisão pedagógica pode abranger todos os professores através das estruturas da IGE, e por outro, como as escolas através das suas estruturas internas podem criar dinâmicas da supervisão para apoiar os seus professores. E para isso, que seja envolvido todos os agentes da ação educativa que contribuem quer de forma direta ou indireta para a melhoria da prática pedagógica e a aprendizagem dos alunos.

Neste caso, seria muito importante que sejam selecionadas mais escolas, usando métodos diversificados de pesquisa para o estudo com vista a permitir mais compreensão da realidade educativa e assim traçar mecanismos viáveis que conduzem a uma realização eficaz do processo de ensino e aprendizagem através da nova forma de atuação dos professores dentro das salas de aula. Acreditamos que estes estudos poderão trazer respostas que podem solucionar vários estrangulamentos sentidas neste domínio.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Alarcão, I. (1996, p. 45). A formação Reflexiva dos Professores Estratégias de Supervisão
Editora: Porto Editora
- Amado, J. (Coords.) (2013). *Manual de investigação qualitativa em educação*. Coimbra:
Imprensa da Universidade de Coimbra.
- Baldé, U. (2011). Relatório de Estágio - Inspeção-Geral de Educação. (consult. 11. 01.2020).
Disponível em:
https://repositorio.ul.pt/jspui/bitstream/10451/6047/2/ulfpie039936_tm_tese.pdf
- Bardin, L. (2011). *Análise de conteúdo*. São Paulo: Edições 70.
- Bardin, L. (2009): *Análise de conteúdo*. São Paulo: Edições 70.
- Bardin, L. (1979): *Análise de conteúdo*. Lisboa – Edições 70.
- Bogdan, R. & Biklen, S. (1994). *Investigação Qualitativa em Educação – Uma
Introdução à Teoria e aos Métodos*. Porto Editora.
- Borges, F. I. S., Gaspar, M. I. & Neves, C. (2012). A supervisão pedagógica: significados e
operacionalização. *Revista Portuguesa de Investigação Educacional*, vol. 12, 2012,
pp. 29-57. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/303874860>
- Chizzotti, A. (2006). *Pesquisa em ciências humanas e sociais* (8ª ed.). São Paulo: Cortez.
- Coelho, M. J. C. (2013). Avaliação de Desempenho Docente: Efeitos no Desenvolvimento
Profissional. (consult. 20.08.2019). Disponível em:
<http://hdl.handle.net/10400.21/3131>
- Correio, M. (2011). *Sistema de Inspeção da Educação: Os modelos teóricos e a sua
aplicação no Senegal, Mali, Benim e Guiné-Conacri por comparação com a Guiné-
Bissau*. (consutl. 06.02.2020). Disponível em:
<https://docplayer.com.br/6373214-Sistemas-de-inspeccao-da-educacao.html>

Ferreira, L. B. (2012). A Técnica de Observação em Estudos de Administração.

XXXVI Encontro da EnANPAD, Rio de Janeiro / RJ (consult.12.09.2019).

Disponível em: http://www.anpad.org.br/admin/pdf/2012_EPQ482.pdf

Ferreira, M. N. (2017). Monitorização dos Resultados: Uma Ferramenta para a Tomada de Decisão na Melhoria da Escola. (consult. 17.01.2020) Disponível em:

<https://repositorio.ipl.pt/handle/10400.21/8189>

Flick, U. (2004). “Uma introdução à pesquisa qualitativa”. Tradução Sandra Netz. 2ª edição.

Porto Alegre: Bookman.

Flores, M. A. (2010). *A Avaliação de Professores numa Perspectiva Internacional: Sentidos e Implicações*. Coleção: saberes plurais. Editores: areal

Freire, P. (1972). *Pedagogia do Oprimido*. Porto: Edições

Afrontamento.

Freire, P. (1981). *A Pedagogia do Oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra.

Gil, A. C. (2008): *Métodos e Técnicas de Pesquisa Social*. 6.ª Edição. Editora: Atlas S.A, São Paulo.

Goldenberg, M. (2004). *A Arte de Pesquisar: Como Fazer Pesquisa Qualitativa em Ciências Sociais*. Editora Record. Rio de Janeiro - São Paulo. 8ª Edição.

Gomes, J. C. C. (2012). *Conceções do Professor Coordenador de Departamento sobre a sua Função Promotora de Desenvolvimento da Prática Docente dos seus Pares*

(consult. 20.12.2019) Disponível em: <http://handle.net/1051/7608>

Greia, J. (2013). *Supervisão Pedagógica no Contexto do Desenvolvimento Profissional Docente e Melhoria das Aprendizagens - Um Estudo de Caso em Moçambique*.

(consult. 20. 02. 2020) Disponível em:

https://repositorio.ucp.pt/bitstream/10400.14/13910/1/TESE_JOS%C3%89%20GREI_A.PDF

Laranjeira, M. C. F. A. (2016). *O Papel da Supervisão na Componente Interna da Avaliação Docente e o seu Contributo para o Desenvolvimento Profissional: Estudo de Caso numa Escola Secundária* (consult. 20.05.2019). Disponível em: <http://hdl.handle.net/10451/24617>

Ludke, M.; André, E. D. A. (1986). *A Pesquisa em Educação: Abordagens Qualitativas*. São Paulo: Pedagógica e Universitária LTDA.

Marcelo, C. (2009). Desenvolvimento Profissional Docente: passado e futuro. *Sísifo, Revista de Ciências de Educação*, nº 08, pp. 7-22 (consult. 11.05. 2019) Disponível em: <http://sisifo.fpce.ul.pt>

Mosqueira, P. M. R. A. (2017). *O Papel Da Supervisão Pedagógica nos Primeiros Anos De Prática Docente no 1.º Ciclo do Ensino Básico – Estudo de Caso* Lisboa. (consult. 05.03.2020). Disponível em: <file:///C:/Users/seedy/Downloads/Patr%C3%ADciaMosqueira.pdf>

Pereira, C. S. & Ribeiro. C. (2013). Supervisão Pedagógica – Um Alicerce para a Construção do Saber. *Gestão e Desenvolvimento*, 21 (2013), 147-172. Disponível em: https://repositorio.ucp.pt/bitstream/10400.14/21391/1/gestaodesenvolvimento21_147.pdf (consult. 12 06. 2020).

Pita, M. L. C. M. (2012). *Supervisão e Orientação da Prática Profissional no Exercício da Coordenação dos Departamentos Curriculares: da Teoria à Prática*. (consult. 07.12.2019) Disponível em: <http://hdl.handle.net/10451/7685>

Prates, M. L. (2010). Liderança: Supervisão e Aprendizagem partilhada na escola atual. *EDUSER: Revista de Educação*, Volume 2 (1), 21. (consult. 27.05.2020) Disponível em: <http://www.eduser.ipb.pt>

- Reis P. (2010). *Análise e discussão de situações de docência*. Coleção: Situações de Formação. Ed.: Universidade de Aveiro - Campus Universitário de Santiago - Aveiro
- Roldão, M. C. (2007). Formação de professores baseada na investigação e prática reflexiva. *Conferência: Desenvolvimento profissional de professores para a qualidade e para a equidade da Aprendizagem ao longo da Vida*. 1-15. Lisboa: Presidência Portuguesa do Conselho da União Europeia
- Rosa, E. G. B. (2008). *Implicações da supervisão dos estagiários no percurso de formação dos professores cooperantes* (consult. 20.05.2019).
Disponível em: <http://hdl.handle.net/10400.21/488>
- Silva, A. M. (2015). *Metodologia da Pesquisa*. 2ª Edição. Editora da Universidade Estadual do Ceará – EdUECE
- Silva, C. I. A. (2009). *A Observação de Aulas enquanto Prática Reflexiva*.
(consult. 17.01.2020):Disponível em:
www.academia.edu > A OBSERVAÇÃO DE AULAS E...
- Silva, R. M. F. & Vasconcelos, T. (2010). Supervisão da Prática Pedagógica: Um Processo de Aprendizagem e Desenvolvimento Organizacional? Estudo de Caso Numa Escola do 1.º Ciclo do Ensino Básico. *Da Investigação às Práticas - Estudos de Natureza Educacional*, Vol. X Nº1. 2010, p. 65. (consult.20.02.2020).Disponível em:
<https://repositorio.ipl.pt/bitstream/10400.21/490/1/Supervis%C3%A3o%20da%20pr%C3%A1tica%20pedag%C3%B3gica.p>
- Sousa. C. S. P. (2012). *Representações da Supervisão Pedagógica na Formação Inicial de Educadoras/Professoras no Ensino Pré-Escolar e no 1º Ciclo - Estudo de Caso*
Relatório de Estágio: Mestrado em Supervisão Pedagógica e Formação de Formadores. Coimbra. (consult. 09.02.2020. Disponível em:

<https://estudogeral.sib.uc.pt/handle/10316/25505>

Sousa, M. J. & Baptista, C. S. (2011). *Como Fazer Investigação, Dissertações, Teses e Relatórios*. 5ª Edição. Editora: PACTOR 2011.

Tuckman, B. (2005). *Manual de investigação em educação: Como conceber e realizar o processo de investigação em educação*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian

Valério E. F. O. (2018). *Aprender Ensinando -Supervisão Pedagógica, Ensino e*

Aprendizagem da Profissão Docente. (consult.11.10.2019). Disponível em:

file:///E:/MESTRADO%20=%20RESUMO%20E%20TESES%20PARA%20ELABOR.%20DE%20TESE%20FINAL/01%20tese%20a%20seguir%20ELISA%20FATIMA%20ulsd731590_td_tese.pdf

Vasconcelos, T. & Rosa, E. G. B. (2010). Implicações da Supervisão de Estágios no Processo de (Auto)Formação dos Professores Cooperantes. *Da Investigação às Práticas - Estudos de Natureza Educacional* Vol X Nº1 <http://hdl.handle.net/10400.21/488>

Vieira, F. (2009). Para uma Visão Transformadora da Supervisão Pedagógica. *Revista: Educ. Soc.*, Campinas, vol. 30, n. 106, pp. 197-217

ANEXOS

Anexo I – Pedido de encontro de trabalho para informar sobre o projeto a desenvolver na escola.



UNIVERSIDADE
DE LISBOA



**MESTRADO EM EDUCAÇÃO
ESPECIALIZAÇÃO EM SUPERVISÃO E ORIENTAÇÃO DA PRÁTICA PROFISSIONAL**

Ao
Diretor da Escola “Complexo Escolar
São Francisco de Assis” Antula
Senhor Adulai Camará

Bissau

Bissau, 30/10/2019

Assunto: Pedido de encontro de trabalho para informar sobre o projeto a desenvolver na escola.

Os meus cumprimentos.

Eu, Sene Djau, estudante da Universidade de Lisboa – Instituto de Educação, mestrando em Educação - Especialização em Supervisão e Orientação da Prática Profissional, pretendo levar a cabo o meu projeto de mestrado na vossa instituição educativa.

Razão pela qual, vim através desta carta solicitar um encontro para dar informações sobre os objetivos do projeto.

Sem mais assunto, agradeço desde já e aguardo uma resposta satisfatória da vossa parte.

Sene Djau

Estudante de Mestrado

Anexo II – Carta-AcordoUNIVERSIDADE
DE LISBOA**CURSO DE MESTRADO EM EDUCAÇÃO
ESPECIALIZAÇÃO EM SUPERVISÃO E ORIENTAÇÃO DA PRÁTICA PROFISSIONAL**

Ao
Senhor Adulai Camará
Diretor da Escola “Complexo Escolar
São Francisco de Assis/Antula”

Bissau

Carta-Acordo

Nome da Instituição: Complexo escolar São Francisco de Assis – Antula

Morada: Bairro de Antula

Tipo de Instituição: Semi-Pública/Autogestão

Mestrando: Sene Djau

Data: 09/11/2019

Serve a presente carta-acordo para assinalar o início do desenvolvimento do projeto de Mestrado em Educação – área de especialização em Supervisão e Orientação da Prática Profissional na instituição educativa acima referida e explicar os compromissos de cada um dos intervenientes. Este projeto é da responsabilidade do diretor da instituição e do estudante de mestrado que assinam esta carta-acordo. É coordenado pelo orientador do projeto, que é uma professora do Instituto de Educação da Universidade de Lisboa.

O estudante compromete-se a responder todas as questões e dúvidas levantadas pelos participantes, a dar informações credíveis sobre os objetivos do projeto, a apoiar a sua participação e a garantir a confidencialidade dos dados recolhidos e tratados, bem como garantir o anonimato dos participantes.

O Diretor da instituição bem como os restantes participantes devem dar acesso às informações solicitadas e a garantir as condições para a recolha de dados e o desenvolvimento das atividades inerentes ao projeto.

Devem ser assinados dois exemplares desta Carta-Acordo: um fica na instituição e outro é entregue ao estudante do mestrado (que deve figurar nos anexos do relatório Final).

Estudante do Mestrado

Diretor da Instituição

Anexo III – Ficha da instituição



UNIVERSIDADE
DE LISBOA



MESTRADO EM EDUCAÇÃO ESPECIALIZAÇÃO EM SUPERVISÃO E ORIENTAÇÃO DA PRÁTICA PROFISSIONAL

Ficha da Instituição

Nome:

Localidade:

Diretor:

Estudante de Mestrado:

Data:

1. Tipo de Instituição (coloque uma Cruz X)

- a) Pública _____ Pertencente a que Ministério? _____
- b) Pública de Autogestão ____ Pertencente a que Ministério? _____
- c) Privada Laica _____ Pertencente a que Organismo? _____
- d) Privada Confessional ____ Católica ____ evangélica ____ Islâmica ____

2. Há quanto tempo está a funcionar?

- a) 0-2 anos _____ b) 3-5 anos _____ c) 6-10 anos _____ d) + 10 anos _____

3. Em que tipo de instalações funciona?

- a) Construção de raiz _____ b) Edifício adaptado _____ c) Escola Integrada _____ d) Outra situação _____

Explique: _____

4. Horário da Instituição

- a) Abertura _____ b) Encerramento _____ c) Refeições _____
- d) a escola pode não ter a cantina escolar para as crianças mas pode ser intervalo para comprar a comida) _____?

Alunos

5. A partir de que idade a instituição recebe alunos _____
6. Quantos alunos / género com as idades abaixo indicadas frequentam a instituição?

	Idade	Nível	Género	
			Masculino	Feminino
0-12 meses				
1-2 anos				
3-4 anos				
5-6 anos				
6-7 anos				
8-9 anos				
10-11 anos				
12-13 anos				
14-15 anos				
16-17 anos				
18-19 anos				
+ 20 anos				

7. Quantos alunos frequentam à data a instituição? _____
8. Qual a lotação máxima permitida nas salas de aula? _____
9. Quantos alunos ficaram este ano em lista de espera? _____
10. Quantos alunos têm necessidades educativas especiais? _____ Indique o tipo de necessidades?
- a) Cegos e ambliopes _____
 - b) Surdos-mudos _____
 - c) Paralisia cerebral e outras deficiências neuro-motoras _____
 - d) Perturbação mental _____
 - e) Trissomia _____
 - f) Dificuldades de Aprendizagem? _____
 - g) Outra _____
11. Quantos alunos falam a língua portuguesa com frequência na escola? _____

Que línguas são faladas em casa com mais frequência?

Língua	Número de alunos
Crioulo	
Balanta	
Fula	
Mandinga	
Manjaco	
Mancanha	
Papel	
Outra? Qual?	

12. Que linguas são faladas na instituição?

- a) Português _____
 b) Língua étnica _____
 c) Qual? _____

Explique em que situações se fala o português e em que situações se fala a língua étnica

13. Quantas salas, n.º alunos por sala, professores e rácio Professor/alunos?

	Salas	Número	Nº Alunos por sala	N.º Professores por sala/turma	Rácio Professor/Aluno
Pré-escolar	Creche (0-1 anos)				
	Creche (1-2 anos)				
	J.Infância (3-5 anos)				
1.º Ciclo Ensino Básico	1.º ano				
	2.º ano				
	3.º ano				
	4.º ano				
2.º Ciclo EB	5.º ano				
	6.º ano				
3.º Ciclo EB	7.º ano				
	8.º ano				
	9.º ano				
Ensino Secundário	10.º ano				
	11.º ano				
	12.º ano				

Pessoal**14. Gestão**

- a) Qual o tipo de gestão da instituição (conselho de escola, diretor nomeado, direção eleita...)

- b) Quais as funções da gestão (o que compete a cada órgão/membro fazer e decidir)?

15. Pais / Encarregados de Educação

- a) Existe associação de pais? _____

- b) Se respondeu sim diga que atividades realizam?

- c) Que apoio individual podem prestar / prestam os pais à instituição _____

16. Estudantes

- a) Existe associação dos estudantes? _____

- b) Se respondeu sim diga que atividades realiz? _____

17. Financiamento

- a) Dê uma estimativa do custo por aluno /mês ou ano?

Creche _____

Jradim Infância _____

1.º Ciclo _____

2.º Ciclo _____

3.º Ciclo _____

Secundário _____

- b) Contribuição do estado por mês ou ano _____

- c) Contribuição dos pais por mês ou ano _____

- d) Outras fontes de financiamento? _____

Comunidade Local

18. Qual a localização geográfica da instituição?

- a) Área urbana _____

- b) Área suburbana _____

- c) Área Rural _____

19. Quantos alunos

- a) Vivem com ambos os pais _____

- b) Vivem com apenas com a mãe _____

- c) Vivem apenas com o pai _____

- d) Vivem com outros familiares (tios, avós) _____

Observações (outras informações que ache por bem registar):

Anexo IV – Ficha do espaço educativo



UNIVERSIDADE
DE LISBOA



Instituto de Educação

MESTRADO EM EDUCAÇÃO ESPECIALIZAÇÃO EM SUPERVISÃO E ORIENTAÇÃO DA PRÁTICA PROFISSIONAL

Ficha do Espaço Educativo

Nome da Instituição:

Localidade:

Estudante de Mestrado:

Data:/...../.....

1. Descreva o edifício em breves palavras (se é novo ou velho, se está em boas condições de conservação, quantos andares tem, se tem espaço exterior ou não, etc. Tire algumas fotografias ao edifício).....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

2. Quantas salas tem? Quantas são salas de aula?
Existem salas suficientes para todos os alunos?

.....

3. Faça um desenho/planta de uma sala de aula e tire fotografias (use uma folha por sala)

4. Explique porque as salas estão assim organizadas (as mobílias e os materiais)

.....

.....

.....

.....

5. Dos seguintes materiais indique, colocando uma cruz, os que tem na sua sala:

Materiais	
Acessos para cadeiras de rodas e espaço para cadeiras especiais	

Computadores	
Instrumentos de música	
Jogos de mesa (puzzles, cubos, etc.)	
Livros	
Manuais escolares	
Materiais para jogar no exterior (bolas, arcos, cordas, etc.)	
Outros? Quais?	
Papel / cadernos	
Placares/Expositores (para dar informações e expor trabalhos dos alunos)	
Tintas e lápis de cor	
Um sítio (cabides) para guardar as coisas dos alunos	

Observações (se quiser dizer algo mais sobre os materiais que existem ou não existem na sua sala):

.....

.....

.....

.....

6. A sua instituição tem (coloque uma cruz em caso de ter, deixe em branco em caso de não ter)

Acesso a água corrente	
Biblioteca/ludoteca/centro de recursos educativos	
Cozinha	
Ginásio	
Refeitório	
Sala de direção	
Sala de professores	
Sala destinado aos pais (e à comunidade)	
Sanitários para alunos	
Sanitários para alunas	
Sanitários para professores/pessoal	

Observações (se quiser dizer algo mais sobre os materiais que existem ou não existem na sua sala):

.....

.....

.....

.....

7. Espaço exterior

- A instituição tem espaço exterior? Sim: Não:
- Em caso de ter, quantas vezes por dia é usado?
- Quantas horas é usado?
- A área exterior é coberta? Sim: Não:
- Quem vigia o recreio?

f) Que materiais existem no exterior (diga o que existe: bolas, baloiços, escorrega, campo de jogos, horta, jardim, etc.):

.....

.....

.....

Observações (se quiser dizer algo mais sobre o espaço educativo faça-o neste espaço):

This image shows a full page of white paper with horizontal dashed lines, typical of primary school writing paper. The lines are evenly spaced and run across the width of the page. There are no margins, text, or other markings on the paper.

• • • • •

Anexo V – Ficha do professor



UNIVERSIDADE
DE LISBOA



MESTRADO EM EDUCAÇÃO ESPECIALIZAÇÃO EM SUPERVISÃO E ORIENTAÇÃO DA PRÁTICA PROFISSIONAL

Ficha do/a Professor/a

Nome da Instituição:

Morada:

Nome do/a Professor/a:

Género:.....

Estudante de Mestrado:

Data:

Vínculo à escola: Efetivo..... Novo Ingresso.....Contratado.....

Desempenha outra função na escola? Sim ____ Não ____ se sim qual?

1. Habilitações

a) Anos de escolaridade (Coloque um círculo de acordo com a sua situação)

3.º- 4.º 5.º-6.º 9.º 11.º 12.º

b) Habitações académicas

Bacharelato

Licenciatura

Pós-graduação

Mestrado

Doutoramento

Outra

Na área de:.....

Na área de:

Na área de:

Na área de:.....

Na área de:

Qual?

2. Anos de serviço

a) Total (desde que começou a trabalhar como professor/a):

b) Nesta instituição:

c) Que disciplinas leciona?

.....

d) **Tem experiência com alunos com NEE (Necessidades Educativas Especiais)?**

Explique?

.....

e) Teve formação para trabalhar com alunos com NEE?

Explique?.....

.....

3. Descreva as funções que desempenha nesta instituição (O que faz):

.....

4. No seu trabalho

a) O que gosta mais de fazer (lhe dá mais satisfação)?

.....

b) O que gosta menos de fazer (lhe dá menos satisfação)?

.....

5. O que o/a levou a escolher a profissão de professor?

.....

6. Como gostaria de melhorar a sua atividade profissional?

.....

a) Que dificuldades encontra?

.....

b) O quê ou quem poderia contribuir para essa melhoria?.....

.....

- 7. Assinale os 5 temas**, entre os abaixo indicados, em que gostaria de ter formação e que acha que contribuiriam para melhorar o trabalho que desenvolve na instituição, junto dos alunos, colegas e pais (Assinale com 1 o que acha mais importante, 2 como importante, e assim sucessivamente até 5, o que acha menos importante)

Temas	Importância
Aprendizagem e desenvolvimento do aluno na idade escolar	
Aprendizagem da leitura	
Atividades lúdicas e jogos	
Computadores	
Crianças em risco	
Educação para a saúde	
Expressão oral e expressão escrita	
Manuais escolares e outros recursos educativos	
Necessidades educativas especiais	
Organização do espaço e dos materiais	
Planear e organizar atividades educativas	
Português	
Trabalho com pais	
Trabalho em equipa (entre professores)	
Outro (escreva qual)	

Anexo VI – Grelha de observação focada: estratégias de ensino



UNIVERSIDADE
DE LISBOA



MESTRADO EM EDUCAÇÃO ESPECIALIZAÇÃO EM SUPERVISÃO E ORIENTAÇÃO DA PRÁTICA PROFISSIONAL

Grelha de observação focada: estratégias de ensino

Data da observação: ____/____/____ Ano letivo: ____/____

Escola: _____

Setor/Zona: _____ Região: _____

Nome do Professor: _____

Anos de serviço: _____ Estatuto: _____

Formação académica: _____ Área de formação: _____

Classe que leciona: _____ Disciplina: _____

Sumário: _____

Noção de género na turma	Masculino	Feminino	Total
Nº de alunos matriculados			
Nº de alunos presentes			
Comportamentos com impactos educativos positivos	Regular	Bom	Muito bom
Expressa-se muito bem, tanto oralmente como por escrito.			
Fornece instruções de forma clara e concisa.			
Utiliza eficazmente as experiências, as ideias e os conhecimentos prévios dos alunos para facilitar a aprendizagem.			
Estimula e encoraja a participação dos alunos durante a aula.			
Explica os conteúdos difíceis mais de uma maneira.			
Utiliza diversas atividades na aula.			
Capta a atenção dos alunos durante a aula.			
Reage e adapta-se às alterações de atenção dos alunos.			
Evidencia um entusiasmo sincero pelo tema da aula.			
Adequa as estratégias de ensino aos conteúdos da aula.			
Adequa as estratégias de ensino à idade e às necessidades dos alunos.			
Demonstra alto nível conhecimento dos conteúdos.			
Proporciona oportunidades aos alunos para que apliquem os conhecimentos.			
Utiliza os recursos necessários durante a aula.			
Estabelece relações entre os tópicos da aula e os tópicos das aulas anteriores e posteriores.			

Anexo VII – Guião de entrevista aplicado ao diretor da escola



MESTRADO EM EDUCAÇÃO ESPECIALIZAÇÃO EM SUPERVISÃO E ORIENTAÇÃO DA PRÁTICA PROFISSIONAL

Guião de Entrevista Semiestruturada aplicado ao diretor escolar

TEMA: Supervisão e Orientação da Prática Profissional: Um Contributo para o Desenvolvimento Profissional e Pessoal do Professor e a Melhoria da Prática Docente

Objetivos: Identificar as potencialidades e as dificuldades enfrentadas pela escola

Identificar as dificuldades dos professores na realização das suas práticas pedagógicas

Compreender de que modo a supervisão e orientação da prática pedagógica contribui para a aprendizagem da docência e o desenvolvimento pessoal e profissional dos professores.

Compreender em que medida a escola trabalha para a melhoria do trabalho dos seus profissionais e da aprendizagem dos seus alunos.

Blocos	Objetivos específicos	Questões	Tópicos
--------	-----------------------	----------	---------

Bloco 1 – Legitimação da entrevista e motivação do entrevistado	<p>Agradecer e informar objetivos do estudo;</p> <p>Solicitar a colaboração do entrevistado, explicitar a sua importância para o estudo em curso;</p> <p>Assegurar o anonimato das suas opiniões;</p> <p>Solicitar a autorização para gravar a entrevista.</p>	<p>Encontro-me aqui na qualidade de estudante do Instituto da Educação - Universidade de Lisboa, curso de Mestrado em Educação, área de especialização em Supervisão e Orientação da Prática Profissional. A nossa intenção é fazer um estudo com o intuito de levantar dados que descrevem a realidade vivida neste estabelecimento de ensino como também perspetivar medidas viáveis para a melhoria das situações que põem o avanço da escola e da aprendizagem dos alunos.</p> <p>Gostaríamos de poder contar com a sua colaboração, uma vez que é um interlocutor privilegiado, pelo que nos poderá fornecer informações preciosas para o desenvolvimento deste trabalho.</p> <p>Gostaríamos de informar que é nossa pretensão respeitar o anonimato do conteúdo das entrevistas.</p> <p>Gostaríamos de obter da sua parte autorização para procedermos ao registo da entrevista em gravação áudio.</p>	<p>Empatia</p> <p>Clareza</p> <p>Registo</p>
Bloco 2- Perfil do entrevistado (percurso académico)	Caracterizar o sujeito	<p>Para iniciarmos esta nossa conversa gostaríamos de saber da sua idade?</p> <p>Você mora próximo da escola?</p> <p>Ocupou esta função desde quando?</p> <p>Podia-nos falar um pouco da sua formação académica e experiência profissional neste campo educacional?</p>	Caracterização
Bloco 3 - Identificação das condições da escola	Identificar as linhas orientadoras do Projeto educativo da escola e as suas implicações	<p>Considera importante que as crianças /jovens frequentem a escola?</p> <p>Considera que esta instituição dá resposta às necessidades dos alunos e dos pais?</p> <p>Quais as principais preocupações face aos alunos e face aos pais?</p> <p>A instituição tem um projeto educativo? Se sim como e por quem foi elaborado?</p> <p>Quais as principais linhas orientadoras do projeto educativo? Como são concretizadas na prática?</p>	Identificação

<p>Bloco 4 - Currículo/Experiências de Aprendizagem</p>	<p>Identificar as áreas curriculares existentes na escola</p> <p>Identificar os métodos pedagógicos que a escola adota para aprendizagem dos alunos</p>	<p>O que acha mais importante que os alunos devem aprender na escola?</p> <p>Quais são as disciplinas mais valorizadas na escola? E as menos valorizadas?</p> <p>Que tipo de atividades /experiências são proporcionadas aos alunos?</p> <p>Considera que as atividades desenvolvidas na escola respondem às necessidades dos alunos?</p> <p>Estas atividades facilitam a passagem para o ano seguinte da escolaridade?</p> <p>A instituição adota algum modelo / método pedagógico específico (ex: método tradicional, centrado no professor e expositivo; método centrado no aluno e em trabalhos de grupo; método misto: expositivo e trabalhos de grupo...)</p>	<p>Identificação</p>
<p>Bloco 6 - Estratégias de Ensino e Aprendizagem</p>	<p>Descrever os métodos e as estratégias que os professores adotam para ensinar.</p>	<p>A escola trabalha em quantos períodos letivos?</p> <p>Quem e como organizam as turmas e os horários dos alunos e dos professores?</p> <p>É dada a devida importância à aprendizagem da língua da escolarização, o português?</p> <p>Como valoriza a eficácia do trabalho dos professores?</p> <p>Acha que as atividades e experiências de ensino que são proporcionadas aos alunos são as mais adequadas?</p> <p>Acha que existe uma preocupação com a aprendizagem de todos os alunos, de não deixar nenhum aluno ficar para trás?</p>	
<p>Bloco 7 - Planeamento, Avaliação e Registo</p>	<p>Identificar os meios que a instituição usa para planejar as suas atividades.</p> <p>Identificar que critérios a instituição adota para avaliar as suas atividades.</p>	<p>Como é planeado e avaliado o projeto educativo da instituição?</p> <p>A escola possui um plano anual das atividades?</p> <p>Que estruturas envolvem na sua elaboração?</p> <p>Como é feito o planeamento das atividades e a sua avaliação em cada sala? Por cada professor?</p>	<p>Planeamento e avaliação</p>

<p>Bloco 8 - Apoio prestado pelos supervisores/inspetores</p>	<p>Identificar a equipa de inspeção/supervisores na escola</p> <p>Identificar o apoio prestado pela equipa de inspeção/supervisão aos professores.</p> <p>Reconhecer os contributos da supervisão no desenvolvimento profissional e pessoal do professor?</p>	<p>A escola trabalha com o corpo de inspetores/supervisores do ministério da educação? Se sim desde quando e como atuam? Se não, porquê?</p> <p>Os supervisores são suficientes e conseguem apoiar todos os professores da escola?</p> <p>Como é feito este apoio científico-pedagógico aos professores?</p> <p>Os coordenadores das diferentes áreas curriculares e os inspetores/supervisores trabalham em parceria?</p> <p>Os inspetores/supervisores participam nas comissões de estudo para apoiar os professores na planificação das atividades letivas?</p> <p>O trabalho feito pela equipa de inspetores/supervisores na escola é suficiente para promover o avanço dos professores nas suas práticas pedagógicas?</p> <p>Na sua opinião acha que é preciso reforçar o acompanhamento superviso dos supervisores aos professores?</p> <p>Que contributos acha ter para o desenvolvimento profissional e pessoal do professor?</p> <p>Quando um inspetor neste caso um supervisor não consegue resolver as dificuldades de um professor quer em termos científicos como pedagógicos o que é que direção da escola faz?</p> <p>Que avaliação faz do trabalho dos supervisores?</p> <p>O que acha que o estado deve fazer para que a equipa dos inspetores/supervisores possam chegar à todos os professores?</p> <p>Que impactos a supervisão pedagógica pode ter na aprendizagem do aluno?</p> <p>Acha que o trabalho da supervisão pode contribuir para a melhoria do sistema de ensino?</p>	<p>Apoio</p>
--	--	--	--------------

Bloco 9 - Professores /Pessoal, Relação e Interações	<p>Identificar os recursos humanos</p> <p>Compreender os critérios usados para a contratação do pessoal docente e não docente</p> <p>Identificar os fatores que criam obstáculos na estabilidade profissional.</p> <p>Compreender de que formas são promovidas o desenvolvimento pessoal e profissional dos docentes e não docentes através da avaliação interna da instituição.</p> <p>Identificar as relações estabelecidas entre a direção da escola com os professores e os restantes pessoal da escola</p>	<p>Quantos professores e outro pessoal existe na instituição? Como são contratados? Quem contrata? Com que critérios?</p> <p>Como é feita a distribuição dos professores e outro pessoal?</p> <p>Acha que é suficiente o número de professores e de outro pessoal para as necessidades da escola?</p> <p>Quais os principais problemas que existem na escola e no seio dos professores?</p> <p>Há estabilidade do corpo docente e entre professores e a direção?</p> <p>Caso houver instabilidade como se resolve?</p> <p>Como a sua escola promove o avanço e o desenvolvimento pessoal e profissional dos seus professores?</p> <p>Quais as ações de formação que os professores procuram mais?</p> <p>Acha mais importante a frequência de ações de formação no exterior ou as que se realizam ou poderiam realizar na escola, aqui na instituição?</p> <p>Como é oferecida esta formação interna aos professores e como se escolhe os formadores para dar esta formação?</p> <p>Que tipo de relações procura estabelecer entre todos os professores e restante pessoal?</p> <p>Existem reuniões periódicas formais e informais, partilha de informações?</p> <p>Como vê o seu papel na promoção de um bom clima relacional entre elementos da instituição?</p>	
Bloco 10 - Espaço e Materiais	<p>Compreender em que medida os espaços interiores e exteriores são adequados às necessidades dos alunos, professores, pais e a comunidade educativa.</p> <p>Identificar os recursos materiais disponibilizados para os professores e os alunos.</p>	<p>Pensa que os espaços interiores e exteriores e as salas são suficientes e adequados para os alunos e professores e o acolhimento aos pais e outros elementos da comunidade educativa?</p> <p>A escola tem materiais didáticos suficientes para alunos como para os professores?</p> <p>A escola tem uma biblioteca para facilitar nas pesquisas dos alunos e dos professores?</p> <p>As carteiras para os alunos como as secretárias para os professores e outros materiais são suficientes?</p>	

Bloco 11 - Igualdade de Oportunidades	Compreender de que forma a escola cria maior igualdade de oportunidades para todos os alunos	Há uma preocupação na instituição em criar uma maior igualdade de oportunidades para todos os alunos? Como os professores atuam face as diferenças do género, diferenças étnicas e linguística, deficiência física... dos alunos dentro da salas de aula? Acha que a escola pode ser um espaço para criar maior igualdade de oportunidades? Porquê? E como?	
Bloco 12 - Participação dos Pais e da Comunidade	Compreender a relação existente entre a instituição escolar com outros serviços na comunidade (Serviços de saúde, associações e outras instituições)	Como é a relação da comunidade, das famílias com a escola? Serviços de saúde, associações e outras instituições, etc.? Os pais e encarregados de educação participam na vida da escola? Como é assegurada a participação dos pais e dos EE? Que formas de participação são desenvolvidas?	
Bloco 13 - Monitoriz ação e Avaliação	Descrever os processos de avaliação interna da instituição.	Existe uma preocupação em melhorar as condições de aprendizagem dos alunos, e as condições de trabalho dos professores? Como avalia a melhoria da qualidade das aprendizagens dos alunos? Como é avaliado o trabalho do professor? Que avaliação faz da sua escola?	
Bloco 14 - Agradeci mento	Agradecer a colaboração e solicitação de eventuais colaborações no futuro.	Para terminar, como Diretor desta instituição quais são neste momento as suas maiores preocupações face aos alunos, face aos professores e face aos pais?	

Anexo VIII – Guião de entrevistas aplicado ao Presidente do Conselho Técnico Pedagógico



UNIVERSIDADE
DE LISBOA



MESTRADO EM EDUCAÇÃO ESPECIALIZAÇÃO EM SUPERVISÃO E ORIENTAÇÃO DA PRÁTICA PROFISSIONAL

Guião de Entrevista semiestruturada aplicado ao Presidente do Conselho Técnico Pedagógico

TEMA: Supervisão e orientação da Prática Profissional: Um Contributo para o Desenvolvimento Profissional e Pessoal do Professor e a Melhoria da Prática Docente

Objetivos: Identificar as potencialidades e as dificuldades enfrentadas pela escola

Identificar as dificuldades dos professores na realização das suas práticas pedagógicas

Compreender de que modo a supervisão e orientação da prática pedagógica contribui para a aprendizagem da docência e o desenvolvimento pessoal e profissional dos professores.

Compreender em que medida a escola trabalha para a melhoria do trabalho dos seus profissionais e da aprendizagem dos seus alunos.

Blocos	Objetivos específicos	Questões	Tópicos
--------	-----------------------	----------	---------

<p>Abloco 1 – Legitimação da entrevista e motivação do entrevistado</p>	<p>Agradecer e formar objetivos do estudo;</p> <p>Solicitar a colaboração do entrevistado, explicitar a sua importância para o estudo em curso;</p> <p>Assegurar o anonimato das suas opiniões;</p> <p>Solicitar a autorização para gravar a entrevista.</p>	<p>Encontro-me aqui na qualidade de estudante do Instituto da Educação - Universidade de Lisboa, curso de Mestrado em Educação, área de especialização em Supervisão e Orientação da Prática Profissional. A nossa intenção é fazer um estudo com o intuito de levantar dados que descrevem a realidade vivida neste estabelecimento de ensino como também perspetivar medidas viáveis para a melhoria das situações que põem o avanço da escola, da prática docente e da aprendizagem dos alunos.</p> <p>Gostaríamos de poder contar com a sua colaboração, uma vez que é um interlocutor privilegiado, pelo que nos poderá fornecer informações preciosas para o desenvolvimento deste trabalho.</p> <p>Gostaríamos de informar que é nossa pretensão respeitar o anonimato do conteúdo das entrevistas.</p> <p>Gostaríamos de obter da sua parte autorização para procedermos ao registo da entrevista em gravação áudio.</p>	<p>Empatia, Clareza e Registo</p>
<p>Bloco 2 - Perfil do entrevistado (percurso)</p>	<p>Caracterizar o sujeito</p>	<p>Para iniciarmos esta nossa conversa gostaríamos de saber da sua idade?</p> <p>Você mora próximo da escola?</p> <p>Desempenhou esta função desde quando?</p> <p>Me fala um pouquinho da tua experiência até chegar à presidente do conselho técnico pedagógico desta escola. O que você estudou, onde você já trabalhou?</p>	<p>Caracterização</p>
<p>Bloco 3: Identificação das condições da escola</p>	<p>Identificar as linhas orientadoras do Projeto Educativo da Escola e as suas implicações</p>	<p>Considera importante que as crianças /jovens frequentem a escola? Porquê?</p> <p>Quais as principais preocupações face aos alunos?</p> <p>A instituição tem um projeto educativo? Se sim como e por quem foi elaborado?</p> <p>Quais as principais linhas orientadoras do projeto educativo? Como são concretizadas na prática?</p> <p>Considera que esta instituição dá resposta às necessidades dos alunos?</p>	

Bloco 4 - Currículo/Experiências de Aprendizagem	Identificar os métodos pedagógicos que a escola adota para aprendizagem dos alunos	<p>O que acha que os alunos devem aprender aqui na escola?</p> <p>Quais são as disciplinas mais valorizadas na escola? E as menos valorizadas? Porquê?</p> <p>Que tipo de atividades /experiências são proporcionadas pelos professores aos alunos?</p> <p>Considera que as atividades desenvolvidas na escola pelos professores respondem às necessidades dos alunos? Facilitam a aprendizagem e a passagem para o ano seguinte da escolaridade?</p> <p>A instituição adota algum modelo / método pedagógico específico (ex: método tradicional, método centrado no aluno e em trabalhos de grupo; método misto: expositivo e trabalhos de grupo...)</p>	
Bloco 5 - Estratégias de Ensino e Aprendizagem	Descrever as estratégias que os professores adotam para ensinar.	<p>Como são organizadas as turmas e o horário dos alunos e professores?</p> <p>Como valoriza o trabalho dos professores dentro e fora da sala de aula?</p> <p>Acha que as atividades e experiências de ensino que são proporcionadas pelos professores aos alunos são adequadas para o desempenho de todos os alunos?</p>	
Bloco 6 – Apoio (Equipa de Inspectores/supervisores)	<p>Identificar a equipa de inspeção/supervisores na escola</p> <p>Identificar o apoio prestado pela equipa de inspeção/supervisão aos professores</p> <p>Reconhecer os contributos da supervisão no desenvolvimento profissional e pessoal do professor?</p>	<p>A escola trabalha com o corpo de inspetores/supervisores do ministério da educação?</p> <p>Os inspetores/supervisores conseguem dar apoio necessário e suficiente à todos os professores?</p> <p>Os inspetores/supervisores participam na elaboração das atividades de comissões de estudo?</p> <p>Acha que o trabalho dos inspetores/supervisores pode contribuir para uma melhoria nas atividades da escola, dos professores e na aprendizagem dos alunos?</p> <p>Que contributos acha ter para o desenvolvimento profissional e pessoal do professor?</p> <p>Na sua opinião acha que é preciso reforçar o acompanhamento supervisão dos supervisores aos professores?</p> <p>O que acha que os inspetores/supervisores devem fazer para dinamizar o trabalho dos professores?</p> <p>Que avaliação faz do trabalho dos supervisores?</p> <p>Acha que a supervisão pode contribuir para a melhoria e eficácia do sistema educativo? Como?</p>	

<p>Bloco 7 - Planejamento, Avaliação e Registro</p>	<p>Identificar os meios que a instituição usa para planejar as suas atividades.</p> <p>Identificar que critérios a instituição adota para avaliar as suas atividades.</p> <p>Identificar que critérios a instituição adota para avaliar os professores</p>	<p>Como é planeado e avaliado as atividades mensais e semanais dos alunos? Existe um plano anual?</p> <p>Como é feito o planeamento das atividades e a sua avaliação em cada sala? Por cada professor? Quais são os critérios usados?</p> <p>A escola tem uma ficha de acompanhamento aplicado aos professores e para efeito de avaliação no final do ano?</p> <p>Como é atribuída a passagem dos alunos aqui na vossa escola?</p>	
<p>Bloco 8 - Professores /Pessoal, Relação e Interações</p>	<p>Identificar os recursos humanos</p> <p>Verificar o nível de cooperação estabelecido entre os docentes.</p> <p>Compreender de que forma são promovidas o desenvolvimento pessoal e profissional dos docentes.</p> <p>Identificar as relações estabelecidas entre a direção da escola com os professores e os restantes pessoal da escola.</p>	<p>Quantos professores existem nesta escola?</p> <p>Como é feita a distribuição dos professores?</p> <p>Acha que é suficiente o número de professores para todas as áreas?</p> <p>Há cooperação entre todo o corpo docente? Como é feita?</p> <p>Que problemas encontra com a falta de cooperação do corpo docente?</p> <p>Acha que a sua escola promove o desenvolvimento profissional e pessoal dos professores?</p> <p>Quais as ações de formação que os professores necessitam e procuram mais?</p> <p>Que ações de formação a escola promove para a melhoria da prática dos seus profissionais?</p> <p>Que tipo de relações procura estabelecer entre todos os professores das diferentes áreas curriculares?</p> <p>Existem reuniões periódicas formais e informais, partilha de informações com os professores?</p> <p>Como vê o seu papel na promoção de um bom clima relacional entre os professores da instituição?</p>	

Bloco 9 - Espaço e Materiais	<p>Compreender em que medida os espaços interiores e exteriores são adequados às necessidades dos alunos, professores.</p> <p>Identificar os recursos materiais disponibilizados para os professores e os alunos.</p>	<p>Pensa que o espaço interior é suficiente e adequado para os alunos e professores?</p> <p>Acha que as salas de aula são suficientes e adequadas para os alunos ? E a sala dos professores?</p> <p>A escola tem disponibilizado materiais didáticos suficientes para os professores e alunos?</p> <p>Como a escola facilita os professores e alunos nas suas pesquisas?</p> <p>O que gostaria de ter e de melhorar em relação às salas de aula, materiais e recursos educativos para facilitar o trabalho de professores?</p>	
Bloco 10: Igualdade de Oportunidades	<p>Compreender de que forma a escola cria maior igualdade de oportunidades para todos os alunos.</p>	<p>Há uma preocupação dos professores da instituição em criar uma maior igualdade de oportunidades para todos os alunos?</p> <p>Como os professores atuam face as diferenças do género, diferenças étnicas e linguística, deficiência física... dos alunos dentro da sala de aula?</p> <p>Acha que a escola pode ser um espaço para criar maior igualdade de oportunidades? Porquê? E como?</p>	
Bloco 11 - Participação dos pais e	<p>Compreender a relação existente entre a instituição escolar com pais e encarregados de educação.</p>	<p>Os pais e encarregados de educação participam na aprendizagem dos seus educandos?</p> <p>Como é assegurada esta participação?</p>	
Bloco 12 - Conceção	<p>Descrever as conceções do PCTP</p>	<p>Quais são as suas conceções sobre a função de PCTP para a promoção do desenvolvimento da prática docente?</p>	

<p>Bloco 13 - Obstáculos, limitações ou dificuldades ao desempenho do cargo de PCTP</p>	<p>Identificar os principais obstáculos, limitações ou dificuldades ao exercício da função.</p> <p>Identificar as expectativas ao exercício do cargo.</p> <p>Identificar os elementos de eficácia.</p> <p>Descrever os processos de avaliação interna da instituição.</p>	<p>Quais são os principais obstáculos, limitações ou dificuldades ao desempenho eficaz do cargo PCTP?</p> <p>A quem recorreu quando sentiu obstáculos, limitações ou dificuldades?</p> <p>Existe uma preocupação em melhorar as condições de trabalho dos professores e as condições de aprendizagem dos alunos?</p> <p>Como avaliam a melhoria da qualidade de trabalho dos professores?</p> <p>Como avalia a melhoria da qualidade das aprendizagens dos alunos?</p> <p>Que avaliação faz da sua escola?</p>	
<p>Bloco 14 - Agradecimentos</p>	<p>Agradecer a colaboração e solicitação de eventuais colaborações no futuro.</p>	<p>Para terminar: Como PCTP desta instituição, quais são neste momento as suas maiores preocupações face aos alunos e face aos professores?</p>	

Anexo IX – Guião de entrevista aplicada aos professores



MESTRADO EM EDUCAÇÃO ESPECIALIZAÇÃO EM SUPERVISÃO E ORIENTAÇÃO DA PRÁTICA PROFISSIONAL

Guião de Entrevista Semiestruturada aplicado ao professor

TEMA: Supervisão e Orientação da Prática Profissional: Um Contributo para o Desenvolvimento Profissional e Pessoal do Professor e a Melhoria da Prática Docente

Objetivos: Identificar as potencialidades e as dificuldades enfrentadas pela escola

Identificar as dificuldades dos professores na realização das suas práticas pedagógicas

Compreender de que modo a supervisão e orientação da prática pedagógica contribui para a aprendizagem da docência e o desenvolvimento pessoal e profissional dos professores.

Compreender em que medida a escola trabalha para a melhoria do trabalho dos seus profissionais e da aprendizagem dos seus alunos.

Blocos	Objetivos específicos	Questões	Tópicos
--------	-----------------------	----------	---------

Bloco 1 - Legitimação da entrevista e motivação do entrevistado	<p>Agradecer e formar objetivos do estudo;</p> <p>Solicitar a colaboração do entrevistado, explicitar a sua importância para o estudo em curso;</p> <p>Assegurar o anonimato das suas opiniões;</p> <p>Solicitar a autorização para gravar a entrevista.</p>	<p>Encontro-me aqui na qualidade de estudante do Instituto da Educação - Universidade de Lisboa, curso de Mestrado em Educação, área de especialização em Supervisão e Orientação da Prática Profissional. A nossa intenção é fazer um estudo com o intuito de levantar dados que descrevem a realidade vivida neste estabelecimento de ensino como também perspetivar medidas viáveis para a melhoria das situações que põem o avanço da escola e da aprendizagem dos alunos.</p> <p>Gostaríamos de poder contar com a sua colaboração, uma vez que é um interlocutor privilegiado, pelo que nos poderá fornecer informações preciosas para o desenvolvimento deste trabalho.</p> <p>Gostaríamos de informar que é nossa pretensão respeitar o anonimato do conteúdo das entrevistas.</p> <p>Gostaríamos de obter da sua parte autorização para procedermos ao registo da entrevista em gravação áudio.</p>	<p>Empatia</p> <p>Clareza</p> <p>Registo</p>
Bloco 2 - Perfil do entrevistado (percurso académico e profissional)	Caracterizar o sujeito	<p>Para iniciarmos esta nossa conversa gostaríamos de saber da sua idade?</p> <p>Você mora próximo da escola?</p> <p>Quando começou a exercer esta função?</p> <p>Podia-nos falar um pouco da sua formação académica e experiência profissional?</p>	Caracterização
Bloco 3 - Finalidades e Objetivos	Compreender as principais preocupações dos professores para com os alunos	<p>Considera importante que as crianças e jovens frequentam a escola? Porquê?</p> <p>Considera que esta escola dá resposta às necessidades dos alunos?</p> <p>Quais são as suas principais preocupações para com os seus alunos?</p>	<p>Identificação</p> <ul style="list-style-type: none"> •
Bloco 4 - Currículo/Experiências de Aprendizagem	Reconhecer as experiências do professor na organização das atividades de aprendizagem dos alunos	<p>O que acha que os alunos devem aprender na sua disciplina?</p> <p>Que tipo de atividades organiza para que os alunos aprendam?</p> <p>Considera que as atividades que organiza na sala e fora dela dão resposta às necessidades dos alunos?</p> <p>Como consegue perceber que todos os alunos estão ou não envolvidos na aprendizagem das atividades promovidas?</p>	<p>Identificação</p> <ul style="list-style-type: none"> • •

Bloco 5 - Estratégias de Ensino e Aprendizagem	Identificar os métodos/estratégias que os professores adotam para ensinar.	<p>Quais são as atividades que os alunos realizam com mais frequência nas suas aulas?</p> <p>Pensa que estas atividades contribuem para a aprendizagem dos alunos?</p> <p>Como organiza os seus alunos na turma para aprenderem com mais facilidade?</p> <p>Consegue organizar os alunos em pares ou em pequenos e grandes grupos para realização de diferentes tarefas? Porquê?</p> <p>Que método/estratégia de ensino usa com os seus alunos?</p> <p>Que método/estratégia adota para os alunos com dificuldades de aprendizagem na sua disciplina?</p> <p>Existe uma preocupação permanente em cada aula com a aprendizagem dos alunos?</p>	
Bloco 6 - Apoio (Equipa de Inspectores/supervisores) Planeamento, Avaliação e Registo	<p>Identificar os principais apoios da equipa da inspeção/supervisão na melhoria da prática profissional</p> <p>Reconhecer os contributos da supervisão no desenvolvimento profissional e pessoal do professor?</p> <p>Descrever os meios que os professores usam para planear e avaliar a aprendizagem dos alunos</p>	<p>Recebe apoio dos supervisores ou inspetores por parte do ministério da educação para facilitar no seu trabalho?</p> <p>Como avalia o trabalho dos inspetores/supervisores no desenvolvimento profissional e pessoal do seu trabalho?</p> <p>Acha que o trabalho dos inspetores/supervisores pode contribuir para uma melhoria nas atividades da escola, dos professores e na aprendizagem dos alunos?</p> <p>Quais, no seu entender, são os contributos da supervisão pedagógica para o ensino?</p> <p>Acha que a supervisão pedagógica pode contribuir para a melhoria e eficácia do sistema educativo? Como?</p> <p>O que acha que os supervisores devem fazer para dinamizar o trabalho dos professores?</p> <p>Considera suficiente a intervenção dos supervisores no seu trabalho?</p> <p>Que impactos a supervisão pedagógica pode ter na aprendizagem do aluno?</p> <p>Que avaliação faz do trabalho dos supervisores?</p> <p>Como planeia e avalia a sua atividade como professor?</p> <p>Como faz o registo do seu trabalho e dos progressos dos alunos?</p> <p>Como avalia o conhecimento dos seus alunos? Com que critério?</p>	

<p>Bloco 7 - Professores /Pessoal, Relação e Interações</p>	<p>Identificar a condição laboral do professor</p> <p>Perceber o nível e a necessidade de formação dos professores.</p> <p>Identificar as relações estabelecidas entre professores, professor-aluno, a direção da escola e os pais EE?</p>	<p>Qual é o seu horário de trabalho semanal? Quantas horas trabalha por semana? E quantos meses por ano?</p> <p>Quantas turmas tem?</p> <p>Quantos alunos tem em cada turma ? E no total das turmas?</p> <p>Você trabalha com que nível de ensino?</p> <p>Depois da sua última formação, recebeu uma outra formação contínua? Se sim, que instituição promoveu: A sua escola ou o Estado?</p> <p>Tem preocupação em se atualizar, quer dizer, em fazer formação?</p> <p>Em que área pretende formar-se?</p> <p>Como avalia a sua relação com a direção, com os colegas professores, com os alunos e com os pais e encarregados da educação?</p> <p>O que faz para gerar um bom clima relacional na escola?</p>	
<p>Bloco 8 - Espaço e Materiais</p>	<p>Compreender em que medida os espaços interiores e exteriores são adequados às necessidades dos alunos e professores.</p> <p>Identificar os recursos materiais disponibilizados para os professores e os alunos.</p>	<p>Pensa que os espaços interiores e exteriores são suficientes e adequados aos alunos e professores?</p> <p>Acha que a sala de professores é confortável para preparação da aula e encontros de pequenos acertos com colegas professores?</p> <p>Tem materiais didáticos (papel, lápis, canetas, manuais, livros...) suficientes para trabalhar com os alunos?</p> <p>Em relação aos materiais e recursos educativos, o que gostaria de ter para facilitar o seu trabalho?</p>	
<p>Bloco 9 - Igualdade de Oportunidades</p>	<p>Compreender de que forma os professores criam maior igualdade de oportunidades nas suas salas de aula para todos os alunos.</p>	<p>Tem a preocupação de gerar igualdade de oportunidades entre os seus alunos dentro da sala de aula?</p> <p>Como atua face as diferenças do género, diferenças étnicas e linguística, deficiência física... dos alunos dentro da sala de aula?</p> <p>Acha que a escola pode ser um espaço para criar maior igualdade de oportunidades? Porquê? E como?</p>	

Bloco 10 - Participação dos Pais e encarregados da educação	Identificar as estratégias que promovam a participação dos pais e encarregados da educação na aprendizagem dos seus educandos.	Como faz para assegurar a participação dos pais e encarregados de educação na aprendizagem dos seus educandos? Se sim que atividades desenvolve? Se não porquê? Como avalia a sua relação com os pais e EE?	
Bloco 11 - Monitorização e Avaliação	Descrever os processos de avaliação de professor na sala de aula .	Tem uma preocupação com a qualidade do que os alunos aprendem aqui na escola, sobretudo nas suas aulas? Se sim, de que forma? Se não, o que acha que podia fazer para melhorar? Pretende que seja avaliado de ano para ano? Porquê? Que avaliação faz da sua escola?	
Bloco 12 – Agradecimentos.	Agradecer a colaboração e solicitação de eventuais colaborações no futuro.	Para terminar: Como professor desta instituição quais são neste momento as suas maiores preocupações face aos alunos e face aos colegas professores?	

Anexo X – Transcrição da entrevista realizada com o diretor da escola (E1)

TRANSCRIÇÃO DA 1.ª ENTREVISTA

Data da entrevista: dia 10 de Dezembro de 2019 (terça-feira)

Local da entrevista: escola

Duração da entrevista: 60 minutos

Pesq. – Senhor diretor da escola “Complexo Escolar São Francisco de Assis/Antula”, uma vez aceitando esta entrevista, começo por dizer que encontro-me aqui na qualidade de estudante do Instituto da Educação da Universidade de Lisboa, realizando neste momento o curso de Mestrado em Educação, área de especialização em Supervisão e Orientação da Prática Profissional. A nossa intenção é fazer um estudo com o intuito de levantar dados que descrevem a realidade vivida neste estabelecimento de ensino como também perspetivar medidas viáveis para a melhoria das situações que põem o avanço da escola e da aprendizagem dos alunos. Agradecemos por podermos contar com a sua colaboração, uma vez que é um interlocutor privilegiado, pelo que nos poderá fornecer informações preciosas para o desenvolvimento deste trabalho, ainda informamos que é nossa pretensão respeitar o anonimato do conteúdo das entrevistas.

Para iniciarmos esta nossa conversa, gostaríamos de saber da sua idade?

E1 – Muito obrigado por escolher esta minha escola para fazer este trabalho que provavelmente poderá trazer ganhos no futuro. Respondendo a sua pergunta, eu tenho 60 anos de idade.

Pesq. – O senhor mora ao pé ou distante da escola?

E1 - Moro muito perto da escola, uma distância menos de 50 metros.

Pesq. - Fizeste quantos anos na educação?

E1 - Eu entrei para a educação no dia 11 de setembro de 1976, já fiz 43 anos, posso dizer que isso equivale com certeza uma larga experiência neste campo.

Pesq. - Realmente isso é verdade. Neste caso podia-nos falar um pouco da sua formação académica, o seu percurso, as experiências, espaços em que passaste até chegar nesta escola e nesta função?

E1 - Fiz 11.ª classe e depois fiz a formação na escola de formação dos professores onde conclui como professor diplomado de ensino básico. Trabalhei em diferentes regiões do país, primeiramente em região de Cacheu nos setores de Caio, Cacheu, Bula, Engoré e Bigene, fiz aí 7 anos. Só depois transferi-me para Bissau no ano de 1981, momentos após golpe de estado de 1980.

Pesq. - Esperamos que este percurso tão longo e de muitas experiências sejam transferidos para esta nossa geração.

E1 - É isso sempre que nós esperamos passar as nossas experiências para as novas gerações. Praticamente podemos dizer que já estamos na idade de reforma e sendo assim quem sabe, apesar de 60 anos de idade ainda podemos dar alguma coisa para este sistema educativo, digo que podemos contribuir ainda uns 5 anos.

Pesq. - É verdade, vejo em ti um corpo ainda novo de certeza que pode dar muito ao sistema educativo. Senhor diretor, considera importante que as crianças frequentam a escola?

E1 - Claro que considero de muito importante, sobretudo neste momento em que os desafios do século nos leva a isso, agora as crianças de 4 e 5 anos de idade já podem ler e escrever. É o momento de aproveitá-las. Anteriormente as crianças entram para a escola com 6, 7 e até 9 anos de idade mas agora isso não acontece, até com 5 anos de idade a criança pode estudar primeira classe é o que justifica que realmente devemos aproveitar no máximo todas as potencialidades dum indivíduo neste caso falo das crianças.

Pesq. - Sendo assim o senhor acha que esta escola consegue responder as necessidades dos alunos e dos pais no que diz respeito ao acesso à escola?

E1 – Sim, considero que respondemos estas necessidades, muito embora não em 100%. Isto porque abrimos algumas salas para as crianças de 3 e 4 anos de idade denominada de educadora de infância, e ali estas crianças são preparadas para o 1.º ciclo e, se saírem bem começam a 1.ª classe com 5 anos de idade muito embora a lei magna prevê para este nível com a idade de 6 anos. O que justifica que estamos ajudando a comunidades e as crianças em particular.

Pesq. - Isso justifica que a sua escola tem mostrado uma preocupação para com os alunos e a comunidade?

E1 – Claro. Sabes que esta escola funciona em regime de autogestão por isso os pais e encarregados da educação contribuem no pagamento das propinas dos seus educandos para podermos cobrir as despesas da escola. Também a partir destas contribuições conseguimos dar um pequeno subsídios aos professores.

Pesq. - Autogestão significa uma partilha de gestão com a comunidade?

E1 - É mais ou menos isso. Contudo o ministério da educação é quem coloca os professores mas, a comunidade dá a sua contribuição.

Pesq. - A escola tem o projeto educativo?

E1 - Sim. Há um projeto educativo da escola.

Pesq. - Como foi elaborado este projeto educativo, é a partir da comunidade juntamente com a escola ou é somente através da direção da escola?

E1 - Foi elaborado a partir da comunidade e a associação de Laicos Católicos designadamente “AQUALEICA” Associação de Quadros Laicos Católicos. Estes fizeram um encontro e decidiram criar esta escola em regime de autogestão.

Pesq. - Quais as principais linhas orientadoras do projeto educativo? Como são concretizadas na prática?

Dir. – De momento não posso precisar.

Pesq. - A vossa preocupação reside em quê precisamente?

E1 - A nossa preocupação reside sobretudo em atender as necessidades de formação das crianças sem deixar de lado os professores.

Pesq. - O que acha mais importante que as crianças devem aprender na escola?

E1 - Eu acho muitas coisas, começando pela própria ciência, a educação, a participação social, entre várias outras coisas.

Pesq. - Senhor diretor, quais são as áreas curriculares mais valorizados no curriculum escolar aqui na vossa escola?

E1 - Penso que as disciplinas como a língua portuguesa, a matemática, a física a biologia e a química. Mas não podemos ignorar as outras, também são importantes.

Pesq. - Porque considera que são mais valorizados no Curriculum escolar?

E1 - Porque são disciplinas com mais horas letivas e obviamente com mais quantidade de matéria dada as suas próprias áreas, o que nós não encontramos por exemplo nas outras disciplinas como a educação social, francês, entre outras disciplinas.

Pesq. - Para isso, que tipo de atividades e experiências são promovidos aos alunos aqui na escola para a concretização destes propósitos?

E1 - Nós aqui temos atividades curriculares e extracurriculares que achamos serem importantes. Nas atividades extracurriculares uma atividade cultural denominada de balé.

Pesq. – O que significa balé?

E1 - Balé é um centro de danças tradicionais. Nós sabemos que o nosso país é muito rico em termos culturais por isso achamos que devemos preparar as crianças neste âmbito e não só, como também no desporto criamos diferentes modalidades desportivas para os nossos alunos.

Pesq. - Considera estas atividades de grande impacto no evoluir da aprendizagem da criança?

E1 - Considero sim. São atividades que ajudam tanto as crianças a compreenderem a nossa realidade cultural.

Pesq. - E isso vai ao encontro das necessidades dos alunos?

E1 - Creio que vai ao encontro das necessidades das nossas crianças e não só, como da própria comunidade.

Pesq. - Estas atividades interferem na passagem dos alunos para o nível seguinte? São atividades avaliadas?

E1 – Sim, são atividades avaliadas embora nem todas, contribui para a passagem do aluno, mas sobretudo as atividades desportivas neste caso concreto o atletismo, a educação física e basquetebol.

Pesq. - A instituição adota algum modelo/método pedagógico específico (ex: método tradicional centrado no professor; método centrado no aluno e em trabalhos de grupo; método misto: expositivo e trabalhos de grupo...)

E1 - Os professores usam diferentes métodos mas sobretudo os que proporcionam a maior aprendizagem aos alunos dentro da sala de aula, posso dizer que os professores usam mais os

métodos ativos. Porque é o que temos orientado sempre para os professores, no sentido de promoverem atividades que possam pôr o aluno numa execução prática. Alguns professores trabalham usando estratégias de grupo com os seus alunos dentro e fora das salas de aula.

Pesq. – Será que este método vai ao encontro das atividades realizadas na escola inclusive balé e o desporto?

E1 – Sim. A aula teórica nem sempre é suficiente para desenvolver as potencialidades da criança. É preciso que o aluno seja levado a uma realização concreta. No que refere à atividades desportivas e de dança, estas exigem mais ação.

Pesq. - A vossa escola trabalha em quantos períodos letivos?

E1 – A escola trabalha em dois períodos letivos. No período de manhã abrimos das 08 h 00 e saímos 12 h 00, no período da tarde das 14 h 30 às 16 h 45.

Pesq. – Quem e como organizam as turmas e o horário dos alunos e dos professores?

E1 - Quem organiza é o presidente do conselho técnico pedagógico com a direção da escola. No período de manhã temos níveis de pré-escolar a 7.º ano, ainda no período da tarde temos níveis de 7.º a 12.º ano, saliento ainda que temos um total de 16 salas de aula e que totalizam 32 turmas sem contar com uma sala de pré-escolar.

Pesq. – Porque é dada a devida importância à aprendizagem da língua portuguesa no curriculum escolar?

E1 - Primeiramente porque somos da colónia portuguesa e porque a nossa língua oficial e de trabalho é a língua portuguesa, por isso temos que valoriza-la, de mais a mais temos que aprende-la para a nossa própria integração escolar e na nossa vida profissional.

Pesq. - Concordo muito. Eu também creio que deve ser valorizada.

Como valoriza a eficácia do trabalho dos professores nesta instituição?

E1 - Para dizer a verdade eu posso afirmar que os professores fazem um grande trabalho. Porque também nós controlamos os seus trabalhos e apoiamo-los.

Pesq. - Disse que vocês controlam os trabalhos, como é feito este controle?

E1 - Para controlarmos o trabalho dos professores, nós criamos diferentes estruturas dentro da escola, temos diretores de turmas, coordenadores das disciplinas e com uma equipa de supervisão montada aqui na escola através dos responsáveis máximos da escola, mais a própria equipa de inspeção do ministério da educação nacional, todos juntos desta forma acabam por condicionar duma a outra para bom trabalho do professor, ainda que não podemos esquecer também que o próprio professor é um profissional comprometido com o seu trabalho.

Pesq. - Neste sentido acha que todos os professores fazem um bom trabalho?

E1 - Nem todos para não exagerar. Os professores recém-formados é que apresentam algumas dificuldades pedagógicas nos primeiros anos do exercício dos seus trabalhos. Mas a maioria que trabalha aqui há muitos anos e que eu conheço fazem um bom trabalho, ainda bem que eu os conheço todos.

Pesq. - Acha que as atividades e experiências de ensino que são proporcionadas aos alunos são as mais adequadas?

E1 – Pode não ser a mais adequada mas, em todo o caso tem uma forte influência na aprendizagem dos alunos.

Pesq. – Neste caso acha que existe uma preocupação com a aprendizagem de todos os alunos, de não deixar nenhum ficar para trás?

E1 – Isso realmente é o nosso legado. Nem sempre conseguimos concretizar mas, sempre foi e é a nossa preocupação. Contudo temos que admitir que os professores não são iguais em termos da execução prática das suas aulas, uns apresentam uma grande capacidade de controle das aprendizagens dos seus alunos mas outros não.

Ainda podemos ver entre os alunos que iniciaram os seus primeiros anos de escolaridade aqui nesta escola, quero dizer os que começaram na 1.^a classe até no nível em que estão atualmente, estes apresentam poucas dificuldades mas conseguem caminhar juntos e com grande facilidade, mas, os que vieram das outras escolas a maioria apresenta uma base fraca por isso sempre ao recebermos um aluno realizamos teste de admissão para comprovar se o nível é aceitável para se ingressar no nível pretendido. Quando no teste de admissão o aluno não conseguir comprovar isso reportamos ao encarregado de educação, se o nível é muito fraco nós fazemos voltar o aluno para o nível adequado ajustando desta forma o seu saber a este nível e passamos a acompanhá-lo.

Pesq. – Significa que o importante não é passar de classe mas adquirir competências que justifica a sua passagem. Como é planeado e avaliado o projeto educativo da instituição?

E1 – O nosso projeto educativo é planeado a partir das estruturas da escola. Neste caso me refiro a AQUALEICA, mas sempre baseado nos objetivos definidos pela própria escola.

Pesq. – A escola possui um plano anual das atividades?

E1 – Existe sim. Nós sempre temos um plano anual das atividades curriculares e extracurriculares. É através deste plano que conseguimos concretizar os nossos objetivos educacionais.

Pesq. - Que estruturas envolvem nas sua elaboração?

E1 – A parte diretiva da escola.

Pesq. - Não envolve os pais e encarregados da educação e os professores da escola?

E1 - Os pais ou seja a comunidade não são envolvidos. Os professores também não. A não ser os que fazem parte da direção.

Pesq. - Como é feito o planeamento das atividades e a sua avaliação em cada sala? Por cada professor?

E1 – O planeamento das atividades de cada turma depende dos objetivos traçado pela escola e das estratégias adotadas por professor para o sua concretização. Importa dizer que o

planejamento depende grandemente das atividades calendarizadas pelo ministério da educação. A sua avaliação passa necessariamente pelos resultados das aprendizagens dos alunos através das fichas de avaliação que os professores vão fornecer no decorrer do seu trabalho e no final de cada trimestre. Recorda-se que as atividades são planeadas a partir da comissão de estudo pelos professores da mesma área curricular. Isso nos permite orientar o professor no seu trabalho para que possa saber organizar e reorganizar da melhor maneira o seu trabalho, orientando os seus alunos dentro e fora da sala de aula.

Pesq. - A escola partilha o mesmo calendário com o do ministério da educação?

E1 - Sendo uma escola em regime de autogestão nós temos um calendário pouco diferente com o do ministério da educação nacional. Normalmente nós começamos as aulas no mês de setembro precisamente na segunda semana e o ministério só começa no mês de outubro se não houver paralisações por parte dos professores que ocorrem praticamente em cada ano letivo. Como pode constatar, neste ano letivo temos 181 dias letivos e o ministério da educação não tem isso, por isso podemos introduzir no nosso curriculum escolar outras atividades, mas sempre seguindo a linha do ministério da educação nacional no que refere o curriculum escolar.

Pesq. - A escola trabalha com o corpo de inspetores/supervisores do ministério da educação? Se sim desde quando e como atuam? Se não, porquê?

E1 - Nós trabalhamos sempre com os inspetores do ministério da educação que fazem a observação e orientação das aulas dos professores. Mas isso foi desde muito tempo. No passado fizemos um contrato interno com um desses inspetores do ministério e que quase permanecia na escola facilitando na orientação pedagógica dos professores.

Pesq. - Disse no passado, agora como é que isso acontece?

E1 - Agora fazemos um trabalho interno, muito embora recebemos do ministério um inspetor que de vez em quando passa juntamente com os seus companheiros para acompanharem o trabalho dos professores dentro das salas de aula ajudando-lhes, mas isso acontece com uma fraca frequência. Apoio esse que acaba por não atingir todos os professores da escola.

Pesq. - Senhor diretor, no seu entender estes inspetores/supervisores são suficientes e conseguem ajudar todos os professores para a melhoria das suas atividades?

E1 - Não são suficientes e por isso nem conseguem atingir todos os professores. É verdade que no aspeto administrativo conseguem apoiar a direção da escola e que para mim isso não tem muita relevância em comparação com o apoio científico-pedagógico de que os professores precisam.

Pesq. - Como é feito este apoio científico-pedagógico aos professores?

E1 - Eles acompanham o plano curricular da escola através da planificação mensal elaborada nas nossas comissões de estudo. Através do acompanhamento pedagógico que realizam com o professor eles conseguem perceber a coerência dos conteúdos científicos que os professores lecionam e, da mesma forma conseguem perceber o aspeto pedagógico do professor dentro da

sala de aula. Estes passos permite-lhe através do diálogo orientar de melhor maneira o professor quer no aspeto científico como pedagógico.

Pesq. - Os coordenadores das diferentes áreas curriculares e os inspetores/supervisores trabalham em parceria?

E1 - Nem sempre. Dado que a sua presença não é frequente.

Pesq. - Os inspetores/supervisores participam nas comissões de estudo para apoiar os professores na planificação das atividades letivas?

E1 – Não temos recebido apoio dos supervisores vindo por parte do ministério da educação nas nossas comissões de estudo, há muito tempo.

Pesq. – O senhor acha que o trabalho feito pela equipa de inspetores/supervisores na escola é suficiente para promover o avanço dos professores nas suas práticas pedagógicas?

E1 – O trabalho poderia contribuir, mas não é nada suficiente. Não podemos ignorar o apoio, mas é insignificante para a melhoria do trabalho dos professores é preciso mais que isso.

Pesq. - Na sua opinião acha que é preciso reforçar o acompanhamento superviso dos supervisores aos professores?

E1 – Isso seria um imperativo. O apoio deveria ser frequente, o que permitiria compreender o trabalho dos professores com os seus alunos. A atividade letiva precisa de uma orientação diária. A minha opinião é para que seja realizada o acompanhamento pedagógico ao professor pelo menos uma vez por semana.

Pesq. – Que contributo acha ter para o desenvolvimento profissional e pessoal do professor?

E1 - Em termos profissionais, a supervisão pedagógica é passo gigantesco para melhoramento do trabalho docente. O professor não pode evoluir sem ter um acompanhamento exterior no seu trabalho. Daí que a supervisão passa ser um mecanismo que permite o professor superar em termos profissionais e poder fazer e refazer da melhor maneira o seu trabalho.

Pesq. - Quando um inspetor/supervisor não consegue resolver as dificuldades de um professor quer em termos científicos como pedagógicos o que é que direção da escola faz?

E1 – Nós criamos algumas estruturas de apoio aos professores que são os coordenadores das disciplinas e diretores das turmas que regularmente apoiam os professores. Quando estes não conseguem fazer mudar de atitude ou comportamento de um dado professor, a situação é encaminhada para a estrutura superior da escola, daí em conjunto conversamos com o professor em causa, dado que ninguém é perfeito para fazer constantemente um trabalho perfeito, somos todos sujeito às falhas no desempenhar das nossas atividades. Muito embora temos reencaminhado para o ministério alguns professores que tiveram situações conflituosas com algumas crianças, ainda outros por terem muitas faltas, por exemplo, uns

chegaram o número de 80 faltas só num ano letivo, como sabemos que a escola é um espaço para ensinar e proporcionar aprendizagens e não para dificultar, achamos melhor solicitarmos outros professores que têm compromisso moral e ético com o estado, a sociedade e os alunos em particular.

Pesq. - Esta preocupação de atender as necessidades dos alunos é promovida com muita frequência?

E1 – Naturalmente. Porque quando tem um problema dentro da turma em termos da aprendizagem ou da indisciplina o professor da turma é o primeiro a tentar resolvê-lo para depois fazer chegar a diretor da turma e a direção da escola.

Pesq. - Significa que todos se mobilizam para a resolução dos problemas dos alunos?

E1 - Obviamente que sim. Há sempre uma estreita colaboração na resolução dos problemas dentro da escola.

Pesq. - O que acha que o estado deve fazer para que a equipa dos inspetores/supervisores possa chegar à todos os professores?

E1 – Eu acho que a melhor via para pôr fim a estas dificuldades é formar um corpo de supervisores suficiente e eficaz, capaz de responder as necessidades dos professores nas suas práticas pedagógicas.

Pesq. – Que impactos a supervisão pedagógica pode ter na aprendizagem do aluno?

E1 - Isso não é uma coisa que não se possa dizer em poucas palavras. Mas podemos resumir dizendo que a supervisão pedagógica é o que condiciona uma aprendizagem mais significativa aos alunos. Sem ela, o professor não vai poder fazer o seu trabalho e em consequência os alunos não poderão aprender com muita dificuldade.

Pesq. - Que avaliação faz do trabalho dos supervisores?

E1 – Dada a insuficiência destes, eu considero de razoável. É verdade que a supervisão pedagógica quer interna como externa se for feita de boa forma é importante.

Pesq. – Acha que o trabalho da supervisão pode contribuir para a melhoria do sistema de ensino?

E1 – Sem exagero, eu diria que é a única via para saímos desta situação de falta de competência dos nossos alunos. Sabe-se que a eficácia no trabalho dos professores implica a eficácia do sistema de ensino. Tudo o que podemos dizer sobre a eficácia do sistema passa necessariamente pela boa atuação dos professores dentro da sala de aula e em consequência uma boa aprendizagem dos alunos.

Pesq. - Quantos professores e outro pessoal existe na instituição?

E1 – Neste ano letivo nós temos 54 professores, 6 pessoal menor e 7 pessoal administrativo, totalizando assim 67 pessoal.

Pesq. - Como são contratados? Quem contrata?

E1 – Os professores e o diretor são colocados pelo ministério da educação, os restantes pessoais são contratados pela direção da AQUALEICA. Dada a mobilidade dos professores, em cada ano deixam consequentemente vagas, quando é assim, o ministério faz preenchimento destas vagas nos meses de outubro ou novembro enquanto que aqui nós iniciamos no mês de setembro, daí somos obrigados a fazer contrato interno para fazer face a estas vagas evitando desta forma as implicações negativas na aprendizagem do aluno.

Pesq. - Senhor diretor, eu gostaria de saber qual é o critério adotado para a contratação dos professores a nível interno ou melhor a nível da vossa escola?

E1 - A primeira coisa que levamos em consideração nesta contratação é o nível académico e o conhecimento pedagógico. No mínimo deve ser um profissional com experiência no domínio da docência e com uma formação sólida na área. Porém, neste ano temos 12 professores contratados porque o Ministério não nos afetou nenhum professor nas áreas solicitadas, mas esta situação infelizmente acaba por dificultar os alunos, uma vez que a afetação do professor abriga automaticamente a troca do professor no decorrer do ano letivo.

Pesq. - Como é feita a distribuição dos professores e outro pessoal?

E1 – No que refere aos professores a distribuição faz-se de acordo com as necessidades em cada área curricular, cada professor deve atuar na sua área de formação. Os pessoais administrativos e pessoal menor é feita através das necessidades da escola e de acordo com as estruturas da escola.

Pesq. - Acha que é suficiente o número de professores e de outro pessoal para responder toda a necessidade da escola?

E1 – De momento acho que sim. Porque já completamos os professores através da contratação interna. Creio que neste momento a única falta que temos é de um corpo de supervisores para atender as necessidade dos professores.

Pesq. - Quais os principais problemas que existem na escola e no seio dos professores?

E1 – De momento não vejo problemas no seio dos professores. Em relação a escola também não. Muito embora não podemos dizer que não temos problemas.

Pesq. - Quer com isso quer dizer que existe uma estabilidade entre os professores e entre professores e a direção? Caso houver instabilidade como se resolve?

E1 - Existe sim, há uma estabilidade neste sentido. Aqui não temos deparado com nenhum problema entre os professores, mesmo entre os professores e a direção da escola. Eu pelo menos tenho uma relação forte e amigável com todos os professores e funcionários afetos a este estabelecimento. Mesmo quando houver problemas nós resolvemos através dum diálogo franco e honesto e temos vários encontros durante o ano letivo onde aproveitamos para resolver os problemas e criar mecanismos para ultrapassá-los humildemente.

Pesq. - Como a sua escola promove o avanço e o desenvolvimento pessoal e profissional dos seus professores?

E1 - Isto realmente tem sido uma preocupação da própria escola. Para isso algumas vezes nós tentamos realizar diferentes seminários de capacitação para os professores como uma forma de os capacitarem em diferentes áreas de atuação, mas sobretudo na área pedagógica. Aachamos que a melhor forma de contribuir para o desempenho dos nossos professores é oferecer-lhe uma formação em serviço. Ainda bem que o estado praticamente não tem oferecido regularmente formação em serviço aos seus funcionários. Esta situação não permite a superação dos professores nas suas atividades. O professor é um profissional que precisa de atualização constante, dado que o curriculum escolar não é estático, neste sentido a sua flexibilidade condiciona automaticamente a atualização dos seus verdadeiros executores.

Pesq. - Tem ideia de quais as ações de formação que os professores procuram com mais frequência aqui na escola?

E1 - Naturalmente qualquer professor precisa da formação. Neste sentido creio eu que a formação pedagógica é a formação que os professores necessitam mais, porque é muito importante para a vida profissional de um professor, ainda que é o seu trabalho de dia-a-dia.

Pesq. – Porque acha que os professores precisam mais desta formação? Acha que esta formação ajuda tanto o professor no seu trabalho?

E1 – Sim, ajuda muito. Porque após a formação é precisa atualizar-se diariamente. O professor como qualquer profissional se interessa mais em compreender como pode atuar de melhor forma na sua área. Daí que torna imperativo para ele conhecer a pedagogia em toda a sua amplitude, porque é só a partir disso que estará em condições de poder atuar eficazmente para assim facilitar a aprendizagem dos alunos.

Pesq. - E neste sentido, acha que a formação que se dá na escola é suficiente para que os professores possam melhorar significativamente os seus trabalhos?

E1 – Esta formação não é suficiente, é preciso mais ações de formação aos professores.

Pesq. - Considera que as ações de formações que são promovidas aqui na escola tem mais impacto em relação as ações de formação que os professores recebem em outras instituições ou nos outros espaços?

E1 – Se tivessem dado esta formação poderia ser. Também isso depende da forma como é organizada esta formação. No meu entender penso que a formação que são promovidas pelas outras instituições sobretudo públicas e pelos parceiros tem mais consistência em relação à formação que se promove aqui na escola, isso porque são mais bem organizadas.

Pesq. - Como é oferecida esta formação interna aos professores e como se escolhe os formadores para dar esta formação?

E1 - Nós procuramos identificar a área de formação pretendida pelos professores e depois selecionamos pessoas com nível adequado e aceitável para ministrar esta formação.

Pesq. – Estas sessões de formação são realizadas todos os anos?

E1 - Não. Nem em todos os anos. Já não realizamos há muitos anos mas, este ano conseguimos realizar e teve uma duração de 5 dias.

Pesq. – Que tipo de relações procura estabelecer entre todos os professores e restante pessoal?

E1 – A nossa preocupação foi sempre o estabelecimento de relações de fraternidade. Penso que o desenvolvimento de qualquer serviço passa necessariamente pela troca de informações, opiniões, experiências entre os seus interlocutores. Daí que é importante promover um relacionamento saudável entre as pessoas, isto é, o estabelecimento de um clima de confiança e de conforto entre os seus agentes.

Pesq. – Existem reuniões periódicas, formais e informais, partilha de informações?

E1 – Como pode ver aqui em cima a calendarização das reuniões entre os elementos que fazem parte desta escola. Independentemente das reuniões previstas, nós ainda convocamos sempre que a situação se justifique.

Pesq. – Como vê o seu papel na promoção de um bom clima relacional entre elementos da instituição?

E1 – Olha, eu já fiz muitos anos nesta escola e nesta função, a minha preocupação sempre foi de atender as preocupações e necessidades dos meus pessoais neste serviço, pois, o meu comportamento, as minhas ações considero de determinantes para a eficácia desta instituição.

Pesq. – Neste caso quando um professor depara com uma situação difícil recorre a ti enquanto diretor na escola? E consegue resolvê-las?

E1 - Nem todas as situações, mas alguns problemas eu consigo resolver.

Pesq. - Como faz para resolver estes problemas?

E1 - O diálogo é uma das formas que tenho recorrido para resolver estes problemas.

Pesq. – Pensa que os espaços interiores e exteriores e as salas são suficientes e adequados para os alunos e professores e o acolhimento aos pais e outros elementos da comunidade educativa?

E1 – Não. Independentemente do espaço recreio que achamos um pouco confortável para os alunos, mas as salas de aula não são suficientes para o número de alunos que recebemos anualmente dada a necessidade da própria comunidade. Nós precisamos de espaços mais amplo para podermos atender as necessidades da comunidade. A sala de professores dada a sua dimensão também não é ampla nem confortável para os professores.

Pesq. - Realmente eu constatei isso, passei em todas as salas de aula vi que os alunos em quase todas as turmas sentam 3 na carteira, acho que isso pode dificultar tanto o trabalho do professor como também comprometer a própria aprendizagem do aluno?

E1 – Isso é verdade. Isso tem condicionado negativamente o trabalho do professor e a aprendizagem dos alunos. Dado os professores nem sempre conseguem atingir todos os alunos porque são muitos, enquanto para os alunos é muito mais difícil porque não conseguem sentar-se bem e muito menos ter a oportunidade de participarem todos nas aulas. Veja somente, na prova de coordenação do primeiro período, somos obrigados a dividir as turmas no meio em salas diferentes para facilitar que todos possam sentar em condições.

Pesq. - Como explica a divisão da turma no meio para fazer a prova?

E1 – Sabes que nós iniciamos a realização das provas para os alunos do 1.º a 4.º ano, depois realizamos do 5.º ao 12.º ano, o que significa que as algumas salas ficaram livres no período de manhã porque os outros já tinham terminado. É o que temos feito para minimizar estas dificuldades. Em todo o caso, temos deparado com as dificuldades em termos do espaço dado que as escolas públicas entram frequentemente em greves, paralisações em quase todos os anos, e os alunos são obrigados a procurarem escolas quer privadas como de autogestão porque ali não se verificam estas paralizações.

Pesq. – Isso justifica que a vossa escola não tem a capacidade para atender toda a necessidade da comunidade no que diz respeito ao acesso das crianças à escola?

E1 – Sim, compreendemos que é um problema que nós temos. A escola não tem a capacidade para atender a necessidade de toda a comunidade no que refere ao acesso a escola, por isso as turmas ficam superlotadas. Mas uma grande parte consegue estudar.

Pesq. - Achas que os professores sentem confortáveis com essa situação?

E1 - Para qualquer professor é uma situação de desconforto completo, e nós sabemos disso. Infelizmente não temos uma alternativa de imediato, porque já conversamos também com os pais e encarregados de educação sobre o mesmo assunto e pensamos num futuro próximo resolver esta situação.

Pesq. - Significa que os pais também já estão a reclamar?

E1 - Sim, os pais reclamam mas são eles os verdadeiros culpados.

Pesq. – Porque motivo os considera culpados nesta situação?

E1 – Eles não fazem a matrícula dos seus educandos a tempo, mas sim, só aparecem depois de termos preenchido todas as vagas com alunos externos. Nós iniciamos sempre as inscrições no mês de Julho e Agosto, permitindo para que todos pudessem inscrever a tempo, só depois de termos concluído o prazo de inscrição dos alunos internos é que iniciamos receber os alunos externos, mas o que acontece é que os pais não fazem a inscrição dos seus educandos neste período, me parece até que sentem confiantes, aparecem depois de tudo isso exigindo lugares para os seus educandos. E para não deixá-los de fora do sistema, somos obrigado a recebê-los. Essa situação é que nos leva a ter excesso de alunos nas salas de aula. .

Pesq. – Eu concordo consigo, de não deixar nenhum aluno fora do sistema, porque isso tem as suas implicações. A escola tem materiais didáticos suficiente para alunos como para os professores?

E1 – Para os professores posso afirmar que não temos disponibilizado materiais didáticos. Diferentemente dos alunos, que nem sempre, mas de vez em quando recebem apoio de livros por parte no ministério da educação. Contudo aproveito dizer que temos livros guardados.

Pesq. –Gostaria de saber se a escola tem biblioteca para facilitar nas pesquisas dos alunos e dos professores?

E1 - A escola não tem biblioteca, mas estamos a pensar nisso para os próximos meses se tudo der certo. Pensamos reparar uma sala fazendo dela uma biblioteca. Porque o que não nos falta são livros embora não são suficientes mas temos livros para arrumar uma biblioteca.

Pesq. - Senhor diretor, eu passei em todas as salas de aula constatei que quase em todas

elas com exceção de uma sala, as outras não têm secretárias e nem as cadeiras para o professor, o que me leva a crer que os professores trabalham durante toda a aula de pé e não conseguem sequer sentar ou ter uma mesa para poderem organizar os seus trabalhos e dos alunos. Como considera isso?

E1 - Isso foi reclamado pelos professores muitas vezes. Havia cadeiras e secretárias mas que depois estragaram todas, e neste momento está merecendo a nossa preocupação. Estamos tentando, sabemos que ainda é preciso muito trabalho dentro das salas de aula e não só.

Pesq. - Tais como?

E1 - Pôr cadeiras, secretárias, ventoinhas, como sabes que estamos prestes a chegar o mês de quaresma onde sempre vem muita temperatura, isto também é necessário.

Pesq. – Há uma preocupação na instituição em criar uma maior igualdade de oportunidades para todos os alunos?

E1 - Há sim.

Pesq. – Como os professores atuam face as diferenças do género, diferenças étnicas e linguística, deficiência física... dos alunos dentro da salas de aula?

E1 - A política da escola assenta precisamente neste aspecto. Criar oportunidades para que todos os alunos possam desenvolver as suas competências sem diferencia-los ao ponto de os prejudicar. A única diferença entre os alunos na escola creio ser as diferenças em termos da capacidade de assimilação dos conteúdos. Por isso os professores dão sempre muita atenção à todos os alunos para poderem caminhar juntos na aprendizagem dos conteúdos.

Pesq. – Acha que a escola pode ser um espaço para criar maior igualdade de oportunidades? Porquê? E como?

E1 – Acho um espaço perfeito. Aliás, não vejo outro igual. Ela é o único espaço capaz de congrega todas as diversidades e torná-las num só corpo.

Pesq. – Como é a relação da comunidade, das famílias com a escola? Serviços de saúde, associações e outras instituições, etc.?

E1 – Temos uma boa relação com toda a comunidade. Não temos grandes dificuldades de relacionamento para a concretização dos nossos projetos. Temos estabelecidos diferentes parcerias com várias instituições tais como: associações de jovens, centros hospitalares, entidades religiosas, etc.

Pesq. – Os pais e encarregados de educação participam na vida da escola? Como é assegurada essa participação? Que formas de participação são desenvolvidas?

E1 - Os pais envolvem.

Pesq. - Em que atividades os pais se envolvem?

E1 - Nas reuniões e também em várias outras atividades realizadas.

Pesq. - Será que a escola promove encontros para explicar os pais sobre o evoluir dos seus educandos?

E1 - Baseando no nosso calendário, temos realizado anualmente vários encontros para lhes informar sobre esta situação.

Pesq. - Estes encontros visam somente informar as notas dos seus educandos ou ainda são debatidos outros assuntos?

E1 - Independentemente de informar as notas também debatemos vários assuntos ligados a vida da escola, da mesma maneira que servem para receber propostas de melhoria da escola.

Pesq. - E estas propostas são executadas pela direção da escola?

E1 - Nem todas as propostas são executadas, mas tentamos implementar as que achamos serem pertinentes.

Pesq. - Senhor diretor, existe uma preocupação em melhorar as condições de aprendizagem dos alunos e as condições de trabalho dos professores?

E1 - Existe e sempre foi a nossa preocupação. Para criar condições para que os alunos possam aprender solidamente é necessário começar pelos professores. Muito embora não conseguimos resolver todos os problemas emergentes da escola.

Pesq. - Como avalia a melhoria da qualidade das aprendizagens dos alunos?

E1 - Eu acho que os alunos têm uma aprendizagem muito significativo. Digo isso baseando nos resultados finais da aprovação deles. Também os nossos alunos sempre tiveram boas apresentações nos encontros com outras instituições educativas.

Pesq. – Como é avaliado o trabalho dos professores?

E1 – Eles fazem um bom trabalho. Isso nós conseguimos perceber através da ficha de avaliação dos alunos que o professor entrega no final de cada trimestre, como também o acompanhamento feito pelos coordenadores de diferentes áreas curriculares e dos diretores de turmas.

Pesq. - A escola não tem uma outra ficha para acompanhar o desenvolvimento profissional do seu professor?

E1 - Não temos. Até este momento, não criamos uma ficha específica para este trabalho.

Pesq. – Que avaliação faz da sua escola?

E1 – A escola está a evoluir lentamente. A escola apesar de não satisfazer todas as necessidades da comunidade em termos de acesso e todas as necessidades dos seus funcionários, consideramos que está na fase de crescimento. Creio que se continuarmos assim, poderemos num futuro próximo chegar a grandes conquistas.

Pesq. - Para terminarmos esta nossa conversa senhor diretor, quais são as suas maiores preocupações face aos professores, aos alunos e aos pais e encarregados de educação?

E1 - A minha maior preocupação face aos alunos é oferecer-lhes um ensino de qualidade, preparar-lhes para poderem fazer face aos desafios de momento e do futuro. Nesta lógica, não se pode em situação alguma deixar de se preocupar também com os professores como sendo as pessoas comprometidas com a preparação e a construção dum futuro melhor.

Pesq. - Muito obrigado senhor diretor por aceitar esta entrevista e por oferecer estas informações contamos estar mais vezes juntos.

E1 - Eu também digo Muito obrigado por escolher esta minha escola porque isso pode ajudar e contamos ter mais trabalho do gênero para podermos melhorar,

Anexo XI – Transcrição da entrevista realizada com o PCTP (E2)

TRANSCRIÇÃO DA 2.ª ENTREVISTA

Data da entrevista: dia 24 de Dezembro de 2019 (Terça-feira)

Local da entrevista: Escola

Duração da entrevista: 60 minutos

Pesq. - Bom dia senhor presidente do conselho técnico pedagógico. Encontro-me aqui na qualidade de estudante do Instituto da Educação - Universidade de Lisboa, curso de Mestrado em Educação, área de especialização em Supervisão e Orientação da Prática Profissional. Para dizer que a nossa intenção é fazer um estudo com o intuito de levantar dados que descrevem a realidade vivida neste estabelecimento de ensino como também perspetivar medidas viáveis para a melhoria das situações que põem o avanço da escola, da prática docente e da aprendizagem dos alunos. É precisamente neste sentido que selecionamos o senhor contando com a sua colaboração, uma vez que é um interlocutor privilegiado, pelo que nos poderá fornecer informações preciosas para o desenvolvimento deste trabalho.

E2 – Sim, muito bom dia. Agradeço muito por confiar em mim enquanto presidente do conselho técnico e por escolher esta escola para este seu trabalho.

Pesq. - Para iniciarmos esta nossa conversa gostaríamos de saber a sua idade e das suas experiências pessoais e profissionais?

E2 – Eu tenho 45 anos de idade, neste momento sou presidente do conselho técnico pedagógico desta escola, mas antes de assumir esta função passei em várias outras escolas e em outras regiões do país após concluir a formação na escola de formação dos professores, nomeadamente Tchico Té, na especialidade da física-matemática, no ano de 2003. Trabalhei numa escola primária em Nhoma, setor de Nhacra, mas antes eu havia trabalhado numa escola de missão católica, numa tabanca próxima, onde desempenhei a função do coordenador da disciplina de física/matemática, mais tarde fui designado coordenador de comissão de estudo e também fui nomeado diretor de uma escola primária no mesmo setor durante 5 anos. Depois pedi transferência e vim para Bissau, nesta escola em 2007.

Quando chequei aqui, depois de alguns anos me propuseram para assumir as funções de coordenador da disciplina de física/matemática e depois de cinco anos passei assumindo esta função de presidente de conselho técnico pedagógico. Mas isso foi graças ao meu desempenho e ambição de aprender. Eu tive que aproximar e aprendendo com o diretor da escola, o próprio presidente de conselho técnico na altura, foram pessoas com mais experiências no trabalho que mim, e acabaram por me ajudar muito.

Pesq. - Um percurso cheio da aprendizagem. O senhor mora a que distância da escola?

E2 – Dantes eu morava ao pé da escola menos de 200 e 300 metros, isso há uns 10 anos mas agora, transferi para a minha residência tenho que andar vários km para cá chegar.

Pesq. - Mas mesmo assim consegues estar aqui frequentemente fazendo o seu trabalho como professor e como presidente do conselho técnico pedagógico?

E2 – Consigo estar aqui todos os dias fazendo o meu serviço regularmente.

Pesq. – O que significa ter um compromisso consigo mesmo e com a sua profissão?

E2 – Olha, para que os alunos possam ser bem orientados é preciso um compromisso moral e ético, em que todos nós estejamos envolvidos e comprometidos com o trabalho. Eu percebo que tenho um compromisso com os pais, com os alunos e com a minha própria profissão, porque sou um profissional da educação e além de mais eu escolhi ser educador não tenho outra alternativa que não seja assumir as minhas responsabilidades.

Pesq. - Considera importante que as crianças /jovens frequentem a escola? Porquê?

E2 – Acho a mais importante que um indivíduo possa fazer. A escola é a própria vida. Para o nosso país, eu diria que é imperativo e deve ser a única via a seguir neste momento, ainda que figuramos na lista dos países mais pobres do mundo. Para ultrapassarmos esta pobreza, é imperativo apostarmos na educação como sendo a única solução.

Pesq. - Enquanto presidente do conselho técnico pedagógico, quais são as suas verdadeiras preocupações face aos alunos?

E2 – Para dizer que não são as minhas preocupações mas, as nossas preocupações. Digo isso porque todos nós somos comprometidos com este trabalho, de mais a mais, tudo que aqui fazemos é para satisfazer a necessidade dos alunos. Nós queremos que os alunos sejam bem preparados e em todos os domínios e que tenham uma aprendizagem verdadeiramente significativa. Neste momento são alunos e nós somos professores, mas amanhã não serão alunos, isto é a lógica da vida, por isso, precisam ser bem preparados. Esta é a minha preocupação enquanto profissional da educação.

Pesq. – A escola tem ou não o projeto educativo?

E2 – Sim, tem um projeto educativo.

Pesq. - Quem são as pessoas ou que entidades envolveram na sua elaboração?

E2 – Eu vim cá depois da escola ter preparado o seu projeto educativo. Desconheço os envolvidos na sua elaboração e não tenho acesso a este documento. Mas no passado a escola tinha uma ligação direta participativa da comunidade, mas pelo que vejo agora parece que não tem esse envolvimento da comunidade além do pagamento das propinas.

Pesq. – Nesta lógica, acha que a escola consegue resolver os problemas dos alunos e da própria comunidade em geral?

E2 – Acho um pouco difícil, porque quando o projeto educativo é laborado pela própria comunidade esta terá mais envolvimento na vida da escola e consegue abraçar tudo que é da escola e faz a escola crescer, nesse sentido, a maioria dos problemas que acontecem no interior da escola é resolvida a partir da própria comunidade escolar. Mas quanto aos alunos,

a escola consegue responder as preocupações básicas no que tem a ver com a boa educação. Com isso, os pais pelo menos ficam satisfeitos com a qualidade do ensino que temos prestado aos seus educandos. Isso realmente os pais confiam e são manifestadas nas nossas reuniões.

Pesq. - Para si enquanto presidente do conselho técnico o que acha que os alunos devem aprender aqui na escola?

E2 – É verdade, todos nós estamos envolvidos no processo da construção social, quando se constrói uma escola se constrói para levar os alunos aprenderem não só a componente científico, a ciência, mas a componente social, aspecto cultural, também são valores que não se deve ou pode deixar de lado, porque sempre o propósito da escola é promover esses valores. Por isso, um professor não fica à frente do aluno somente falando da ciência, é preciso orientar os alunos, porque isso é orientar a sociedade, os alunos devem aprender a ciência, a cultura, o relacionamento, porque são construtores do país e da sociedade. Um professor não se limita somente a transmitir conteúdos científicos como matemática, português, química, física, entre outras, fazer avaliações, mas também precisa relacionar outras atividades que vão em consonância com conhecimentos científicos no sentido de despertar a curiosidade do aluno, possibilitar mais aprendizagens. A outra coisa é que o aluno precisa tanto da teoria como da própria prática, por isso também é preciso trabalhar dentro e fora das salas de aula.

E2. – O senhor queria com isso dizer que os professores não trabalham dentro das salas de aula somente os conteúdos científicos?

E2 – Isso é mais que verdade. Os conteúdos científicos por si só não forma um ser social. A formação do ser é muito mais que isso, por isso que não se pode limitar o trabalho docente unicamente dentro quatro paredes, porque é necessário mesmo promover entre várias outras atividades complementares que ajudam os alunos a desenvolverem várias outras habilidades. Olha, o pessoal docente sempre quer fazer muita coisa mas o que falta é a motivação e condições.

Pesq. - Quais são essas atividades realizadas?

E2 – Aqui anualmente realizamos variadas atividades, entre as quais, as atividades culturais, visitas de estudo, excursões académicas, palestras, seminários entre várias outras atividades. Recentemente fomos a região de Cacheu no ano letivo de 2017/2018, também deslocamos para região de Bafatá e Gabú no ano letivo 2018/2019.

Pesq. – Considera que as atividades desenvolvidas na escola pelos professores respondem às necessidades dos alunos? Facilitam a aprendizagem e a passagem para o nível seguinte?

E2 – Sim, seja de forma direta ou indireta estas atividades respondem às necessidades dos alunos. São atividades muito importantes e interferem muito na aprendizagem do aluno, por isso temos sempre agendado no nosso programa anual. Essas atividades incluem as visitas a algumas instituições públicas e privadas, porque entendemos que é importante na formação até porque é fundamental para que o aluno conheça e compreenda a sua própria realidade social e cultural. Imagina só, no curriculum escolar da disciplina da língua portuguesa tens que falar da comunicação, naturalmente que é preciso levar o aluno à órgãos

de comunicação social para que possam compreender e ver como é que isso funciona, o que leva a compreender o valor e a importância da própria comunicação. Porém, estas atividades, nem todas, mas algumas são avaliadas e consequentemente interferem na passagem do aluno para o nível seguinte.

Pesq. - Será que todos os professores são obrigados a promoverem essas atividades aqui na escola, ou simplesmente são diferentes áreas que são levadas a organizar essas atividades? Também gostaria de saber se é o professor quem desenha a sua atividade e tenta executar de forma isolada ou se tem apoio da escola para a sua materialização?

E2 – Todos os professores são envolvidos neste trabalho. Até porque no plano anual, como eu disse, tudo está planeado. O problema que se põe aqui é a insuficiência dos meios para que todos os professores possam realizar as suas atividades extracurriculares. O que eu posso garantir é que se a escola tivesse meios suficientes para colocar à disposição dos professores, todos neste caso estariam fazendo as suas atividades com os seus alunos.

Pesq. - A instituição adota algum modelo/método pedagógico específico (ex: método tradicional; método centrado no aluno, trabalhos de grupo; método misto: expositivo e trabalhos de grupo...).

E2 – Nós aqui usamos diversos métodos. Contudo o método mais aplicado pelos professores é o método ativo. Pelo que achamos ser o mais adequado para despertar a aprendizagem dos alunos. Mas isso não quer dizer que é o único e mais útil. Sabe-se que a utilização do método depende grandemente do contexto da sala de aula e dos objetivos da aula, daí que é difícil ou senão impossível usar um método único para transmissão de todos os conteúdos à todos os alunos.

Pesq. - No curriculum escolar quais são as disciplinas que são mais valorizadas e porquê?

E2 – São as com mais carga horária. Não se pode valorizar a disciplina de ciências sociais mais que a da língua portuguesa, da matemática e tantas outras, estes têm a carga horária com mais tempos letivos. Estas disciplinas com mais práticas, neste caso a química, física, biologia, português que também está neste grupo por ser a nossa língua oficial e de trabalho, são mais valorizadas em termos da carga horária, devido as suas áreas e não pela dificuldade de aprendizagem como pensam alguns colegas professores e que andam a intimidar os alunos que são disciplinas de difícil compreensão. Para mim, peso dessas disciplinas reside precisamente no seu conteúdo que são vários e desta forma exige um grande nível de estudo e paciência, porque tem muitas coisas para se aprender, diferentemente da disciplina de educação social, esta não tem muitas coisas em comparação com as outras.

Pesq. - A vossa escola trabalha em quantos períodos diário?

E2 – Nós trabalhamos em dois períodos. No período de manhã e no período da tarde. No período de manhã abrimos às 08:00 até 12 horas e no período da tarde das 14:30 à 18:45.

Pesq. - Enquanto presidente do conselho técnico pedagógico da escola, como consegue organizar as turmas e o horário dos professores e dos alunos?

E2 – Não tem nenhum trabalho fácil. Mas eu já estou habituado a este trabalho. Foram vários anos trabalhando nisso, o que me permite compreender fazer com muita facilidade, apesar das pequenas dificuldades que aparecem de vez em quando.

Mas para dizer que o trabalho do horário é preciso muita concentração e uma boa planificação. Planificação porque, com o horário do professor se faz o horário do aluno e em função das turmas de acordo com a divisão de níveis que nós temos e a quantidade dos alunos que foram inscritos na escola. Ainda tomamos em conta as disciplinas com mais carga horaria, neste caso a da língua portuguesa, a matemática e assim sucessivamente até a última disciplina. Faz-se primeiramente o horário professor para depois fazer o horário do aluno.

Pesq. - Ok. Muito obrigado. Como valoriza o trabalho dos professores dentro da sala de aula, no recinto escolar e fora da escola? Acha que os professores fazem um bom trabalho para ensinar/orientar os alunos?

E2 – Claro, eu acredito que os professores fazem um grande trabalho. Eu enquanto presidente do conselho técnico pedagógico da escola, isto é, como responsável do centro das atividades dos professores, digo que dentro e fora das salas de aula os professores fazem um trabalho imenso, quer as atividades pedagógicas, científicas e culturais. Basta ver os resultados dos alunos. Embora não podemos ignorar as dificuldades enfrentadas pela escola e no dia-a-dia dos professores. Por exemplo: no início do ano letivo anterior o professor da língua portuguesa e os seus alunos desenvolveram alguns conteúdos através de certas atividades práticas aqui na escola, naquele pátio, uma atividade prática relacionada com a cultura, isto é, as danças tradicionais e outras atividades.

Pesq. - Acha que as atividades e experiências de ensino que são porpocinadas pelos professores aos alunos são adequadas para o desempenho de todos os alunos?

E2 – Eu acho difícil afirmar que todas estas atividades são adequadas para o desempenho de todos os alunos. O que aqui posso dizer é que as atividades planificadas nas Comissões de Estudo são adequadas e potencializam grandemente o desempenho dos alunos. Mas é preciso também levar em consideração a capacidade do professor em transmitir os seus conteúdos e também a própria capacidade de assimilação do aluno, porque tudo isso conta.

Pesq. - O ministério da educação nacional colocou nesta escola inspetores/supervisores para apoiar os professores nas suas práticas letivas?

E2 – Posso dizer que sim. Pelo que eu sei, mandaram inspetores aqui na escola e são estes inspetores que por vezes fazem o trabalho de supervisão, ajudando os professores.

Pesq. - Os inspetores/supervisores conseguem dar apoio necessário e suficiente à todos os professores?

E2 – Não conseguem. Porque são insuficientes e não conseguem estar aqui na escola regularmente, às vezes leva um mês para virem cá. O que justifica que o apoio é insuficiente.

Penso também que esta presença não acontece com muita frequência na medida em que estes inspetores não são suficientes para dar a cobertura a todos os professores das escolas públicas

da zona. Por isso nós fazemos o nosso trabalho interno sem aguardá-los. Normalmente o supervisor deve permanecer aqui na escola durante todo o dia para atender as preocupações dos professores.

Pesq. - Os inspetores/supervisores participam na elaboração das atividades de comissões de estudo?

E2 – Não estou recordando da participação dos supervisores destes por parte do ministério da educação, isso deve ser há muito tempo. Nós aqui internamente fazemos através do conselho técnico pedagógico e a direção da escola.

Pesq. - Acha que o trabalho de inspetores/supervisores pode contribuir para uma melhoria nas atividades da escola, dos professores e na aprendizagem dos alunos?

E2 – Você é quem está perguntando. Claro que sim. Isso contribui muito, eu diria até que é indispensável para a escola e para os professores mas, em particular para o próprio aluno. Digo isso porque, todo o nosso trabalho tem como o objetivo único atender as preocupações do aluno. Daí que podemos dizer que se o professor tiver o apoio e orientação coesa para a melhoria do seu trabalho com os alunos dentro da sala de aula, o processo de ensino seria muito mais fácil e em consequência a aprendizagem dos alunos passa a ser muito mais significativo e consistente.

Pesq. - Que contributos acha ter para o desenvolvimento profissional e pessoal do professor?

E2 – Olha, não tem nenhum profissional capaz de fazer melhor por si só, sem que esteja alguém ajudando. Sem o acompanhamento nas nossas ações, dificilmente conseguiremos fazer o melhor. É através dos acompanhamentos e feedback com os supervisores que vamos identificar, reconhecer e melhorar paulatinamente as nossas falhas e fazer o melhor. O que significa que é o que nos faz superar as nossas falhas no exercício da nossa profissão docente.

Pesq. – Vocês conseguem fazer um trabalho de supervisão orientando os professores para que possam trabalhar melhor? E acha que é importante?

E2 – Sim. Esta equipa é composta pela administradora e o vice coordenador da escola. E é muito importante mesmo. Olha, o que eu queria tanto é permanecer aqui na escola durante todo o dia para atender as preocupações dos professores sobretudo no que diz respeito ao seu trabalho pedagógico, mas infelizmente, não consigo estar aqui todo este tempo, dado que o salário da função pública é praticamente insignificante para dar a cobertura as necessidades familiares, por isso tenho que fazer contrato para lecionar nas escolas privadas. Mas o que me preocupa bastante é melhorar o meu trabalho e enquanto presidente do conselho técnico, ajudar os colegas professores na melhoria das suas práticas profissionais. Por isso, sempre que permaneço aqui passo nas salas de aula para ver como é que os professores estão a trabalhar com os seus alunos.

Pesq. – Como funciona a vossa equipa de supervisão interna?

E2 – A administradora e o vice-coordenador da escola são pessoas que fazem a supervisão aos professores nas suas práticas dentro da sala de aula. Muito embora isso não acontece

diariamente, mas em todo o caso funciona. Os professores são acompanhados nas suas aulas e depois mantêm-se um feedback para superar as falhas encontradas durante a aula.

Pesq. – Acha que isso tem impacto positivo no trabalho dos professores?

E2 – Aceitando ou não, tem sim. A partir destes acompanhamentos os professores passaram a reorganizarem os seus trabalhos da melhor forma. Dantes alguns professores não se importavam com a planificação diária das suas aulas e muito menos clarificar as estratégias para a aula. Mas agora é totalmente diferente, vê-se realmente uma melhoria no trabalho dos professores.

Pesq. - Apesar da insuficiência dos supervisores/inspetores que não conseguem estar aqui regularmente para apoiar os professores e a direção da escola, vocês conseguem fazer todo o vosso trabalho?

E2 – Não. Não conseguimos fazer todo o trabalho, mas quase a maioria dos trabalhos conseguimos realizar graças ao nosso esforço e a colaboração das pessoas no serviço.

Pesq. - Na sua opinião acha que é preciso reforçar o acompanhamento superviso dos supervisores aos professores?

E2 – É isso mesmo, porque é o que nos faz superar as nossas dificuldades e melhorar o nosso trabalho enquanto profissionais da educação. Imagina só, esta equipe de supervisão interna não consegue dar uma resposta suficiente às necessidades dos professores, estamos precisando dos inspetores ou supervisores diariamente se possível, para nos apoiar e para que possamos fazer o melhor.

Pesq. - Neste caso a escola já manifestou junto do serviço da inspeção para solicitar a intervenção permanente desta equipa na escola?

E2 – O próprio diretor da escola já havia solicitado várias vezes ao serviço da inspeção geral da educação a participação desta equipa de inspeção na escola para poder apoiar os professores nos seus trabalhos.

Pesq. - O que acha que os inspetores/supervisores devem fazer para dinamizar os trabalhos dos professores?

E2 – Creio que devem ter uma intervenção mais participativa junto dos professores. É preciso manter mais aproximação aos professores, acompanha-los nas suas atividades, porque só assim estarão em condições de compreender as suas dificuldades e potencialidades e em consequência propor alternativas mais acertadas para uma atuação mais eficaz.

Pesq. - Que avaliação faz do trabalho dos supervisores?

E2 – A supervisão pedagógica sempre é a parte mais útil para o avanço do sistema de ensino. Dado que ela tem as suas implicações no trabalho dos professores e na aprendizagem dos alunos.

Pesq. - Quais, no seu entender, são os contributos da supervisão pedagógica para a melhoria do sistema educativo?

E2 – Nenhum sistema de ensino no mundo pode concretizar os seus objetivos educacionais e responder as exigências de sociedade sem que os seus profissionais estejam conscientes e preparados para o desempenhar das suas funções. Para que isso possa ser uma realidade é preciso que os professores sejam acompanhados no exercício das suas práticas profissionais convista a compreender as suas verdadeiras atuações e poder-se-à facilitá-los. Porém, tudo isso passa necessariamente pelo apoio efetivo dos supervisores pedagógicos.

Pesq. - Como é planeado e avaliado as atividades mensais e semanais dos alunos? Existe um plano anual?

E2 – Começo por dizer que a nossa planificação obedece grandemente o plano nacional elaborado a partir do ministério da educação. Toda a nossa planificação é elaborada a partir da comissão de estudo que regularmente realizamos na primeira semana de cada mês.

Pesq. - Como é que vocês fazem a planificação mensal, na vossa comissão de estudo?

E2 – Nós fazemos a planificação mensal a partir do plano anual estabelecido pelo ministério da educação nacional. É a partir dessa planificação anual que fazemos planificação semestral e mensal, isto é, de médio e curto prazo. Como sabes a escola funciona no regime de autogestão não pode estar a margem das regras do ministério da educação nacional.

Pesq. - Claro que sim. Mas como justifica isso?

E2 – Para dizer que no regime de autogestão a parte financeira é administrada pela escola mas a parte científico-pedagógico é através das normas estabelecidas pelo ministério da educação nacional, isto é, depende daquilo que o ministério instituiu.

Pesq. - Tendo em consideração este vosso trabalho, vocês conseguem perceber a progressão dos professores, em cada sala de aula com os seus alunos e como se desenvolve o processo da aprendizagem dos alunos nas diferentes áreas curriculares?

E2 – Não é nada fácil perceber tudo isso sem apoio e a colaboração de todos que estão envolvidos neste processo, mas conseguimos fazer na medida de possível para compreender o processo de aprendizagem dos alunos. Sempre recorremos as fichas de avaliação que os professores devem preencher durante cada período do ano letivo. Estas fichas de avaliação contém diferentes critérios de avaliação que o professor deve realizar com os alunos. Uma ficha de avaliação onde o professor tem 45 alunos e tendo somente um aluno com a nota positiva, facilmente se percebe que o professor não consegue fazer um bom trabalho e, é neste sentido que chamamos o professor para tentar compreender o motivo da grande reprovação dos alunos nesta disciplina. O que leva o professor a fazer uma autoavaliação de si mesmo para perceber se está andando bem ou não.

Podemos ver um exemplo, dissemos à pouco que a língua portuguesa, a matemática, a física e a química são as disciplinas com mais conteúdos dado que o seu campo é muito vasto em comparação com educação social, neste caso, se o professor de matemática tiver 4 alunos com nota negativa numa média de 45 alunos, sendo você quem leciona educação social na

mesma turma com o professor de matemática tendo um resultado de 30 alunos com a nota negativa, percebe-se logo que o problema está provavelmente no professor e não nos alunos. Neste sentido, começamos a avaliar o próprio professor seguindo o seu trabalho para que se possa ajudar na aprendizagem dos alunos. Este processo é acompanhado pelo presidente do conselho técnico, responsável da classe e o coordenador da própria disciplina.

Pesq. - A escola tem uma ficha de acompanhamento que não seja esta ficha de avaliação dos alunos aplicado aos professores para que posteriormente sejam avaliados durante o final do ano?

E2 – Não. Nós realmente não temos fichas específicas de acompanhamento dos professores para que posteriormente sejam avaliados. Mas através dos diretores das turmas nós conseguimos ter todas as informações dos professores no que refere ao seu trabalho com os alunos.

Pesq. - Como é atribuída a passagem dos alunos aqui na vossa escola? Ou melhor o que eu quero saber da sua parte é seguinte: de acordo com as disciplinas e os níveis quais são as condições de passagem do aluno para o nível seguinte?

E2 – Ora bem, isso se baseia no sistema nacional de avaliação, ali são estabelecidas as normas pelo Ministério da Educação Nacional. Mas podemos ver o seguinte: nos níveis de 5.º e 6.º ano da escolaridade se o aluno reprovar em uma disciplina isso não lhe impede de transitar para o nível seguinte, muito embora considera-se que este transita de classe mas com algumas dificuldades em certas disciplina neste caso na disciplina em que o aluno não conseguiu ter a nota positiva. Agora nos níveis de 10.º, 11.º e 12.º ano se deixar uma disciplina, não pode ter acesso ao seu certificado da conclusão do curso complementar por deixar uma disciplina e terá que voltar para realizar exames extraordinários para poder ter uma nota positiva e ter acesso ao seu certificado. Muito embora acontece também que se o aluno obtiver em dois ou mais de disciplinas com negativas nos níveis de 10.º e 11.º ano, não pode estudar o nível seguinte tem por direito de repetir este nível. No nível de 12.º ano, se o aluno não conseguir transitar em todas as disciplinas não tem direito a certificado que lhe dá acesso à entrada nos cursos universitários.

Pesq. - Quantos professores existem nesta escola?

E2 – Temos 54 professores.

Pesq. – Senhor presidente do conselho técnico, como é feita a distribuição dos professores?

E2 – A distribuição dos professores é feita de acordo com a necessidade em cada área curricular. Os professores são distribuídos de acordo com as suas áreas de formação pedagógica em áreas curriculares existentes na escola.

Pesq. – No seu entender, os professores que aqui estão são suficientes para todas as áreas e todos os alunos que aqui estão?

E2 – Não. Não são suficientes. Temos defrontado com este problema quase todos os anos, porque os professores pedem sempre transferências para as escolas de fácil acesso, o que nos

leva a solicitar aos serviços de setor autónomo, entidade responsável para a colocação dos professores. Por isso, às vezes a escola faz contratação dos professores para preencher aquelas vagas, dado que nem sempre o ministério consegue colocar a tempo os professores e, para não ficarmos sem professores e dificultar os alunos, somos obrigados a fazer contrato.

Pesq. - Há cooperação entre todo o corpo docente? Como é feita?

E2 – Existe sim. Sempre há uma ajuda mútua, uma partilha de ideias sobre assuntos que diz respeito ao trabalho do professor. Mesmo trabalhando em áreas diferentes os professores sempre pedem ajuda uns aos outros. Ninguém sabe tudo, cada um tem noção de alguma coisa em áreas diferentes, podemos dizer que se um professor de matemática cometer uma falha, mesmo sem ser professor desta área pode detectá-las e ajudar a corrigi-las.

Pesq. - Que problemas encontra com a falta de cooperação do corpo docente?

E2 – Por enquanto todos estão cooperando, por isso não posso mencionar um problema específico. Mas em todo o caso posso dizer que quando não existe a cooperação no seio dos professores, isso cria caos no trabalho e em consequência a má qualidade de ensino e aprendizagem.

Pesq. – Acha que a sua escola promove o desenvolvimento profissional e pessoal dos professores?

E2 – Acho que sim. Seja como for não podemos ignorar o que a escola faz, pode não ser o suficiente mas faz alguma coisa para apoiar os seus professores no sentido de superarem em termos profissionais.

Pesq. – Como justifica isso?

E2 – Embora nem sempre recebemos a formação mas, temos recebido apoio através da direção e dos colegas para a melhoria do nosso trabalho nas sessões de comissões de estudo.

Pesq. – Na qualidade de responsável da área pedagógica, no seu entender, quais as ações de formação que os professores necessitam e procuram mais?

E2 – Eu diria que a área pedagógica. Porque é uma área em que o professor sempre precisa de se atualizar. No final de cada ano letivo os professores devem beneficiar de formação para poderem melhorar as suas práticas, isso seria normal quer por parte do ministério da educação como por parte da própria escola. Isso permite o professor melhorar o seu trabalho e melhorar a sua qualidade profissional.

Isso porque, pelo simples fato de concluir a escola de formação dos professores não justifica consolidar toda a formação, é preciso mais ações de formação em serviço e de mais a mais pelo que eu percebo, o professor é quem precisa de uma formação constante e permanente.

Pesq. – Neste caso que ações de formação a escola promove para a melhoria da prática dos seus profissionais?

E2 - Na área pedagógica, precisamente a planificação da atividade docente. Posso dizer que qualquer formado necessita de superação, até porque a formação nunca é suficiente, por mais que você é formado, precisa é sempre de atualizar-se para poder fazer face aos desafios.

Pesq. - Mas esta formação acontece em todos os anos ou não?

E2 – Para dizer a verdade, isso não acontece em todos os anos. Precisamente no começo deste ano letivo, a escola deu uma formação aos professores. Mas já lá vão vários anos sem termos sofrido a formação por oferecida pela escola e muito menos pelo ministério.

Pesq. - Acha que esta formação é sólida e suficiente para os professores que tomaram parte?

E2 – Não. Não é uma formação muito sólida e muito menos suficiente.

Pesq. - O que acha que é preciso fazer?

E2 – Acho que é preciso oferecer mais ações de formação qualificada aos professores e também promover mais seminários, cursos intensivos, palestras e outras ações de formação como forma de capacita-los para melhor puderem executar os seus trabalhos com eficácia.

Pesq. - Que tipo de relações procura estabelecer entre todos os professores das diferentes áreas curriculares?

E2 – Uma relação de solidariedade e de ajuda recíproca. Aqui os professores recorrem sempre que necessário uns aos outros para esclarecimento das suas dúvidas.

Pesq. – E entre os professores e a direção da escola?

E2 – Aqui entre os professores e a direção da escola há sempre uma boa relação. Digo isso porque não temos defrontado com grandes problemas que possam comprometer os nossos trabalhos e dificultar o cumprimento dos objetivos educacionais.

Pesq. - Existem reuniões periódicas formais e informais, partilha de informações com os professores?

E2 – Isso acontece regularmente nas reuniões de comissões de estudo onde todos vão estar presentes para trocarem experiências e apresentarem as suas preocupações e em consequência propor soluções.

Pesq. - Como vê o seu papel na promoção de um bom clima relacional entre os professores da instituição?

E2 – Na verdade, os professores só podem trabalhar para cumprir os objetivos educacionais da escola se no seu seio existir a estabilidade. Neste sentido, eu enquanto presidente do conselho técnico pedagógico, a minha preocupação é de estabelecer um bom clima relacional entre todos os professores.

Pesq. - Senhor presidente do conselho técnico, os professores quando defrontam com um problema quer a nível científico ou pedagógico recorrem a ti para pedir apoio?

E2 – Claro que sim. Isso acontece e eu tenho elogiado mesmo estes professores. Nem sempre todos conseguem levar as suas preocupações quer no que diz respeito o aspecto científico como aspecto pedagógico na comissão de estudo, porque aí somos muitos e nem sempre conseguimos responder todas as preocupações, como também nem todos os professores conseguem apresentar todas as suas preocupações. Por isso, alguns professores aproveitam um outro espaço para conversarmos melhor. Por isso eu tenho sempre conversado com os

professores no sentido de apresentarem as suas preocupações. Olha, eu sou professor, a minha profissão não é presidente do conselho técnico pedagógico, mas sim, sou professor e por isso estou a dar as aulas até agora. Um dia eu acabo deixando esta função mas, continuo sempre ser professor. Eu tenho por obrigação de apoiar os meus colegas naquilo que é possível. Eu costumo defender junto da direção que se os professores estão a fazer uma coisa que dá avanço a própria escola temos de os elogiar e tentar executar.

Pesq. - Pensa que o espaço interior é suficiente e adequado para os alunos e professores?

E2 – O espaço pode não ser adequado mas considero um pouco suficiente.

Pesq. - Acha que as salas de aula são suficientes e adequadas para os alunos? E a sala dos professores?

E2 – Em parte, posso dizer que é suficiente para os alunos, mas é preciso aumentá-las dada a necessidade da comunidade. A sala dos professores também é muito pequena e não está em perfeitas condições. No que refere a qualidade das salas de aula posso dizer que têm mínimas condições em comparação com a maioria das outras escolas, muito embora é preciso algumas melhorias. Olha, o ministério da educação nacional não apoia praticamente em nada. Esta é uma escola simplesmente de autogestão e neste caso é preciso mais intervenção do ministério da educação para conceder apoio a escola, são eles que nomeiam o diretor da escola e colocam os professores e se assim for, deveriam conceder apoios materiais e financeiros a própria escola. Como pode constatar temos várias dificuldades. As salas das aulas não têm secretárias e carteiras para os professores, estes trabalham de pé porque não conseguem ter nem espaço para colocar as suas pastas e os seus materiais didáticos, acho que se tivesse seria melhor para os professores.

Pesq. - A escola tem disponibilizado materiais didáticos suficientes para os professores e os alunos?

E2 – Estamos deparando com estas dificuldades há muito tempo. Para os professores não tem materiais didáticos disponibilizados por parte da escola. Temos muitos livros para os professores e alunos mas não temos bibliotecas, ainda que, sempre que o ministério faz a distribuição de materiais para os alunos nós beneficiamos e fazemos chegar a estes. Ainda este ano a direção da escola está pensar em montar uma biblioteca.

Pesq. - Como a escola facilita os professores e alunos nas suas pesquisas?

E2 – Cada professor faz a partir da sua própria iniciativa e a sua possibilidade.

Pesq. - Sendo Presidente do conselho técnico o que gostaria de ter e de melhorar em relação às salas de aula, materiais e recursos educativos para facilitar o trabalho dos professores?

E2 – Eu gostaria de ter tudo o que é necessário. As salas de aula precisam estar em perfeitas condições para que tanto os alunos como os professores possam sentir confortados nas suas atividades. Da mesma forma que é preciso terem materiais necessários. Porque sem isso, todo o processo de ensino e aprendizagem pode estar comprometido.

Pesq. - Há uma preocupação na instituição em criar uma maior igualdade de oportunidades para todos os alunos?

E2 – Claro que sim. Sem a igualdade não tem o ensino. Na escola todos nós somos iguais.

Pesq. - E como os professores atuam face as diferenças do gênero, diferenças étnicas e linguística, deficiência física... dos alunos dentro da salas de aula?

E2 – Em termos pedagógicos o professor não pode diferenciar os alunos dentro da sala de aula, isto é, deve respeitar as diferenças pessoais, valorizar as línguas faladas pelas crianças, as diferenças culturais e fazer disso uma riqueza para poder fazer da melhor forma o seu trabalho. Na educação não se consegue diferenciar ninguém, sob pena de prejudicá-lo. A luta dos professores é ajustar todos os alunos com as suas diferenças e projetá-los para uma aprendizagem mais significativo.

Pesq. - Acha que a escola pode ser um espaço para criar maior igualdade de oportunidades? Porquê? E como?

E2 – No meu entender é o melhor lugar. Por simples fato de ser o melhor espaço para a implementação das políticas que vise a formação da pessoa.

Pesq. – Será que os pais e encarregados de educação participam na aprendizagem dos seus educandos?

E2 – Posso dizer que alguns pais conseguem ajudar os professores nisso.

Pesq. – Como é assegurada esta participação?

E2 – Esta participação é sempre solicitada aos pais e encarregados de alunos na nossa reunião de plenária que sempre realizamos no início e no decorrer do ano letivo. Solicitamos-lhes que acompanhem o horário da entrada e da saída dos seus educandos, como também, esforçar para conhecer todos os professores que dão aulas aos seus filhos.

Mas os pais demonstram pouca disponibilidade para acompanhar a aprendizagem dos seus filhos e para isso deveriam no mínimo acompanhar o trabalho dos professores através dos cadernos dos seus educandos. Porque na verdade o nosso sistema é frágil e tudo pode acontecer.

Pesq. - Quais são as suas conceções sobre a função de PCTP para a promoção do desenvolvimento da prática docente?

E2 – A função do Conselho Técnico é para coordenar os aspetos técnicos pedagógicos da escola e manter uma aproximação com e entre os professores no sentido de harmonizar esforços para o cumprimento dos objetivos educacionais.

Pesq. - Quais são as suas principais obstáculos, dificuldades e limitações no desempenho da função do presidente do conselho técnico pedagógico?

E2 – As dificuldades nunca faltam no desempenho de qualquer função. A medida que o tempo vai passando é assim que vamos defrontando com diversas situações difíceis, mas é da mesma forma que vamos superá-las paulatinamente.

Tive dificuldade no domínio da organização do horário dos professores e dos alunos, no domínio informática e entre outras.

Pesq. - Como tem superado?

E2 – Graças ao meu empenho e dedicação.

Pesq. - A quem recorreu quando sentiu obstáculos, limitações ou dificuldades?

E2 – Foram várias pessoas e em vários momentos, começando pelo diretor da escola, coordenadora da escola, colegas professores e outras pessoas com maior experiência que eu. É bom saber que ninguém supera as suas dificuldades sem que alguém esteja junto dele.

Pesq. - Durante o desempenho desta função, em que momento acha que esteve numa situação de aprendizagem muito significativo?

E2 – Eu acho que ganhei muitas experiências e muita técnica no desempenho desta função. Ainda nestes últimos anos tomei parte em várias reuniões mas sobretudo nas reuniões de comissões de estudo.

Pesq. - Acha que está superando paulatinamente para fazer face aos desafios da escola?

E2 – Acho que sim. Agora posso mesmo sozinho fazer quase todo o trabalho técnico e administrativo da escola. Até porque a própria administradora da escola uma vez me disse que durante estes 2 anos eu tenho superado muito e que ela já está mais confiante que mesmo na sua ausência eu sou capaz de responder às demandas da escola. Isso, creio eu que demonstra uma certa superação e competência da minha parte.

Pesq. - Existe uma preocupação em melhorar as condições de trabalho dos professores e as condições de aprendizagem dos alunos?

E2 – Claro que sim. Só se pode chegar a uma verdadeira aprendizagem se os professores estiverem em condições de executar os seus trabalhos com eficácia. Para isso é preciso que estes sejam criados melhores condições de trabalho para que o processo de ensino e aprendizagem possa concretizar-se. Por estas e outras situações estamos sempre empenhados em melhorar as condições de trabalho dos professores e a aprendizagem dos alunos.

Pesq. - Como avaliam a melhoria da qualidade de trabalho dos professores?

E2 – Fazem sim um trabalho bem organizado. Pelo menos conseguem cumprir os planos traçados nas comissões de estudo. Os professores têm uma boa relação com os alunos, há um clima de estabilidade entre os professores e os alunos. Muito embora não podemos generalizar o caso porque nem todos os professores conseguem manter este relacionamento sã e saudável. Nós sabemos que não somos todos iguais temos as nossas diferenças. Neste caso eu diria que os professores estão se superando bem.

Pesq. - Como avalia a melhoria da qualidade das aprendizagens dos alunos?

E2 – Os nossos alunos sempre apresentam um nível de aprendizagem aceitável. Pode constatar isso a partir dos próprios alunos independentemente dos seus resultados finais mas, também nos seus encontros com outros alunos das outras escolas.

Pesq. - Que avaliação faz da sua escola?

E2 – Apesar das dificuldades, estamos indo pouco bem. Isso porque não conseguimos satisfazer as necessidades dos professores como dos alunos em termos de acesso a materiais didáticos, melhorar condições de trabalho dos professores.

Pesq. - Estamos a chegar a parte final da nossa entrevista, gostaria de perguntar se tem alguma coisa a dizer sobre o seu trabalho, os professores, os alunos, os pais e encarregados da educação, ou sobre a escola?

E2 – A minha preocupação é manter esta progressão no trabalho. Por isso nas nossas comissões de estudo sempre ajudamos uns aos outros, apelamos aos professores para trazerem as suas preocupações, dúvidas neste fórum de diálogo e de ajuda mútua. Porque se a pessoa não apresentar as suas dúvidas não vai poder ser ajudado e continuará a dificultar os alunos nas suas aprendizagens e em consequência isso poderá ter implicações negativas na vida académica do aluno futuramente. O que justifica que só em conjunto com os colegas, com os coordenadores das disciplinas e com o próprio conselho técnico pedagógico poderemos superar e ultrapassar essas dificuldades e consequentemente ajudar os alunos nas suas próprias aprendizagens. E é somente desta que o professor pode superar as suas dificuldades e trabalhar os alunos. Ainda bem que para fazer a escola você deve pôr o aluno na primeira preocupação, é verdade que os pais pagam, fazem muita coisa mas é a escola quem deve pensar em como ajudar as crianças. Não se pode negar que o alvo principal da escola é o aluno e, quando se fala do aluno obviamente está falando da sociedade em geral. Finalmente posso dizer que a escola está num bom caminho, começando com o trabalho dos professores, da direção da escola e dos pais e encarregados da educação.

Mas para finalizar eu diria que, fiquei bastante satisfeito com o seu trabalho. Olha, pode acreditar que um dia este país há de desenvolver, porque pessoas como vocês que conseguem fazer esta tipo de trabalho de certeza que as vossas propostas de melhoria irão surtir efeito. Esta falta do organização vai ser superada começando com o trabalho deste tipo.

Pesq. – Muito obrigado, eu agradeço imensamente e no fundo do meu coração por ter a paciência e disponibilizando o seu tempo para me ajudar neste trabalho, querendo com isso dizer que sem a sua contribuição estaria impossibilitado de fazer este trabalho.

Anexo XII – Transcrição da entrevista realizada com o professor (E3)

TRANSCRIÇÃO DA 3.ª ENTREVISTA

Data da entrevista: dia 17 de Janeiro de 2020 (sexta-feira)

Local da entrevista: Escola

Duração da entrevista: 50 minutos

Pesq. – Boa tarde senhor professor da escola “Complexo Escolar São Francisco de Assis/Antula”, antes de começarmos esta conversa gostaríamos de agradecer por aceitar este nosso convite. Uma vez aceitando esta entrevista, começo por dizer que encontro-me aqui enquanto estudante do Instituto da Educação da Universidade de Lisboa, realizando neste momento o curso de Mestrado em Educação, área de especialização em Supervisão e Orientação da Prática Profissional. Para dizer que a nossa intenção neste trabalho é fazer um estudo com o objetivo de levantar dados que descrevem a realidade vivida neste estabelecimento de ensino, também levantar informações sobre o seu trabalho, as suas experiências, as dificuldades encontradas e provavelmente ouvir as suas propostas de melhoria. O trabalho visa ainda perspetivar medidas viáveis para a melhoria das situações que põem o avanço da escola e da aprendizagem dos alunos. Agradecemos por poder contar com a sua colaboração, uma vez que é um interlocutor privilegiado, pelo que nos poderá fornecer informações preciosas para o desenvolvimento deste trabalho, ainda informamos que é nossa pretensão respeitar o anonimato do conteúdo desta entrevista.

Assim sendo, gostaríamos primeiramente de saber a sua idade?

E3 – Muito obrigado por me conceder esse espaço. Tenho 38 anos de idade.

Pesq. – **Você mora próximo da escola?**

E3 – Moro uns 3 km da escola.

Pesq. - **Desde quando que começou a exercer a profissão docente?**

E3 – Iniciei esta carreira desde ano letivo 2005-2006, um ano depois de ter terminado a minha primeira formação.

Pesq. - **Podia-nos falar um pouco da sua formação académica e experiência profissional?**

E3 – Eu fiz a formação pedagógica na área de biologia/química na Escola Normal Superior Tchico Té. Quando eu terminei a formação fui colocado em Catió, uma região no sul do país.

As experiências vividas nem todas são boas, mas em todo o caso permite alguém redobrar o esforço e fazer melhor. Das experiências boas digo que me permitiu tornar um profissional, conhecendo a sociedade não na sua plenitude mas em termos de comportamento

humano, porque cuidar dos alunos não é nada fácil você é obrigado a inteirar-se com ideias diferentes, opiniões diferentes situações diferentes, emoções às vezes diferentes, então tudo isso nos permite amadurecer como homem e como integrante na sociedade. Como profissional, estas experiências ajudaram bastante, dado que sair na carteira da escola de formação não é suficiente, temos que evoluir, temos que mudar, envolver nas pesquisas, perguntando aos outros que já se amadureceram no trabalho, lendo os livros, aperfeiçoando até no modo de falar, então isso me ajudou bastante em termos profissionais.

Pesq. - Significa que estás a gostar desta profissão?

E3 – Apesar de eu fazer formação na outra área, gosto muito da docência, é uma área nobre, eu gosto muito, embora “não muito valorizada pelos governantes deste país dado aquilo que fazem para com os professores”.

Pesq. – Disseste que fez uma outra formação noutra área que não é na educação?

E3 – Sim, fiz a enfermagem superior ou melhor a licenciatura pela Universidade Lusófona da Guiné no ano letivo 2016.

Pesq. – Tendo a formação em duas áreas diferentes, uma em educação e outra na área sanitária, como consegues fazer um equilíbrio destas duas áreas no seu trabalho?

E3 – Para mim as duas áreas são diferentes mas que se encaixam bem, dado que um auxilia o outro. Por exemplo a área pedagógica que é o professorado nos ajuda em condutas com os nossos pacientes, falar com os nossos pacientes de modo pedagógico nos hospitais é fundamental e acaba por ganhar simpatias dos pacientes, sendo assim, o componente pedagógica me ajuda bastante nos hospitais, mas também a área sanitária me ajuda a transmitir os meus conteúdos da melhor forma aos alunos nas escolas, porque as disciplinas de biologia e química são as disciplinas mais ou menos integrantes das ciências médicas, então transmitindo estes conteúdos com um conhecimento da área medicinal me ajuda a agilizar alguns termos que dificulta os alunos em compreender e assimilar e também levá-los a sonhar em formar-se nestas áreas.

Pesq. – Falando nisso, neste caso qual é a área que te dá mais conforto?

E3 – Não sei dizer qual é a área que dá mais conforto. Se eu pudesse dividir no meio juro que faria, porque não sei escolher qual é a melhor área. Em termos financeiros são diferentes mas em termos da execução da profissão gosto das duas.

Pesq. - Considera importante que as crianças e jovens frequentam a escola? Porquê?

E3 – É importante que as crianças, as pessoas frequentam a escola. Para mim a situação que o país vive deve-se muito a falta da escolarização das pessoas. Se tivéssemos apostado na educação o país não estaríamos a viver nesta extrema pobreza.

Pesq. - Acha que isso tem implicações no desenvolvimento do país?

E3 – Sim, tem implicações no desenvolvimento do país. Como eu disse estas duas áreas são áreas complementares. Porque sem a educação o nível de informação sobre cuidados primários da saúde torna muito fraco, daí então considera-se que o país tem a tendência de ter um alto índice de infecções e patologias, o que condiciona a produção e assim o país não produz tendo alto número de pessoas doentes, infectados até com patologias que poderiam ser

tratadas no país e com menos custos precisam de evacuações, então isso só melhoraria com um investimento nas escolas e na educação. Porque a maior parte das pessoas analfabetos vivem nas zonas rurais, então não sabem como prevenir as doenças mas, se tivessem ido à escola teriam conhecimento básico sobre a forma da prevenção de certas doenças.

Pesq. – Professor, eu percebo que tens lançado um desafio para consigo mesmo, isto porque duas áreas que consideramos de serem mais complicadas e que de facto na nossa realidade são áreas com pouca intervenção pelo estado, e que ao meu ver deveriam ser áreas de maior cuidados e de mais intervenção. Com toda esta situação consegue responder expectativas das pessoas nestas duas áreas?

E3 – Percebo mesmo este desafio, sei que é difícil mas acho que como eu disse são áreas complementares, significa que sem a saúde não se pode fazer investimentos na educação e sem a educação seria ridículo falar da saúde. Neste caso acho que para melhor dar a minha contribuição é fazer as duas áreas.

Pesq. - Acha que esta escola consegue responder às necessidades da comunidade no que diz respeito ao acesso à escola?

E3 – Tendo em consideração que as escolas públicas não estão a funcionar, o que leva automaticamente as escolas de autogestão, escolas privadas a ficarem cada vez mais superlotadas. A escola tem um espaço pequeno, tem salas pequenas mas mesmo assim recebe os alunos às vezes demasiado.

Pesq. - Qual é a sua preocupação com todos estes alunos?

E3 – Dada esta situação, tenho grande número dos alunos. Mas a preocupação é como de sempre, quem exerce a profissão com amor a preocupação é sempre ver os alunos como os seus discípulos o melhor que ele para responder o futuro do país e da sociedade, até porque quer queiramos quer não aqueles alunos são futuros quadros da Guiné. Quando trabalhas com alunos sem pensar que tem efeitos adversos não vai trabalhar bem. E é desta forma que eu trabalho com essas crianças porque são futuros dirigentes deste país e eu sou condenado a viver aqui neste país enquanto não morrer, então estas pessoas serão amanhã os meus dirigentes daí tenho que fazer o máximo que puder para depois exigir e não passar o tempo a reclamar da falta de competência. Eu me preocupo com o aprendizado destes alunos fazendo deles os melhores. Mas o problema que se põe aqui são as condições de trabalho que dificulta mais no exercício desta função.

Pesq. – Dada esta sua preocupação com os seus alunos, o que acha que os alunos devem aprender na sua disciplina?

E3 – Esta parte do que achar que os alunos devem aprender depende de nível para nível. Por exemplo do nível do oitavo ano a prioridade é de levar os alunos a compreenderem a interpretação da tabela periódica porque é a base para o estudo da química, já para o 9.º ano os alunos devem conhecer as regras de acerto das equações, para o 10.º ano já continuando com isso aperfeiçoando as regras de acerto das equações e devem prosseguir com o desenvolvimento da tabela periódica. Nós chamamos isso de dissociação eletrolítica, para o nível de 11.º ano é mais para o componente orgânico os alunos devem conhecer mais ou menos os componentes da substância orgânica, finalmente no nível de 12.º ano cá na Guiné-

Bissau não temos um programa específico para o 12.º ano mas, adapta-se o programa do 10.º ano e um pouco do 9.º ano então isso também é mais ou menos para realizarmos aquilo que já tinham visto nos níveis anteriores.

Pesq. - Para promover a aprendizagem em cada conteúdo tem elaborado uma atividade que conduz o aluno à uma percepção fácil?

E3 – Sim, tenho promovido diferentes atividades, para os níveis de 8.º e 9.º ano é mais desafio interativo entre eles sobre a matéria como se fosse um desafio de tabuada, eu chamo nome de um elemento químico a pessoa escreve no quadro ou eu escrevo no quadro e alguém chama o nome ou ainda entre os alunos, um aluno escreve desafiando o outro.

Pesq. - Acha que estas atividades vão de acordo com as necessidades de aprendizagem dos alunos? Os alunos sentem confortados com estas atividades e, acha que isso tem ajudado os alunos?

E3 – Percebo que sentem confortáveis e que isto tem ajudado bastante. Embora é preciso aceitar que os alunos sempre apresentam níveis de aprendizagem diferentes tendo em consideração a capacidade cognitiva de cada ser humano.

Pesq. - Como consegue perceber que todos os alunos estão ou não envolvidos na aprendizagem das atividades promovidas?

E3 – Nem sempre isso é fácil de se perceber dada a quantidade dos alunos na sala mas, pela experiência minha neste trabalho consigo perceber se todos estão aprendendo ou não uma determinada matéria através das diferentes estratégias implementadas na aula.

Pesq. - Quais são as atividades que os alunos realizam com mais frequência nas suas aulas?

E3 – Não tenho uma atividade especifica para aplicar diariamente nas minhas aulas. Tudo depende da planificação da aula e dos objetivos da aprendizagem. Cada aula tem o seu objetivo e que condiciona o uso de uma determinada estratégia, o que significa que é preciso definir o foco de cada nível, se os objetivos justificarem a implementação da estratégia interativa é aplicada. Se for os níveis de 11.º e 12.º tem que ser uma espécie de debate entre o professor-alunos e entre aluno-aluno, se for conteúdo cujo método justifica as atividades individuais, também aplicamos.

Pesq. - Pensa que estas atividades contribuem para a aprendizagem dos alunos?

E3 – De certeza que sim.

Pesq. - Como organiza os seus alunos na turma para aprenderem com mais facilidade?

E3 – A organização da turma depende do conteúdo a ser tratado na aula e dos objetivos traçados.

Pesq. - Consegue organizar os alunos em pares ou em pequenos e grandes grupos para realização de diferentes tarefas? Porquê?

E3 – As salas de aula não dá para formar os alunos em pares e em grupo tendo em conta o número dos alunos matriculados trabalho mais de forma individual.

Pesq. - Sendo assim será que os alunos conseguem caminhar todos juntos para uma aprendizagem sólida?

E3 – Todos não. Nem todos conseguem. Por isso o professor deve ser inteligente deixar aqueles alunos que nas primeiras avaliações mostraram alto nível de aprendizagem e assimilação rápida, preocupar-se com os que apresentam nível fraco de assimilação e submetê-los diferentes exercícios que possam conduzi-los a superação das suas dificuldades.

Pesq. - Como você consegue descobrir que um aluno tem uma fraca aprendizagem numa determinada matéria?

E3 – Já com muitos anos neste trabalho mesmo sem fazer as avaliações formativas nota-se. Nota-se através da expressão facial do aluno, através das interações, nota-se também às vezes quando nós pedimos aos alunos para se escreverem, estes alunos nem sempre escrevem, ficam aguardando para se emprestar cadernos dos colegas ou finjam que estão a escrever.

Pesq. - Que método/estratégia de ensino usa com os seus alunos?

E3 – São vários métodos aplicados dependendo dos objetivos de cada aula. Pode ser método ativo, inerrogativo, expositivo assim que a aula justificar. Muito embora que na minha disciplina é mais a prática e que assim sollicita automaticamente mais ação.

Pesq. - Que método/estratégia adota para os alunos com dificuldades de aprendizam na sua disciplina?

E3 – Embora que é difícil mas primeiro é tentar descobrir de que proveniência familiar é o aluno, porque o fraco rendimento muitas vezes pode estar ligado ao acompanhamento do aluno em casa através dos pais, outro condicionalismo são as habilidades dos professores nas escolas por onde sai o aluno. As escolas na Guiné se conhecem pela qualidade do ensino que se está oferecendo, mas acima de tudo o aluno precisa ser reforçado em termos do aconselhamento em encontros dentro e fora da sala de aula relativamente ao seu estudo, neste caso nas minhas aulas o aconselhamento é permanente e tem sido um reforço constante aos alunos, encorajando-os para que adquiram a autoestima, confiar em si mesmo e perceber que nada é impossível na vida, o importante é dedicar-se e enfrentar os desafios.

Pesq. - Existe uma preocupação permanente em cada aula com a aprendizagem dos alunos?

E3 – Claro que sim. Tem sido a minha preocupação em todas as turmas e em todas as aulas e com todos meus alunos aqui e em qualquer lugar. Todos os alunos podem superar as suas dificuldades mas há aqueles que sentem que são incapazes de se superarem. Sendo percebido desta forma o professor tem que proporcionar diferentes tarefas quer na escola, quer em casa e incentivá-lo constantemente para poder melhorar.

Pesq. - Eu gostaria de saber se alguma vez tem recebido apoio por parte dos inspetores/supervisores durante os anos que tem exercido esta profissão?

E3 – Na verdade recebi pouco apoio dos inspetores/supervisores. Passei vários anos sem que alguém me acompanhasse neste trabalho. Mas no ano passado e neste ano tive alguns

acompanhamentos pedagógicos que culminou com algumas orientações sobre o meu trabalho.

Pesq. – Como é feito este acompanhamento pela equipa de inspetores/supervisores?

E3 – Primeiro supervisiona as nossas aulas e depois mantemos uma conversa aberta e honesta sobre o trabalho, enfim, dão alguns conselhos sobre como melhorar as nossas atividades dentro da sala de aula com os nossos alunos.

Pesq. - Quantas vezes beneficiou deste apoio?

E3 – No ano passado beneficiei três vezes e neste ano ainda beneficiei uma vez e já estamos no segundo trimestre.

Pesq. - Como avalia o trabalho dos inspetores/supervisores no desenvolvimento profissional e pessoal do seu trabalho?

E3 – Olha, fizeste uma boa pergunta. Isso não só em termos profissionais mas em termos pessoais também ajuda a agilizar o trabalho com alunos dentro da sala de aula. Dos encontros que tivemos, foi realmente muito bom. Isso me ajudou bastante no meu trabalho com os alunos dentro da sala de aula. Eu preciso desse apoio enquanto professor e enquanto profissional, parece até que é um direito que não tenho beneficiado. Eu não sei qual é a calendarização do serviço da inspeção mas se pudesse ser minimamente duas vezes por mês melhor ainda, porque da primeira vez que passaram aqui debatemos muito sobre a planificação e estratégias da aula, daí algumas lacunas que faltavam na minha planificação e algumas coisas estavam lá que não deveriam estar e que eu não tinha percebido na altura tornaram mais claro, eu gostei bastante.

Pesq. - Acha que o trabalho dos inspetores/supervisores pode contribuir para uma melhoria nas atividades da escola, dos professores e na aprendizagem dos alunos?

E3 – Todos precisamos de vez em quando sermos "empurados" pelas costas. Com serviços eficientes dos inspetores/supervisores, a escola regula o número dos alunos por sala, aranja e adequa os materiais didáticos por nível e disciplina; os professores vão aperfeiçoando cada vez mais a manipulação e domínio dos manuais, serão mais objetivos e promotores de inclusão; os alunos terão mais ambiente de aprendizagem quer dentro e fora da sala.

Pesq. - Quais, no seu entender, são os contributos da supervisão pedagógica para o ensino?

E3 – Uma supervisão pedagógica eficiente leva e disponibiliza mais ferramentas, confere mais estratégias quer à escola quer ao professor, para a criação de um ambiente de aprendizagem mais favorável e promove encontros de capacitação na matéria pedagógica.

Pesq. - Acha que a supervisão pedagógica pode contribuir para a melhoria e eficácia do sistema educativo? Como?

E3 – Claro que sim. Através da supervisão é possível promover encontros de capacitação no domínio pedagógico aos professores, permitindo estes adequarem os objetivos dos conteúdos, tornando-os mais eficaz na assimilação e na sua transmissão aos alunos.

Pesq. - O que acha que os supervisores devem fazer para dinamizar o trabalho dos professores?

E3 – Creio que devem ser proativos, intrangigentes nas correções, educativos, flexíveis e inovadores.

Pesq. Considera suficiente a intervenção dos supervisores no seu trabalho?

E3 – Como eu disse, recebi poucas vezes a orientação de um supervisor no meu trabalho, de modo que considero ser muito insuficiente, já que não consigo beneficiar regularmente.

Pesq. - Que impactos a supervisão pedagógica pode ter na aprendizagem do aluno?

E3 – Se considerarmos que é o supervisor quem mantém uma estreita ligação com o trabalho do professor, acompanhando, apoiando e orientando-o para uma atuação melhor dentro da sala de aula, podemos perceber que a sua atuação é determinante para a aprendizagem do aluno. Porque se assim for, o professor vai melhorar a sua atuação e, em consequência os alunos estarão aprendendo com mais facilidade e de forma mais sólida.

Pesq. - Que avaliação faz do trabalho dos supervisores?

E3 – De poucas vezes que estivemos juntos nas minhas aulas, considero ser muito bom e com impactos positivo imediatos no trabalho.

Pesq. - Durante o seu trabalho com os alunos dentro da sala de aula consegue registrar os seus progressos e as dificuldades?

E3 – Costumo registrar, até porque criei uma ficha onde se pode registrar várias dinâmicas, evolução progressiva ou não dos alunos. Chama-se uma grelha de observação diária aplicada em cada aula. Se o aluno participar quer de forma correta ou errada tem a sua coluna para preencher, não só como assiduidade, higiene as perturbações durante a aula, tudo tem um espaço de registro, e eu considero estes registros como notas para chamadas orais, sendo assim, cada um tenta esforçar-se, mas sobretudo na participação das aulas, porque quem tiver participações positivas durante cada mês classificamos de bom.

Pesq. - Como consegue trabalhar com todos os alunos aplicando esta ficha?

E3 – Em termos da grelha consigo trabalhar com todos esses alunos porque é por tempo mas em termos de avaliação classificatória é bastante complicado para se aplicar, acaba por ser uma avaliação praticamente subjetiva. Imagine só os alunos sentando 3 a 3 numa carteira pequena, não podemos ter uma avaliação objetiva. Porque às vezes o professor engana-se pelos resultados achando que está ensinando bem e que os alunos assimilaram, mas pode ser que não, pode ser que copiaram uns nos outros, com os resultados obtidos também os alunos autoenganam-se que são bons e estudam muito pouco, tendo isso percebe-se que isso não ajuda tanto os alunos como o próprio professor, e se o professor tivesse de mudar de método ou estratégia não vai mudar porque sempre vai achar que está trabalhando bem uma vez que os alunos estão tendo boas notas. Se os alunos estivessem em número reduzido dentro da sala de aula isso permitiria que o professor fizesse uma avaliação mais credível e a auto-avaliação do seu próprio trabalho e assim, estará em condições de se corrigir melhor.

Pesq. - Como avalia o rendimento escolar dos seus alunos?

E3 – Em termos do curso complementar 10.º, 11.º e 12.º ano não são realmente bons para dizer a verdade, mas vamos ver nesse segundo trimestre se a escala vai melhorar, os alunos

do 9.º ano tem duas turmas do bom nível mas, tem 3 turmas que precisam de um auxílio constante, no nível no oitavo ano tem um equilíbrio isto porque tem alunos bons e tem alunos que precisam também de apoio.

Pesq. - Como planeia e avalia a sua atividade como professor?

E3 – Os conteúdos selecionados são extraídos no plano curricular nacional. Toda a minha planificação é feita a partir dos encontros na comissão de estudo que regularmente realizamos em cada início do mês. Sabe-se que a planificação da aula parece uma folha apenas mas não. Apesar de se saber o que se vai escrever no plano e trabalhar durante a aula exige muito mais. Ainda alguns professores perguntam porque planificar se bem que sou eu mesmo a executar? Mas às vezes na decorrência da execução, você pode esquecer e deixar escapar alguns pormenores que são indispensáveis para o processo de aprendizagem dentro da sala de aula, daí percebe-se que tendo o plano você se orienta da melhor maneira evitando certas inconveniências. É na base desta planificação diária que conseguimos avaliar o nosso trabalho se está indo bem ou não. Assim sendo, eu posso dizer que faço o meu trabalho na medida do possível para que seja um bom trabalho e com resultados positivos para a aprendizagem dos alunos.

Pesq. - Como faz o registo do seu trabalho e dos progressos dos alunos?

E3 – O meu trabalho só está registrado nas planificações e cadernos do apontamentos. Sobre os progressos dos alunos, faço-os através das avaliações realizadas em cada encontro.

Pesq. - Que critérios tem adotado para compreender isso?

E3 – Os critérios adotados para compreender tais registros são as autoavaliações e avaliações.

Pesq. - O senhor trabalha que nível de ensino?

E3 – Trabalho com níveis de 8.º, 9.º, 10.º, 11.º e 12.º ano.

Pesq. - Praticamente trabalha com todos os níveis do liceu com exceção no sétimo ano?

E3 – Sim, trabalho quase com todos os níveis de ensino.

Pesq. - Qual é o seu horário de trabalho semanal?

E3 – Eu trabalho no período da tarde mas são 5 horas diária e 25 por semana, não tenho nenhuma folga no meu horário durante a semana.

Pesq. - Vocês trabalham aqui durante quantos meses do ano?

E3 – Trabalhamos aqui 10 meses por ano.

Pesq. - Quantas turmas tem? E quantos alunos tem em cada turma e no total?

E3 – Nos níveis complementares são média de 47 alunos por turma, nos níveis do 8.º e 9.º ano de 30 alunos por turma, se somarmos 5 turmas do 9.º ano três turmas do 10.º ano, turmas do 8.º ano, teremos uma média acima de 341 alunos.

Pesq. - Depois da sua última formação, recebeu uma outra formação contínua? Se sim, que instituição promoveu: A sua escola ou o Estado?

E3 – Depois da minha primeira formação na área pedagógica, a não ser o curso de aperfeiçoamento da língua portuguesa dirigida pela FEC e do curso de licenciatura na área da saúde. Não tenho beneficiado nem de um seminário por parte do ministério quando deviam dar, como eu havia dito que é um direito para os professores.

Pesq. - A direção da escola não tem oferecido com frequência formação para os professores?

E3 – Este ano propuseram uma espécie de reciclagem aos professores no domínio da planificação durante uma semana, mas aquele modelo de plano de aula praticamente não está bem enquadrado até porque os inspetores rejeitaram o modelo trazido para aquela reciclagem dado que não se enquadra, então ficamos durante aquela semana sem aprender nada, porque não recebemos nada de novo e que pode mudar a nossa prática profissional.

Pesq. - Durante quantos anos não tem recebido uma formação por parte da escola?

E3 – Foram muitos anos sem formação, salvo erro que fizeram depois de eu ter saído para trabalhar em missão de serviço por dois anos, sei lá se fizeram na minha ausência, mas durante os anos que trabalho aqui esta é a segunda vez, a primeira vez foi em 2009 onde tivemos a presença dos inspetores que também decorreu durante uma semana.

Pesq. - O que é que está na origem desta situação, em que nem a direção da escola nem o Ministério da Educação conseguem promover minimamente reciclagens aos professores?

E3 – Penso que tanto o ministério como a escola eles acham que é um desperdício, gastar dinheiro para pagar formadores e aquele subsídio para os professores, devo dizer que não pensam na capacitação dos seus recursos humanos que são promotores da própria receita. Sendo assim, os professores acabam por se remeter em silêncio total cada um autoformando-se de acordo com o seu esforço através das pesquisas e dos manuais que estiver no seu alcance.

Pesq. - Senhor está interessado numa formação no domínio pedagógico para superar as suas dificuldades e melhorar o seu trabalho enquanto profissional da educação, apesar de ter a formação na área pedagógica e uma outra formação na área de saúde?

E3 – A formação nunca é demais, sempre precisamos de mais formação, além de mais o mundo está em constante evolução vem coisas novas a que sempre precisamos compreender para podermos atuar da melhor maneira, neste caso eu preciso de muita formação.

Pesq. - Em que área pretende formar-se?

E3 – Enquanto professor, de preferência na área pedagógica.

Pesq. - Como avalia a sua relação com os alunos, com os colegas professores e com a direção da escola?

E3 – Com os professores é aquele espírito dos guineenses sempre a solidariedade também quem tiver mais domínio é só aproximar e aproveitar mais conhecimento para poder trabalhar melhor. Com os alunos tenho tido uma relação muito amigável porque a primeira coisa que o

professor tem que fazer é fazer do aluno um amigo porque isso facilita até no bom funcionamento da aula, quando o aluno perceber e sentir que o professor lhe trata como um amigo e como um pai não tem a forma de não gostar da disciplina por mais que tiver dificuldades tentará esforçar-se para superar as suas dificuldades. Enquanto à direção da escola temos sempre uma boa relação mas que às vezes é afetada pela marcação das faltas aos professores logo no primeiro tempo, as mudanças que às vezes são efetuadas no calendário escolar referente a publicação dos resultados, a exigência do aumento do subsídio aos professores questões de planificação das aulas, questões de reciclagens aos professores são sérias de situações que às vezes acabam por comprometer a nossa relação.

Pesq. - O que faz para gerar um bom clima relacional na escola?

E3 – Nada de especial que não seja fazer o que é preciso e que é certo para a escola e as pessoas com as quais partilhamos o mesmo espaço.

Pesq. - Acha que as salas de aula, espaços recreio, sala dos professores, são suficientes para as pessoas que aqui frequentam?

E3 – Falando da sala dos professores que é uma sala tão pequena, se estivermos no intervalo de 15 minutos ficamos todos desconfortados não só pelo tamanho da sala mas, também pela insuficiência das cadeiras para os professores, o recinto escolar também é a mesma coisa, tendo em consideração o número dos alunos inscritos na escola já não vamos falar das salas de aulas que são praticamente pequenas e superlotadas, alguns alunos não conseguem resistir estando dentro da sala e quando é assim poucos são os que prestam atenção nas aulas.

Pesq. – Quer dizer que a sala de professores é desconfortável para preparação da aula e encontros de pequenos acertos com colegas professores?

E3 – Muito descontável mesmo. Uma sala com aquela dimensão não deveria ser para os professores, pessoas que vão ensinar.

Pesq. - Tem materiais didáticos (papel, lápis, canetas, manuais, livros...) suficientes para trabalhar com os alunos?

E3 – Tenho alguns, mas que não é suficiente. Dado que a própria escola não tem nem a biblioteca enquanto mais um laboratório.

Pesq. - Como você consegue materiais didáticos para fazer o seu trabalho?

E3 – Todos os materiais didáticos que eu disponho para o meu trabalho é a partir da minha própria iniciativa, a partir do meu próprio custo, eu faço pesquisas baixando vídeos de aulas, imagens no meu telefone para me ajudar a aperfeiçoar melhor e também ajudar os alunos na compreensão dos conteúdos deixando-lhes mais lúcidos, sobretudo quando estamos a tratar de alguns conteúdos que são tão difíceis de compreender só com a parte teórica e que não são compatíveis com a nossa realidade, como sabes que de vez em quando o professor tem que se inovar.

Pesq. - Em relação aos materiais e recursos educativos, o que gostaria de ter para facilitar o seu trabalho?

E3 – Neste século a primeira coisa que é preciso ter na escola e que acho que é um imperativo mesmo é uma biblioteca e um laboratório para os professores e os alunos. A ciência não se controla com simples palavras dos professores dentro de quatro paredes. É preciso muito mais que isso. Precisamos de materiais didáticos para exercer com mais facilidade a nossa profissão, isto é, levar os alunos a compreenderem integralmente a matéria, neste caso retroprojetores, a internet para facilitar nas pesquisas e facilitar os professores e os alunos a partilharem os conteúdos.

Pesq. - Tem a preocupação de gerar igualdade de oportunidades entre os seus alunos dentro da sala de aula?

E3 – Tudo faço para evitar que os alunos notem que estou diferenciando-lhes.

Pesq. - Mesmo estas diferenças culturais, religiosas, étnicas e linguísticas não são vistas durante o seu trabalho com os alunos?

E3 – Olha, a ciência é que nos diferencia em termos de conhecimento em diferentes áreas, mas estas diferenças raciais étnicas para mim não tem lugar sobretudo dentro da escola, porque enfim o que nós queremos é a competência, quem tiver a competência é que merece, embora temos que dar oportunidade a todos criando condições para que todos possam avançar, então quando é assim você não tem que diferenciar.

Pesq. - Seguindo a linha da tua resposta quer dizer que a escola é um espaço ideal para promover a igualdade entre as pessoas?

E3 – Para mim é um espaço perfeito, não vejo um outro espaço igual e muito menos melhor. Por isso deve ser um espaço para promover esta igualdade entre as pessoas, através da realização de palestras, encontros, atividades e deve ser sempre imparcial em todas as medidas e em todas as atividades que se vai realizar dentro e fora da sala de aula com os seus alunos. Ainda bem que o professor é um espelho para desencorajar estes comportamentos no seio das pessoas.

Pesq. - Como faz para assegurar a participação dos pais e encarregados de educação na aprendizagem dos seus educandos? Se sim que atividades desenvolve? Se não porquê?

E3 – Sobre isso, eu dou tarefas de casa, faço a retenção do resultado das avaliações para entregar aos próprios pais e encarregados, como forma de manter um diálogo para reportar o evoluir ou não do seu educando. É desta forma que faço para assegurar a participação dos pais e encarregados da educação na aprendizagem dos alunos.

Pesq. - Como avalia a sua relação com os pais e encarregados de educação?

E3 – Digo que temos uma relação ótima.

Pesq. – Tem uma preocupação com a qualidade do que os alunos aprendem aqui na escola, sobretudo nas suas aulas? Se sim, de que forma? Se não, o que acha que podia fazer para melhorar?

E3 – Tenho preocupado sempre por qualidade de aprendizagem dos meus alunos, dado que o ministério da educação e a escola ao longo dos anos, não têm afetado equipamentos laboratoriais de iniciação às disciplinas de Química, Física e Biologia como forma de ajudar os

alunos nas suas experiências laboratoriais. Considerando que as horas letivas não são suficientes para a execução dos conteúdos destas disciplinas, ainda que a maioria significativa dos alunos, independentemente de desconhecerem, não têm acesso a internet.

Pesq. - Pretende que seja avaliado de vez em quando no exercício da sua função? E acha que avaliação pode ser um instrumento útil para o seu desenvolvimento profissional e pessoal?

E3 – Isso é muito importante. Ainda bem que nós não conseguimos ver a nós mesmo. Sendo assim, só conseguimos ver os outros, nesta lógica de ideia é preciso que os outros também nos olhem, às vezes tem coisas que julgamos que está bem em nós pela aparência, só o outro consegue decifrar. Querendo dizer que a questão de avaliação é muito importante para o nosso desenvolvimento profissional sobretudo neste campo da educação.

Pesq. - Que avaliação faz da sua escola?

E3 – Eu qualifico a minha escola como de nível razoável, dado que tem muitas carências e consequentemente muito ainda para fazer.

Pesq. - Estamos a chegar na reta final da nossa entrevista, enquanto professor pertencente a esta escola, qual é a sua preocupação face aos alunos, aos colegas professores, aos pais e a própria direção da escola?

E3 – Face aos alunos o primeiro é esforçar-se muito para superar as dificuldades ao longo do percurso estudantil. Até porque o estudo não é nada fácil é um caminho longo e difícil pelo que exige de nós um esforço constante e permanente. Aos colegas professores, a minha preocupação é que cada um continua a esforçar-se sem no entanto desistir-se, ainda bem que é uma profissão nobre, devemos ter sempre amor e a dedicação nesta profissão transmitindo, facilitando, orientando e ensinando aquilo que sabemos aos outros, formando novas sociedades, novas ideologias para o desenvolvimento social.

Pesq. - Tem alguma coisa que pretende reforçar que não te perguntei?

E3 – Uma coisa é a questão das avaliações dos alunos aqui na escola o melhor avaliação final que os professores fazem, sabendo que os professores são os que conhecem os seus próprios alunos sabem os que podem ou não transitar um nível para o outro nível, não querendo nunca prejudicar o aluno mas se calhar sempre prepará-lo para o seu próprio futuro, do país e em geral para servir a própria sociedade da melhor maneira possível. Neste caso alguns alunos supostamente reprovados nas diferentes disciplinas nas avaliações realizadas pelos professores durante o ano letivo acabam por se inscreverem no nível seguinte dados neste caso por alunos aprovados. Esta situação tem causado um clima de desconfiança entre os professores e a direção da escola. Este é um comportamento que tem desacreditado a todo o trabalho do professor e a própria escola e todos que estão afetos a este estabelecimento de ensino. Se punhemos que os pais passam vir a saber e creio que alguns já sabem mesmo que a transição de classe é assim tão banalizada alguns de certeza optarão por retirar os seus educandos desta escola, não só como também mesmo entre os alunos que acabam por ficar desencorajados da própria escola, infelizmente a direção não vê esta parte, ainda bem que esta parte pelo que eu entendo é o coração da própria escola.

Pesq. - E qual é a sua proposta face esta situação?

E3 – Para mim seria importante que a direção da escola criasse um ficheiro eletrónico codificado onde só o professor da disciplina terá direito e a possibilidade de abrir essa nota já para o final do ano letivo não se pode alterar a nota de ninguém, porque cada um estará controlando a sua nota, quer o professor como a direção da escola, penso que isso poderia ajudar bastante no controle dessa situação.

Pesq. - Muito obrigado professor por aceitar participar neste trabalho como forma de ajudar na obtenção de dados credíveis para elaboração do trabalho final do curso.

Anexo XIII - Transcrição da entrevista realizada com o professor (E4)

TRANSCRIÇÃO DA 4.^a ENTREVISTA

Data da entrevista: dia 05 de Janeiro de 2020 (Domingo)

Local da entrevista: Escola

Duração da entrevista: 49 minutos

Pesq. – Boa tarde senhor professor da escola “Complexo Escolar São Francisco de Assis/Antula”, antes de começarmos esta conversa gostaríamos de agradecer por aceitar este nosso convite. Uma vez aceitando esta entrevista, começo por dizer que encontro-me aqui enquanto estudante do Instituto da Educação da Universidade de Lisboa, realizando neste momento o curso de Mestrado em Educação, área de especialização em Supervisão e Orientação da Prática Profissional. Para dizer que a nossa intenção neste trabalho é fazer um estudo com o objetivo de levantar dados que descrevem a realidade vivida neste estabelecimento de ensino como também perspetivar medidas viáveis para a melhoria das situações que põem o avanço da escola e da aprendizagem dos alunos. Agradecemos por poder contar com a sua colaboração, uma vez que é um interlocutor privilegiado, pelo que nos poderá fornecer informações preciosas para o desenvolvimento deste trabalho, ainda informamos que é nossa pretensão respeitar o anonimato do conteúdo das entrevistas.

Assim sendo, gostaríamos primeiramente de saber qual é a sua idade?

E4 – Muito obrigado, antes de iniciar para dar respostas as suas questões, gostaria de agradecer por me ter selecionado para fazer parte do seu trabalho. Tenho 40 anos de idade.

Pesq. - Moras próximo da escola?

E4 – Moro mais ou menos perto da escola, devo dizer uns 5 a 7 minutos para a escola.

Pesq. - Desde quando é que começou a desempenhar a função de professor aqui nesta escola?

E4 – Comecei a trabalhar como professor no ano letivo 2008 quando eu ainda estava no segundo ano da formação pedagógica.

Pesq. - Fizeste a formação em que escola e em que área?

E4 – Fiz a licenciatura em língua portuguesa no Instituto Camões.

Pesq. – Podia-nos falar um pouco da sua formação académica e experiência profissional?

E4 – Eu fiz a licenciatura em língua portuguesa no Instituto Camões. Fui colocado nesta escola desde ano letivo de 2009. Sou professor e coordenador da disciplina da língua portuguesa. Neste momento desempenho as funções de presidente do conselho técnico pedagógico numa escola privada, onde eu havia lecionado há vários anos.

Pesq. - Considera importante que as crianças, jovem frequentam a escola, acha que é importante?

E4 – Se eu não disser que é importante não sei o que posso dizer que é importante.

Porque a escola é a base de tudo que nós fazemos. É o início de tudo que fazemos.

Pesq. - E neste sentido acha que a vossa escola consegue responder às necessidades dos alunos?

E4 – Trabalhamos para isso, embora não posso confirmar que damos a 100% estas respostas, estamos a lutar para isso e estamos a trabalhar cada dia para tentar melhorar cada vez mais. A dificuldade em responder todas as necessidades dos alunos é devido algumas situações que aqui não podemos alencar todas.

Pesq. - Qual é a sua preocupação com os seus alunos, ou o que é que acha que é muito mais importante no seu trabalho para com os seus alunos?

E4 – O que me preocupa é fazer os alunos serem autónomos para não estarem a depender-se somente do professor, estou a lutar para isso, embora não consigo com todos mas, com alguns consigo.

Pesq. - Disse que pretende que os alunos sejam autónomas. Autónomos em que sentido?

E4 – Quer dizer fazer o aluno ser autónomo isto é, depender de si próprio, estudar para não estar a depender somente daquilo que o professor vai lhe ensinar dentro da sala de aula. Porque se formos ver nas escolas os alunos ficam muito apegados e limitados somente naquilo que o professor lhes dão, daí que a minha preocupação é fazer o aluno aprender a aprender, aprender da sua conta própria, aprender a fazer, esta é a minha preocupação.

Pesq. - E como professor no coletivo, qual é a sua preocupação?

E4 – No coletivo a minha preocupação é tentar sempre organizar e seguir a linha da programação do ministério da educação nacional, mas o mais importante neste programa não é só o cumprimento dos conteúdos mas ir ao encontro dos alunos que temos, atender as suas preocupações, ajudá-los a superarem as suas limitações, se conseguirmos isso é importante. Então, com os professores quando planificamos as nossas atividades na comissão de estudo tentamos organizar para fazer o nosso trabalho de melhor forma.

Pesq. - O que acha que os alunos devem aprender na sua disciplina?

E4 – Na disciplina que eu leciono, neste caso concreto a disciplina da língua portuguesa o mais importante para mim é saber falar ler e acima de tudo interpretar o que se vai ler. Compreender o que se lê neste caso a interpretação, isso é muito importante porque não vale a pena somente saber ler e escrever sem saber compreender o que se lê, ou não perceber a mensagem, não faz sentido nenhum, o mais importante é a compreensão.

Pesq. - Que tipo de atividades são promovidas para facilitar os alunos neste sentido?

E4 – Trabalhamos a exploração dos textos, fazemos mais a interpretação dos textos, e estes textos podem ser textos narrativos ou textos poéticos, isso leva o aluno a esforçar-se ainda mais. Mas sobretudo os textos poéticos, eu trabalho com isso.

Pesq. - Consegue trabalhar com os seus alunos dentro e fora das salas de aula?

E4 – Trabalho sim, e muito à vontade consigo trabalhar dentro e fora das salas de aula. Porque com os alunos trabalhamos sempre nos momentos de recreio ou então nos momentos extra escolares.

Pesq. - E considera que estas atividades que organiza na sala e fora dela dão resposta às necessidades dos alunos?

E4 – Claro que vai ao encontro da aprendizagem dos alunos e creio que isso tem ajudado muito mesmo.

Pesq. - Acha suficiente para os alunos?

E4 – Não considero suficiente mas ajuda muito. Porque se formos ver a lotação dos alunos na sala de aula, dá para perceber que seja como for é difícil fazer um trabalho em perfeitas condições. Temos muitos alunos dentro das salas de aula de maneira que um professor por mais que queira trabalhar não pode fazer milagres para atender todos os alunos dentro da sala de aula, é muito difícil mas fazemos o máximo.

Como sabemos, tem alunos que aprendem de forma rápida e tem aqueles que demoram para se aprenderem, de modo que mesmo querendo trabalhar estes aspectos indo ao encontro dos problemas individuais de década um deles, seria isto extremamente difícil dado o número dos alunos dentro da sala de aula.

Pesq. – Sendo assim, como consegue perceber que todos os alunos estão ou não envolvidos na aprendizagem das atividades promovidas?

E4 – Consigo perceber com grande facilidade se todos estão envolvidos ou não na aula.

Porque usando o método interativo o professor consegue saber o nível de aprendizagem dos seus alunos, com os trabalhos práticos, exercícios no quadro, a comunicação torna mais fácil para saber o nível dos alunos.

Pesq. - Quando detectar essas dificuldades, que estratégias adota para superá-las?

E4 – Manda-los ao quadro para fazer diferentes tarefas, fazer exercícios similares, dar exercícios de casa, entre várias outras atividades que possam facilitar este aluno.

Pesq. - Enquanto professor da língua portuguesa, acha que na sua disciplina os alunos conseguem ter mais êxitos em relação às outras disciplinas, como a matemática, a física, a química, a biologia e entre outras disciplinas com mais prática e que os alunos como alguns professores consideram de serem difíceis?

E4 – Eu diria que sim. Porque você depara isso sobretudo quando os alunos estão no período da realização das provas. Sabe que é neste período que os alunos ficam mais concentrados e preocupados com a leitura da matéria. Vê-se pouca preocupação em relação a disciplina da língua portuguesa. Pode ser que isso acontece por duas razões: primeiro, por apresentarem sempre as suas preocupações durante as aulas e dedicarem tanto para aprenderem, o segundo por manterem um contato frequentemente com a língua portuguesa e por isso estão mais familiarizados com ela. Creio que é por isso que ficam mais à vontade como se fosse uma disciplina mais fácil em que não é preciso um grande esforço. Muito embora esta facilidade não é vista na prática em todos os alunos. É verdade que a língua portuguesa é a base da aprendizagem do aluno no nosso país. Isto é, quem tem domínio da língua portuguesa terá mais facilidade de compreender todas as outras disciplinas.

Pesq. - E neste caso, no coletivo da língua portuguesa vocês têm promovido a língua portuguesa para que seja uma língua de comunicação frequente entre os alunos dentro e fora do recinto escolar?

E4 – Tem sido sempre a nossa preocupação muito embora nem sempre por falta de colaboração de alguns professores.

Pesq. - Que língua é que os alunos falam com mais frequência no recinto escolar?

E4 – Os alunos falam a língua crioula com mais frequência em relação a língua portuguesa, muito embora são proibidos de comunicarem em língua crioula dentro do recinto escolar mas,

dentro da sala de aula eles só falam a língua portuguesa.

Pesq. - Enquanto professor da disciplina da língua portuguesa o que tem feito para diminuir o uso da língua crioula entre os alunos no recinto escolar?

E4 – Bem, eu sempre falo a língua portuguesa com eles, também há alunos que mesmo falando crioulo eles falam a língua portuguesa, dificilmente comunicam em língua crioula e estes até acham estranho quando encontrarem um professor a falar a língua crioula no recinto escolar.

Pesq. - Quais são as atividades que os alunos realizam com mais frequência nas suas aulas?

E4 – As atividades que realizo são exercícios em pares ou de forma individual no quadro, o que permite identificar e ajudar estes alunos e ainda aqueles com mais dificuldades em termos de aprendizagem, às vezes também damos tarefas de casa para poderem executar e melhorar essas dificuldades paulatinamente.

Pesq. - São atividades realizadas todos os dias e em cada aula?

E4 – Nem em todos os dias fazemos isso mas, de vez em quando fazemos quando acharmos que é necessário. Na medida que vão realizar estas atividades em casa nós corrigimos em conjunto dentro sala de aula. Também tentamos trabalhar para que os alunos com imensas dificuldades não sintam inferiores em relação aos alunos com mais facilidade de aprendizagem dentro da sala de aula. Para isso tentamos não identificar estes alunos no meio dos colegas, isso porque se fizermos com muita frequência acabaríamos por criar mais dificuldade a estes alunos dentro da sala de aula, porque os outros o veem como muito fracos ou incapazes de resolverem os exercícios que são propostos.

Pesq. – Pensa que estas atividades contribuem para a aprendizagem dos alunos?

E4 – Com certeza. Estas atividades contribuem bastante para que os alunos possam evoluir significativamente.

Pesq. - Como organiza os seus alunos na turma para aprenderem com mais facilidade?

E4 – A organização dos alunos dentro da sala depende do conteúdo a ser transmitido na aula. Considerando que a abordagem de cada conteúdo solicita o uso das estratégias que proporcionam a aprendizagem dos alunos.

Pesq. – Consegue organizar os alunos em pares ou em pequenos e grandes grupos para realização de diferentes tarefas?

E4 – Eu trabalho raramente em grupos, trabalho mais em pares ou de forma individual.

Pesq. - Porque é que gostas mais de trabalhar os alunos em pares ou de forma individual?

E4 – Porque em pares os alunos sentem-se mais à vontade e conseguem comunicar entre eles abertamente, partilham os saberes para depois darem as respostas. Por isso eu penso que trabalhar em pares dá a possibilidade para se discutirem e depois apontar as soluções mais acertadas sobre uma determinada matéria.

Pesq. - Existe uma preocupação permanente em cada aula com a aprendizagem dos alunos em cada aula?

E4 – Naturalmente é a minha preocupação enquanto professor. Porque o meu objetivo é de facilitar os alunos.

Pesq. - Nunca sente cansado ou perturbado com os alunos?

E4 – Nunca senti cansado com os alunos e acho que nunca sentirei isso. É verdade que às vezes eu fico um pouco perturbado dado o meu relacionamento com eles, mas isso também é devido o ambiente de interação proporcionado para que possam exprimir abertamente, ainda bem que é a disciplina da língua portuguesa. Neste ambiente aparecem às vezes aqueles que acabam fazendo barulho dentro da sala. Felizmente eu sei distinguir as coisas, mostro para eles que o que está a acontecer não está ligada a aula, chamando a atenção sempre para que possamos estar ligados à aula.

Pesq. – O que gosta mais de motivar na aula da língua portuguesa para os seus alunos?

E4 – Gosto mais de motivar a comunicação ou a oralidade Tenho dado esta abertura para todos. Não como eu vejo alguns professores durante as suas aulas quase que não se pode falar sem que seja dirigida a palavra, os alunos ficam mesmo caladinhos, eu considero de prejudicial para a aprendizagem do aluno.

Pesq. - Que método/estratégia de ensino usa com os seus alunos?

E4 – Como eu disse, dentre muitos que existem procuro aplicar o mais adequado para cada momento. Neste momento posso dizer que uso mais o método ativo e a exposição dialogada.

Pesq. - Que método/estratégia adota para os alunos com dificuldades de aprendizagem na sua disciplina?

E4 – Quando deparo com esta situação, procuro o mais adequado. Quer isso dizer que variamos os métodos.

Pesq. - Enquanto o professor, alguma vez beneficiou de apoio dos supervisores ou inspetores por parte do ministério da educação para facilitar no seu trabalho?

E4 – O apoio dos supervisores ou inspetores nunca tive. Não me lembro de ter recebido apoio do gênero, praticamente não. Até porque pelo que eu sei ainda nós não temos supervisores são simples inspetores que foram recrutados recentemente (parece há 2, 3 anos atrás) e a intervenção destes na escola não é visível regularmente. Embora estiveram aqui algumas vezes que eu me lembro mas, nunca acompanharam as minhas aulas.

Pesq. - Significa que o que tem recebido na escola de formação, as suas experiências é o que tem aplicado durante todo este tempo no seu trabalho?

E4 – Pois, claro que sim. Não tenho recebido apoio por parte do ministério de educação no domínio da formação e muito menos através desta equipa que aqui estás a mencionar.

Pesq. - Mas acha que seria importante se tivesse recebido apoio do gênero?

E4 – Seria muito importante mesmo. É o que qualquer servidor profissional espera no seu trabalho. O que obviamente me permitiria melhorar o meu trabalho. O único apoio que eu recebo aqui é por parte do presidente do conselho técnico pedagógico que algumas vezes tivemos conversas sobre o trabalho. Mas como sabes não é suficiente para poder melhorar o meu trabalho.

Pesq. - Como avalia o trabalho dos inspetores/supervisores no desenvolvimento profissional e pessoal do seu trabalho?

E4 – É importante compreender que só a partir do supervisionamento das nossas ações dentro das salas de aula enquanto professor é que vamos melhorar esta nossa forma de atuar de

forma mais consciente, responsável e eficiente. O que significa que em termos profissionais estaríamos evoluindo gradualmente, melhorando a nossa atuação dentro da sala de aula e em última análise, proporcionando aos alunos ambientes mais agradáveis de aprendizagem.

Pesq. - Acha que o trabalho dos inspetores/supervisores pode contribuir para uma melhoria nas atividades da escola, dos professores e na aprendizagem dos alunos?

E4 – De certeza que sim. Eu diria que o nosso progresso neste trabalho depende grandemente do apoio supervisão que podemos receber por parte dos que nos avaliam e em consequência isso vai contribuir para a aprendizagem dos nossos alunos. A nossa avaliação condiciona automaticamente a nossa atuação para a eficácia, porém, a nossa eficácia significa a melhoria nas aprendizagens dos nossos alunos.

Pesq. - Quais, no seu entender, são os contributos da supervisão pedagógica para o ensino?

E4 – Como eu tinha dito, supervisionar as funcionalidades técnicas pedagógicas de uma escola, conhecendo a real situação da atuação pedagógica dos seus profissionais, os aspetos positivos e menos positivos que merecerão uma avaliação e correção.

Pesq. - Acha que a supervisão pedagógica pode contribuir para a melhoria e eficácia do sistema educativo? Como?

E4 – Sim, se os supervisores fizeram os seus trabalhos devidamente, não tem como deixar de ajudar ou impulsionar o sistema educativo.

Pesq. - O que acha que os supervisores devem fazer para dinamizar o trabalho dos professores?

E4 – Eu acho que os inspetores/supervisores devem ter uma presença permanente aqui na escola para acompanharem de perto o trabalho dos professores.

Pesq. – O senhor considera suficiente a intervenção dos supervisores no seu trabalho?

E4 – Não. Só se considera suficiente aquilo que tem beneficiado. Neste caso não posso considerar esta intervenção de suficiente porque não tenho beneficiado.

Pesq. - Que impactos acha que a supervisão pedagógica pode ter na aprendizagem do aluno?

E4 – Apesar de não ter beneficiado do apoio, percebo que tem impactos altamente positivos na aprendizagem dos alunos. Neste momento eu digo que faço um bom trabalho dentro da sala de aula com os meus alunos mas, se colhar não estou fazendo este bom trabalho para os alunos, isso porquê, o meu trabalho não está sendo acompanhado e avaliado por outra pessoa. E se assim for, facilmente se percebe que a supervisão pedagógica visa melhorar o trabalho do professor e consequentemente influenciar significativamente a aprendizagem do aluno.

Pesq. – Neste caso que avaliação faz do trabalho dos supervisores?

E4 – Eu avalio o trabalho dos inspetores como o de árbitros, que ajudam e fazem cumprir as normas que balizam desporto. Como pode imaginar, no campo educativo, os inspetores são parceiros ou colaboradores que ajudam quando necessário, os aspetos técnicos, científico-pedagógico.

Pesq. - Como é que o senhor planeia e avalia a qualidade do seu trabalho enquanto professor?

E4 – O planeamento dos trabalho depende aquilo que planeamos na comissão de estudo com colegas do mesmo coletivo na comissão de estudo. Mas em todo caso, planeio para os alunos. Por isso sinto que faço um bom trabalho. Isso porque, como sabes que um professor deve ser um professor reflexivo, neste sentido depois de cada aula devemos fazer uma auto avaliação do nosso trabalho, isso nos permite fazer melhor no outro dia e é isso que eu faço.

Pesq. - De certeza que faz a avaliação dos seus alunos, podes me dizer como é que faz o registro do aproveitamento dos seus alunos na aula? E qual é o critério usado para avaliar este rendimento dos alunos?

E4 – Faço as avaliações orais e avaliações escritas também, como é normal, aproveitamos mas a exploração de textos e outros exercícios gramaticais. Os resultados obtidos a partir destas avaliações nos permite compreender o nível de avanço dos alunos em cada etapa.

Pesq. - Enquanto professor, você tem uma ficha para controlar o rendimento escolar dos seus alunos durante as aulas e durante o ano letivo, e que permite situar os pais sobre o rendimento escolar dos seus educandos?

E4 – Tenho organizado uma ficha mas não implementei na escola para a avaliação dos meus alunos, já há dois anos, a não ser aquilo que a escola nos fornece para preencher. A ficha que eu criei tinha várias observações e isso dava a possibilidade de poder perceber melhor o nível de desempenho dos meus alunos.

Pesq. - Porque é que deixaste de aplicar esta ficha?

E4 – Eu apliquei durante três anos depois deixei de aplicar porque dava muito trabalho. Como sabes, são colocados muitos alunos dentro das salas, mesmo querendo não se consegue aplicar todas aquelas avaliações à todos os alunos.

Pesq. - No momento em que usava esta ficha e no momento em que deixaste de usá-las, em que momento sentiu-se que estavas mais empenhado no controle da aprendizagem dos seus aluno?

E4 – Claro que foi no momento em que eu usava aquelas fichas da avaliação. Muito embora dava muito trabalho mas ajudou-me bastante, eu conseguia conhecer todos os meus alunos pelos nomes e pelas suas dinâmicas. A dificuldade de aplicar esta ficha deve-se também ao próprio tempo de aulas que é de 45 minutos e com quantidade de alunos dentro da sala. Se tivéssemos número reduzidos dos alunos seria mais fácil de se aplicar.

Pesq. - Os teus alunos recorrem a ti fora da sala de aula, no recinto escolar, na sua casa ou nos outros lugares para apresentarem as suas preocupações, as suas dificuldades relativamente aos conteúdos da disciplina?

E4 – Acontece dentro e fora da sala de aula, mas só no recinto escolar, mas fora do recinto escolar é difícil.

Pesq. – Que avaliação faz do rendimento escolar dos seus alunos?

E4 – Eu percebo que apesar das dificuldades que enfrentamos aqui na escola, estamos indo bem. Os meus alunos estão se superando dia-pós-dia, evoluindo paulatinamente. Sabes que o ensino e aprendizagem é um processo que se vai construindo lentamente e em fases. Não podemos ensinar para uma criança uma determinada matéria e queremos que ela aprenda esta competência de imediato e que faça na prática da mesma forma. Também é preciso dizer que os alunos não são todos iguais e nem apresentam a mesma capacidade de assimilação da matéria, cada ser humano tem a capacidade de construir ele mesmo os seus significados. Daí que, é bom sempre levar em consideração que a verdadeira aprendizagem se amadurece e se constrói com o passar dos tempos. Por estas e outras razões, considero que o rendimento escolar dos meus alunos é bastante significativo dado aquilo que tenho visto e que tenho registrado durante o nosso trabalho, espero que isso melhore ainda mais.

Pesq. - Continuando esta nossa conversa, eu gostaria de saber qual é o seu horário semanal? E quantos meses o senhor trabalha por ano?

E4 – Semanalmente tenho 21 horas de trabalho porque tenho 5 turmas. Trabalhamos 11 meses por ano. Isso porque temos somente um mês de férias. Porque iniciamos no mês de setembro e Terminamos as aulas no mês de junho, depois disso ainda ficamos na escola para concluir correções das provas, realizar as avaliações extraordinárias, preencher as pautinhas e entre vários trabalhos. Mas durante o mês de julho e agosto você tem direito a escolher o mês para pedir férias, assim que terminar este mês você passa sempre na escola para facilitar nos trabalhos que a direção pode solicitar.

Pesq. - Quantos alunos tem em cada turma? E no total das turmas?

E4 – De momento não posso precisar o número total. Me permite ver as minhas fichas de avaliação. Veja só, fazendo a soma das turmas, tenho acima de 180 alunos em 5 turmas.

Pesq. - São muitos neste caso. Consegue andar com todos estes alunos, resolvendo os seus problemas individualmente a medida que vão aparecendo?

E4 – Eu tenho a certeza de que há aqueles que não consigo detectar e atingir suficientemente, levando em consideração que são muitos, não dá para atender todas as suas preocupações.

Pesq. – Você trabalha com que nível de ensino?

E4 – Para este ano letivo, eu trabalho sobretudo com os níveis de 10.º, 11.º e 12.º ano.

Pesq. - Tem preocupações em se atualizar ou seja fazer outras formações para facilitar no seu trabalho?

E4 – Claro que tenho. Embora isso não tenha acontecido mas o que queremos sempre é a formação em serviço. Eu me lembro última formação que tivemos foi a formação no domínio de apoio aos professores da língua portuguesa promovida pela FEC no ano de 2012.

Pesq. - Esta formação durou quanto tempo?

E4 – Durou 3 anos e acontecia só nos finais de semana.

Pesq. - De lá para cá fizeste 7 anos sem receber nenhuma outra formação?

E4 – É verdade.

Pesq. - Esta foi a única formação durante todos estes longos anos depois da primeira formação? A sua escola nunca promoveu uma ação de formação para a vossa superação?

E4 – Para não dizer que não aconteceu, digo que aconteceu mas, para mim o nível desta formação recebida é praticamente muito insuficiente.

Pesq. - Quantas vezes assistiu a formação aqui na vossa escola?

E4 – Duas vezes somente se a memória não me falhar. São seminários realizadas durante as férias com a duração de 2 dias.

Pesq. – Por isso acha que não é consistente?

E4 – Sim, acho que não é consistente. É preciso mais a ação de formação para todos os professores e que seja bem organizada para produzir efeitos positivos no nosso trabalho dentro das salas de aula com os nossos alunos.

Pesq. – Precisa de formação mais ou menos em que área?

E4 – De preferência na área pedagógica. Digo área pedagógica uma vez que sou professor e para poder atuar melhor facilitando os alunos, preciso conhecer a pedagogia nas suas diversas dimensões.

Pesq. - Nesta ótica, acha que sendo professor isso poderia ajudar no seu trabalho?

E4 – Sim. Poderia e vai ajudar muito. Não só para mim como para os outros colegas professores. Porque conseguimos verificar no nosso seio pequenas falhas na planificação e na execução dos nossos trabalhos através da aula modelo que realizamos durante as sessões de comissão de estudo. Aula modelo é um momento em que um professor é escolhido para simular uma aula na prática com a duração de 15 minutos. Ali constatamos que muitos professores para não dizer todos cometem falhas. Daí então percebe-se que é necessário fazer alguma coisa para a superação dos professores.

Pesq. – Uma vez detectadas estas falhas, que dinâmicas são realizadas para ajudar a ultrapassá-las?

E4 – Temos sempre trabalhado em conjunto para ultrapassar essas dificuldades. Assim que o professor terminar a aula apresentamos as partes menos conseguidos como forma de ajudar o professor a melhorar o seu trabalho. Essas orientações servem para os outros colegas professores.

Pesq. - Acha que todos os professores da sua área têm domínio suficiente em termos pedagógicos como em termos científicos?

E4 – Ao meu ver acho que sim. São competentes nestes domínios.

Pesq. - Todos têm uma formação sólida e conseguem fazer face aos desafios da escola?

E4 – Todos têm uma formação pedagógica, realmente conseguem fazer face aos desafios, eu não diria a 100% mas, segundo o que constatei e tenho acompanhado durante todo este tempo dá para dizer isso e afirmar que os professores fazem um bom trabalho. Apesar de tudo isso, é preciso autoformar-se constantemente.

Pesq. - Como avalia a sua relação com a direção, com os colegas professores, com os alunos e com os pais e encarregados da educação?

E4 – Bem, com os pais não tenho assim uma ligação constante e permanente. Mas com a direção da escola, tenho uma relação muito boa. Com os colegas professores tenho uma relação muito saudável e de ajuda mútua. Finalmente com os alunos tenho mantido uma relação de fraternidade e de apoio.

Pesq. - Como consegue saber que a sua relação é boa?

E4 – É fácil de se entender pelas conversas e pelos laços.

Pesq. - O que faz para gerar um bom clima relacional na escola?

E4 – Nada que não seja respeitar as diferenças e valorizar o relacionamento.

Pesq. - Pensa que os espaços interiores e exteriores são suficientes e adequados aos alunos e professores?

E4 – Não. Acho que as salas de aula não são suficientes e bem organizadas. Se levarmos em consideração aquilo que falamos há bocado sobre a superlotação dos alunos dentro da sala de aulas, vamos ver que não são suficientes. Porque se for ver, as carteiras dos alunos estão muito próximos do quadro, o que justifica que os alunos são muitos aquilo é bastante prejudicial tanto para os alunos como para os professores, até porque o professor não tem sequer um espaço para poder movimentar-se.

Pesq. - Acha que a sala de professores é confortável para a preparação da aula e encontros de pequenos acertos com colegas professores?

E4 – A sala dos professores não é confortável e não oferece condições para o professor fazer muita coisa porque também é uma sala muito pequena para o número dos professores desta escola. Ainda que é pequena também as cadeiras não são suficientes para todos os professores.

Pesq. - Você tem materiais suficientes para trabalhar com os seus alunos na sua área?

E4 – Claro que tenho materiais didáticos para apoiar no meu trabalho, muito embora que não são suficientes para todas as atividades da aprendizagem.

Pesq. - É a escola quem fornece estes materiais?

E4 – Não. Não é a escola. Consegui através do meu esforço e do meu bolso. A escola preocupa-se mais com a planificação e a execução dos conteúdos dentro da sala de aula, o resto é o professor quem vai procurar os seus instrumentos de trabalho.

Pesq. – Isso parece confirmar que a escola não tem uma biblioteca que permite o professor organizar de melhor maneira o seu trabalho?

E4 – Biblioteca...! nunca vi. Dizem que a escola tem muitos livros oferecidos mas que nunca eu tive acesso e nem sei dizer quais são esses livros.

Pesq. - Isso significa que não podemos falar dos computadores e muito menos da internet?

E4 – Computadores para os professores da escola não tem, havia internet Wi-Fi na sala da administradora que também o que me parece não está a funcionar há muito, eu me lembro de ter usado algumas vezes com o meu computador.

Pesq. - Tem a preocupação de gerar igualdade de oportunidade entre os seus alunos dentro da sala de aula?

E4 – Se eu não fizer isso significa que não estou a trabalhar. Todos devem ter a mesma oportunidade de questionar, de participar, de apresentarem as suas preocupações durante os nossos encontros.

Pesq. - Mas essa igualdade de oportunidade é dada quer em termos de diferenças do género, diferenças étnicas e linguística, deficiência física... dos alunos dentro da sala de aula?

E4 – O quê que eu diria sobre isso, os alunos são todos iguais dentro da sala de aula são todos trabalhados de igual forma, uma única medida e sem diferenciação. Até porque diferenciar os alunos nunca passou pela minha cabeça.

Pesq. - Como é que você trabalha para criar estas oportunidades aos alunos?

E4 – Da forma como eu trabalho com um aluno é da mesma forma que trabalho com os outros alunos, dependendo das dificuldades eu simplesmente acabo por modificar os métodos

e estratégias do trabalho, não me importo se o outro é X o outro é K.

Pesq. – Desta forma acha que a escola pode ser um espaço para criar maior igualdade de oportunidades? Porquê? E como?

E4 – Acho sim. A escola é um espaço onde se pode formar mais igualdade entre as pessoas.

Pesq. - Como faz para assegurar a participação dos pais e encarregados de educação na aprendizagem dos seus educandos?

E4 – Na verdade nunca envolvi os pais.

Pesq. - Não acha que seria necessário porque os pais permanecem mais tempo com os seus educandos?

E4 – Percebo que é necessário mas eu nunca tive de facto esta dinâmica. O que eu faço sempre é reportar estas informações dos alunos à direção da escola para estes transmitirem aos pais e, quando é um problema de indisciplina recorro mais ao conselho disciplinar da escola.

Pesq. - A direção da escola faz reuniões periódicas com os pais e encarregados da educação?

E4 – Sim. Por isso eu acho que este fórum é melhor. Ou também pode ser individualmente solicitando os pais para comparecerem na escola e colocarem essas preocupações, sobretudo quando é preciso.

Pesq. - Como avalia a sua relação com os pais e encarregados da educação?

E4 – Uma relação boa até este momento. Mas pelo que estou a perceber agora esta relação deveria ser muito mais que isso.

Pesq. – Tem demonstrado sempre uma preocupação com a qualidade dos conteúdos que os alunos vão aprender nas suas aulas e na sua disciplina?

E4 – Enquanto professor, pode acreditar que é a minha maior preocupação.

Pesq. - Isso justifica preparar e fazer um bom trabalho antes de estar dentro da sala de aula?

E4 – Claro que sim, é uma preocupação constante preparar-se melhor antes de executar o próprio trabalho porque as aulas se preparam antes de entrar na sala.

Pesq. - Enquanto professor faz frequentemente a auto-avaliação do seu trabalho?

E4 – Fazer a auto-avaliação é uma obrigação. Porque é o que nos ajuda a detectar o que está bem como também compreender as nossas falhas e tentar supera-las.

Pesq. - Pesq. - Neste caso, você sente a necessidade de ser avaliado quer a nível interna como externa, isto é, uma avaliação feita a partir da sua própria escola ou a partir do próprio Ministério Educação?

E4 – Eu posso dizer que preciso muito. Eu preciso superar-me e subir na carreira.

Olha, independentemente de eu poder fazer a auto-avaliação do meu trabalho preciso também de uma outra pessoa para me avaliar, porque posso não conseguir detectar algumas falhas que eu mesmo comento durante o meu trabalho mas, se for uma pessoa a me observar pode e vai com certeza detectar muitas falhas e em consequência criar mecanismos para supera-las. Apesar de depois das aulas nós sempre podemos fazer uma auto-avaliação porque também o professor deve ser um professor reflexivo mas nunca é demais e é necessário mesmo ter outra entidade para nos avaliar.

Pesq. - Pretende que seja avaliado de ano para ano? Porquê?

E4 – Se dependesse de mim seria assim. Por mais que estamos sendo avaliados iremos conhecer as nossas dificuldades e limitações no desenvolver da nossa profissão. Mas não só isso, como também vamos superá-las.

Pesq. – Que avaliação faz da sua escola?

E4 – Seja como for a escola está a melhorar aos poucos em certos domínios. Muito embora não é assim como o esperado por todos nós. Durante os anos de funcionamento desta escola é mais que suficiente para ultrapassarmos muitas dificuldades elementares que hoje são patentes nesta escola.

Pesq. - Para terminarmos esta nossa conversa, você enquanto professor, quais são as suas preocupações com os alunos, os colegas professores, a direção da escola e os pais e encarregados de educação?

E4 – A minha maior preocupação com os alunos é oferecer-lhes uma base sólida para poderem prosseguir nos seus estudos. Ainda de salientar que muitas vezes os alunos quando chegam estes níveis de 10.º, 11.º e 12.º ano chegam com uma aprendizagem muito fraca, ao trabalhar com eles você depara que têm imensas dificuldades. Então, quando é assim, isso dificulta grandemente o próprio professor. Enquanto aos professores eu diria que é necessário fazer frequentemente reciclagens para se atualizarem nos seus conteúdos e promover sempre que possível uma aprendizagem sólida aos alunos. Ainda bem que a formação nunca chega para um profissional uma pessoa que quer aprender, por mais que a pessoa pode considerar-se que é bom no seu trabalho sempre precisa atualizar-se. Enquanto aos pais e encarregados da educação a minha preocupação sempre prende-se com o acompanhamentos dos seus educandos porque o professor não pode fazer tudo sozinho.

Pesq. - Não sei se tem alguma coisa a acrescentar?

E4 – Eu só quero agradecer por estar a fazer esse trabalho que todos nós precisamos, isto porque, o trabalho da supervisão pedagógica é muito importante no sentido em que possibilita o melhoramento do trabalho do professor e fazê-lo superar na sua vida pessoal e profissional.

Finalmente agradeço por me ter escolhido para fazer parte deste seu trabalho.

Pesq. - Eu que agradeço, por ouvir e perceber as suas experiências profissionais. Digo mais uma vez muito obrigado!

Anexo XIV – Quadro resumo das categorias, subcategorias e unidades de registo das entrevistas

ategorias	Subcatego rias	Unidades de Registo
ESCOLA	Espaço interior e exterior	<p>E1- Independentemente do espaço do recreio que achamos um pouco confortável para os alunos, as salas de aula não são suficientes para o número de alunos(...) A sala de professores dada a sua dimensão também não é ampla, nem confortável.</p> <p>E2-. A sala dos professores também é muito pequena e não está em perfeitas condições. No que refere a qualidade das salas de aula posso dizer que têm mínimas condições em comparação com a maioria das outras escolas (...)</p> <p>E3 Falando da sala dos professores que é uma sala tão pequena, se estivermos no intervalo de 15 minutos ficamos todos desconfortados (...) o recinto escolar também é a mesma coisa, tendo em consideração o número dos alunos inscritos na escola já não vamos falar das salas de aulas que são praticamente pequenas e superlotadas.</p> <p>E4- As salas de aula não são suficientes e bem organizadas. (...) as carteiras dos alunos estão muito próximos do quadro, o que justifica que os alunos são muitos, (...) bastante prejudicial tanto para os alunos como para os professores.</p>
	Materiais didáticos	<p>E1- Para os professores posso afirmar que não temos disponibilizado materiais didáticos. Diferentemente dos alunos, que nem sempre, mas de vez em quando recebem apoio de livros por parte no ministério da educação.</p> <p>E2- – Para os professores não tem materiais didáticos disponibilizados por parte da escola. Temos muitos livros para os professores e alunos mas não temos bibliotecas, ainda que, sempre que o ministério faz a distribuição de materiais para os alunos nós beneficiamos e fazemos chegar a estes.</p> <p>E3- Tenho alguns, mas que não é suficiente. Dado que a própria escola não tem nem a biblioteca enquanto mais um laboratório.</p> <p>E4- Claro que tenho materiais didáticos para apoiar no meu trabalho, muito embora que não são suficientes para todas as atividades da aprendizagem.</p>

SUPERVISÃO PEDAGÓGICA	Como a supervisão apoia os professores	<p>E1- Eles acompanham o plano curricular da escola através da planificação mensal elaborada nas nossas comissões de estudo. Através do acompanhamento pedagógico que realizam com o professor eles conseguem perceber a coerência dos conteúdos científicos que os professores lecionam e, da mesma forma conseguem perceber o aspeto pedagógico do professor dentro da sala de aula. Estes passos permite-lhe através do diálogo orientar de melhor maneira o professor quer no aspeto científico como pedagógico.</p> <p>E2- A administradora e o vice-coordenador da escola são pessoas que fazem a supervisão aos professores nas suas práticas dentro da sala de aula. Muito embora isso não acontece diariamente, mas em todo o caso funciona.</p> <p>E3- Na verdade recebi pouco apoio dos inspetores/supervisores. Passei vários anos sem que alguém me acompanhasse neste trabalho. Mas no ano passado e neste ano tive alguns acompanhamentos pedagógico.</p> <p>E4- O apoio dos supervisores ou inspetores nunca tive. Não me lembro de ter recebido apoio do gênero, praticamente não.</p>
	Suficiência/insuficiência dos supervisores no apoio ao professor	<p>E1- Não é nada suficiente. Não podemos ignorar o apoio, mas é insignificante para a melhoria do trabalho dos professores é preciso mais que isso... A atividade letiva precisa de uma orientação diária.</p> <p>E2- (...) são insuficientes e não conseguem estar aqui na escola regularmente, às vezes leva um mês para virem cá. O que justifica que o apoio é insuficiente (...)</p> <p>E3- (...) Recebi poucas vezes a orientação de um supervisor no meu trabalho, ... considero ser muito insuficiente...</p> <p>E4- (...), pelo que eu sei ainda nós não temos supervisores são simples inspetores que foram recrutados recentemente (parece há 2, 3 anos atrás) e a intervenção destes na escola não é visível regularmente. Embora estiveram aqui algumas vezes que eu me lembro mas, nunca acompanharam as minhas aulas.</p>

	Impactos na aprendizagem do aluno	<p>E1- (...) podemos resumir dizendo que a supervisão pedagógica é o que condiciona uma aprendizagem mais significativa aos alunos. Sem ela, o professor não vai poder fazer o seu trabalho e em consequência os alunos não poderão aprender com muita dificuldade.</p> <p>E2- (...) Isso contribui muito, eu diria até que é indispensável para a escola e para os professores mas, em particular para o próprio aluno. Digo isso porque, todo o nosso trabalho tem como o objetivo único atender as preocupações do aluno. Daí que podemos dizer que se o professor tiver o apoio e orientação coesa para a melhoria do seu trabalho com os alunos dentro da sala de aula, o processo de ensino seria muito mais fácil e em consequência a aprendizagem dos alunos passa a ser muito mais significativo e consistente.</p> <p>E3- Se considerarmos que é o supervisor quem mantém uma estreita ligação com o trabalho do professor, acompanhando, apoiando e orientando-o para uma atuação melhor dentro da sala de aula, podemos perceber que a sua atuação é determinante para a aprendizagem do aluno. Porque se assim for, o professor vai melhorar a sua atuação e, em consequência os alunos estarão aprendendo com mais facilidade e de forma mais sólida.</p> <p>E4- Apesar de não ter beneficiado do apoio, percebo que tem impactos altamente positivos na aprendizagem dos alunos. Neste momento eu digo que faço um bom trabalho dentro da sala de aula com os meus alunos mas, se calhar não estou fazendo este bom trabalho para os alunos, isso porquê, o meu trabalho não está sendo acompanhado e avaliado por outra pessoa. E se assim for, facilmente se percebe que a supervisão pedagógica visa melhorar o trabalho do professor e consequentemente influenciar significativamente a aprendizagem do aluno.</p>
--	-----------------------------------	--

	Contributos para o desenvolvimento profissional e pessoal do professor	<p>E1- Em termos profissionais, a supervisão pedagógica é passo gigantesco para melhoramento do trabalho docente. O professor não pode evoluir sem ter um acompanhamento exterior no seu trabalho. Daí que a supervisão passa ser um mecanismo que permite o professor superar em termos profissionais e poder fazer e refazer da melhor maneira o seu trabalho.</p> <p>E2- (...) não tem nenhum profissional capaz de fazer melhor por si só, sem que esteja alguém ajudando. Sem o acompanhamento nas nossas ações, dificilmente conseguiremos fazer o melhor. É através dos acompanhamentos e feedback com os supervisores que vamos identificar, reconhecer e melhorar paulatinamente as nossas falhas e fazer o melhor. O que significa que é o que nos faz superar as nossas falhas no exercício da nossa profissão docente.</p> <p>E3- Isso não só em termos profissionais mas em termos pessoais também ajuda a agilizar o trabalho com alunos dentro da sala de aula. Isso me ajudou bastante no meu trabalho com os alunos dentro da sala de aula. (...) porque da primeira vez que passaram aqui debatemos muito sobre a planificação e estratégias da aula, daí algumas lacunas que faltavam na minha planificação e algumas coisas estavam lá que não deveriam estar e que eu não tinha percebido na altura tornaram mais claro, eu gostei bastante.</p> <p>E4- É importante compreender que só a partir do supervisionamento das nossas ações dentro das salas de aula enquanto professor é que vamos melhorar esta nossa forma de atuar de forma mais consciente, responsável e eficiente. O que significa que em termos profissionais estaríamos evoluindo gradualmente, melhorando a nossa atuação dentro da sala de aula e em última análise, proporcionando aos alunos ambientes mais agradáveis de aprendizagem.</p>
--	--	--

	Melhoria do sistema de ensino	<p>E1- Sem exagero, eu diria que é a única via para saímos desta situação de falta de competência dos nossos alunos. Sabe-se que a eficácia no trabalho dos professores implica a eficácia do sistema de ensino. Tudo o que podemos dizer sobre a eficácia do sistema passa necessariamente pela boa atuação dos professores dentre da sala de aula e em consequência uma boa aprendizagem dos alunos.</p> <p>E2- Nenhum sistema de ensino no mundo pode concretizar os seus objetivos educacionais e responder as exigências de sociedade sem que os seus profissionais estejam conscientes e preparados para o desempenhar das suas funções. Para que isso possa ser uma realidade é preciso que os professores sejam acompanhados no exercício das suas práticas profissionais convista a compreender as suas verdadeiras atuações e poder-se-à facilitá-los. Porém, tudo isso passa necessariamente pelo apoio efetivo dos supervisores pedagógicos.</p> <p>E3- Uma supervisão pedagógica eficiente leva e disponibiliza mais ferramentas, confere mais estratégias quer à escola quer ao professor, para a criação de um ambiente de aprendizagem mais favorável e promove encontros de capacitação na matéria pedagógica. (...) Através da supervisão é possível promover encontros de capacitação no domínio pedagógico aos professores, permitindo estes adequarem os objetivos dos conteúdos, tornando-os mais eficaz na assimilação e na sua transmissão aos alunos.</p> <p>E4- (...) se os supervisores fizeram os seus trabalhos devidamente, não tem como deixar de ajudar ou impulsionar o sistema educativo.</p>
	Avaliação do trabalho dos supervisores	<p>E1- Dada a insuficiência destes, eu considero de razoável. É verdade que a supervisão pedagógica quer interna como externa se for feita de boa forma é importante.</p> <p>E2- A supervisão pedagógica sempre é a parte mais útil para o avanço do sistema de ensino. Dado que ela tem as suas implicações no trabalho dos professores e na aprendizagem dos alunos.</p> <p>E3- De poucas vezes que estivemos juntos nas minhas aulas, considero ser muito bom e com impactos positivo imediatos no trabalho.</p> <p>E4- Eu avalio o trabalho dos inspetores como o de árbitros, que ajudam e fazem cumprir as normas que balizam desporto. Como pode imaginar, no campo educativo, os inspetores são parceiros ou colaboradores que ajudam quando necessário, os aspetos técnicos, científico- pedagógico.</p>

	Como dinamizar o trabalho dos professores	<p>E1- Eu acho que a melhor via para pôr fim a estas dificuldades é formar um corpo de supervisores suficiente e eficaz capaz de responder as necessidades dos professores nas suas práticas pedagógicas.</p> <p>E2- Creio que devem ter uma intervenção mais participativa junto dos professores. É preciso manter mais aproximação aos professores, acompanha-los nas suas atividades, porque só assim estarão em condições de compreender as suas dificuldades e potencialidades e em consequência propor alternativas mais acertadas para uma atuação mais eficaz.</p> <p>E3- Creio que devem ser proativos, intrangigentes nas correções, educativos, flexíveis e inovadores.</p> <p>E4- Eu acho que os inspetores/supervisores devem ter uma presença permanente aqui na escola para acompanharem de perto o trabalho dos professores.</p>
AValiação	Eficácia dos professores	<p>E1- (...) posso afirmar que os professores fazem um grande trabalho. Porque também nós controlamos os seus trabalhos e apoiamo-los. (...) Os professores recém-formados é que apresentam algumas dificuldades pedagógicas nos primeiros anos do exercício dos seus trabalhos.</p> <p>E2- Eu acredito que os professores fazem um grande trabalho. (...) digo que dentro e fora das salas de aula os professores fazem um trabalho imenso, quer as atividades pedagógicas, científicas e culturais. Basta ver os resultados dos alunos. Embora não podemos ignorar as dificuldades enfrentadas pela escola e no dia-a-dia dos professores.</p> <p>E3- É na base desta planificação diária que conseguimos avaliar o nosso trabalho se está indo bem ou não. Assim sendo, eu posso dizer que faço o meu trabalho na medida do possível para que seja um bom trabalho e com resultados positivos para a aprendizagem dos aluno.</p> <p>E4- Todos têm uma formação pedagógica, realmente conseguem fazer face aos desafios, eu não diria a 100% mas, segundo o que constatei e tenho acompanhado durante todo este tempo dá para dizer isso e afirmar que os professores fazem um bom trabalho.</p>

	Rendimento escolar dos alunos	<p>E1- Eu acho que os alunos têm uma aprendizagem muito significativo. Digo isso baseando nos resultados finais da aprovação deles. Também os nossos alunos sempre tiveram boas apresentações nos encontros com outras instituições educativas.</p> <p>E2- Os nossos alunos sempre apresentam um nível de aprendizagem aceitável. Pode constatar isso a partir dos próprios alunos independentemente dos seus resultados finais mas, também nos seus encontros com outros alunos das outras escolas.</p> <p>E3- Em termos do curso complementar 10.º, 11.º e 12.º ano não são realmente bons para dizer a verdade, mas vamos ver nesse segundo trimestre se a escala vai melhorar, os alunos do 9.º ano tem duas turmas do bom nível mas, tem 3 turmas que precisam de um auxílio constante, no nível no oitavo ano tem um equilíbrio isto porque tem alunos bons e tem alunos que precisam também de apoio.</p> <p>E4- Eu percebo que apesar das dificuldades que enfrentamos aqui na escola, estamos indo bem. Os meus alunos estão se superando dia-pós-dia, evoluindo paulatinamente. (...) o ensino e aprendizagem é um processo que se vai construindo lentamente e em fases. Não podemos ensinar para uma criança uma determinada matéria e queremos que ela aprenda esta competência de imediato e que faça na prática da mesma forma. Também é preciso dizer que os alunos não são todos iguais e nem apresentam a mesma capacidade de assimilação da matéria, cada ser humano tem a capacidade de construir ele mesmo os seus significados. Daí que, é bom sempre levar em consideração que a verdadeira aprendizagem se amadurece e se constrói com o passar dos tempos. Por estas e outras razões, considero que o rendimento escolar dos meus alunos é bastante significativo dado aquilo que tenho visto e que tenho registrado durante o nosso trabalho, espero que isso melhore ainda mais.</p>
	Instituição	<p>E1- A escola está a evoluir lentamente. A escola apesar de não satisfazer todas as necessidades da comunidade em termos de acesso e todas as necessidades dos seus funcionários, consideramos que está na fase de crescimento.</p> <p>E2- Apesar das dificuldades, estamos indo pouco bem. Isso porque não conseguimos satisfazer as necessidades dos professores como dos alunos em termos de acesso a materiais didáticos, melhorar condições de trabalho dos professores.</p> <p>E3- Eu qualifico a minha escola como de nível razoável, dado que tem muitas carências e conseqüentemente muito ainda para fazer.</p> <p>E4- Seja como for a escola está a melhorar aos poucos em certos domínios. Muito embora não é assim como o esperado por todos nós.</p>

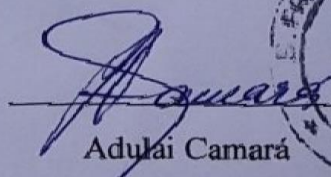
Métodos e estratégias de ensino e aprendizagem	Atividades realizadas com alunos	<p>E1 - atividades curriculares e extracurriculares que achamos serem importantes. Nas atividades extracurriculares uma atividade cultural denominada de balé.</p> <p>E2 - Aqui anualmente realizamos variadas atividades, entre as quais, as atividades culturais, visitas de estudo, excursões académicas, palestras, seminários entre várias outras atividades.</p> <p>E3- Não tenho uma atividade específica para aplicar diariamente nas minhas aulas. Tudo depende da planificação da aula e dos objetivos da aprendizagem. Cada aula tem o seu objetivo e que condiciona o uso de uma determinada estratégia, o que significa que é preciso definir o foco de cada nível, se os objetivos justificarem a implementação da estratégia interativa é aplicada.</p> <p>E4- As atividades que realizo são exercícios em pares ou de forma individual no quadro, o que permite identificar e ajudar estes alunos e ainda aqueles com mais dificuldades em termos de aprendizagem, às vezes também damos tarefas de casa para poderem executar e melhorar essas dificuldades paulatinamente.</p>
	Organização da turma	<p>E3- A organização da turma depende do conteúdo a ser tratado na aula e dos objetivos traçados.</p> <p>E4- A organização dos alunos dentro da sala depende do conteúdo a ser transmitido na aula. Considerando que a abordagem de cada conteúdo solicita o uso das estratégias que proporcionam a aprendizagem dos alunos.</p>

	Métodos adotados	<p>E1- Os professores usam diferentes métodos mas sobretudo os que proporcionam a maior aprendizagem aos alunos dentro da sala de aula, posso dizer que os professores usam mais os métodos ativos. Porque é o que temos orientado sempre para os professores, no sentido de promoverem atividades que possam pôr o aluno numa execução prática. Alguns professores trabalham usando estratégias de grupo com os seus alunos dentro e fora das salas de aula.</p> <p>E2- Nós aqui usamos diversos métodos. Contudo o método mais aplicado pelos professores é o método ativo. Pelo que achamos ser o mais adequado para despertar a aprendizagem dos alunos. Mas isso não quer dizer que é o único e mais útil. Sabe-se que a utilização do método depende grandemente do contexto da sala de aula e dos objetivos da aula, daí que é difícil ou senão impossível usar um método único para transmissão de todos os conteúdos à todos os alunos.</p> <p>E3- São vários métodos aplicados dependendo dos objetivos de cada aula. Pode ser método ativo, interrogativo, expositivo assim que a aula justificar. Muito embora que na minha disciplina é mais a prática e que assim solicita automaticamente mais ação.</p> <p>E4- Como eu disse, dentre muitos que existem procuro aplicar o mais adequado para cada momento. Neste momento posso dizer que uso mais o método ativo e a exposição dialogada.</p>
Planeamento	Das atividades letivas	<p>E1- O planeamento das atividades de cada turma depende dos objetivos traçado pela escola e das estratégias adotadas por professor para o sua concretização. Importa dizer que o planeamento depende grandemente das atividades calendarizadas pelo ministério da educação.</p> <p>E2- Começo por dizer que a nossa planificação obedece grandemente o plano nacional elaborado a partir do ministério da educação. Toda a nossa planificação é elaborada a partir da comissão de estudo que regularmente realizamos na primeira semana de cada mês.</p> <p>E3- Os conteúdos selecionados são extraídos no plano curricular nacional. Toda a minha planificação é feita a partir dos encontros na comissão de estudo que regularmente realizamos em cada início do mês. Sabe-se que a planificação da aula parece uma folha apenas mas não.</p> <p>E4- O planeamento dos trabalhos depende daquilo que planeamos na comissão de estudo com colegas do mesmo coletivo na comissão de estudo. Mas em todo caso, planeio para os alunos.</p>

AUTORIZAÇÃO

Eu, Adulai Camará, diretor da Escola “Complexo Escolar São Francisco de Assis/Antula” venho, através deste documento, comunicar ao estudante Sene Djau, inscrito e a cursar o Mestrado em Educação, na especialização de Supervisão e Orientação da Prática Profissional, do Instituto de Educação da Universidade de Lisboa, sob orientação do Professor Doutor Luís Alexandre da Fonseca Tinoca e que está a desenvolver uma investigação nesta escola sob o título : «Supervisão e Orientação da Prática Profissional» que autorizo o referido estudante a utilizar o nome do Complexo Escolar São Francisco de Assis/Antula no corpo de seu trabalho, autorizo ainda a mesma utilização em futuros artigos, seminários e eventos científicos e académicos que o Sene Djau venha a participar depois de concluir esta investigação tal qual o mestrado em educação.

A Direção,


Adulai Camará



02 de junho de 2020.